



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA**  
**AMAZÔNIA**

**CARLOS EDUARDO DOS SANTOS E SANTOS**

**DO PONTO DE VISTA DA CASERNA:**  
**MEMÓRIAS DO COTIDIANO E EXPERIÊNCIAS DE**  
**MILITARES DA AERONÁUTICA EM BELÉM DURANTE O REGIME**  
**MILITAR (1964-1985)**

**Belém**

**2011**

**CARLOS EDUARDO DOS SANTOS E SANTOS**

**DO PONTO DE VISTA DA CASERNA:  
MEMÓRIAS DO COTIDIANO E EXPERIÊNCIAS DE  
MILITARES DA AERONÁUTICA EM BELÉM DURANTE O REGIME  
MILITAR (1964-1985)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará. Orientador: Professor Doutor Antônio Maurício Dias da Costa (PPHIST). Co-Orientador: Professor Doutor Pere Petit Peñarrocha (PPHIST)

**Belém**

**2011**

### **Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

---

Santos, Carlos Eduardo dos Santos e

Do ponto de vista da caserna: memórias do cotidiano e experiências de militares da aeronáutica em Belém durante o regime militar (1964-1985) / Carlos Eduardo dos Santos e Santos; orientador, Antonio Maurício Dias da Costa; co-orientador, Pere Petit Peñarrocha. - 2011.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2011.

1. Belém (PA) - História - 1964-1985. 2. Relações entre civis e militares - Belém (PA). 3. Governo militar - Belém (PA). 4. Aeronáutica - Belém (PA) - História I. Título.

CDD - 22. ed. 981.15

---

**CARLOS EDUARDO DOS SANTOS E SANTOS**

**DO PONTO DE VISTA DA CASERNA:  
MEMÓRIAS DO COTIDIANO E EXPERIÊNCIAS DE  
MILITARES DA AERONÁUTICA EM BELÉM DURANTE O REGIME  
MILITAR (1964-1985)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará. Orientador: Professor Doutor Antônio Maurício Dias da Costa (PPHIST). Co-Orientador: Professor Doutor Pere Petit Peñarrocha (PPHIST)

**Data da Aprovação: 19 de Dezembro de 2011**

**Banca Examinadora:**

---

**Professor Doutor Antônio Maurício Dias da Costa – Orientador  
(PPHIST/UFPA)**

---

**Professor Doutor Pere Petit Peñarrocha – Co-Orientador. (PPHIST/UFPA)**

---

**Professor Doutor William Gaia Farias – Membro (PPHIST/UFPA)**

---

**Professora Doutora Kátia Mendonça – Membro (PPGCS/UFPA)**

---

**Professora Doutora Leila Mourão – Suplente (PPHIST/UFPA)**

---

## SUMÁRIO

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| RESUMO                                                                          |     |
| ABSTRACT                                                                        |     |
| LISTA DE ABREVIATURAS                                                           |     |
| LISTA DE IMAGENS                                                                |     |
| LISTA DOS QUADROS                                                               |     |
| LISTA DE TABELAS                                                                |     |
| IN MEMORIAN                                                                     |     |
| AGRADECIMENTOS                                                                  |     |
| INTRODUÇÃO.....                                                                 | 17  |
| Memórias de um cotidiano militar.....                                           | 17  |
| Caminhos da pesquisa: primeiros passos.....                                     | 17  |
| Primeiro respondo, depois pergunto.....                                         | 22  |
| Um Panorama.....                                                                | 26  |
| CAPÍTULO I: AÇÕES MILITARES: PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....                          | 29  |
| 1.1. Olhares sobre o Regime Militar.....                                        | 29  |
| 1.2. Militares na direção do País.....                                          | 60  |
| 1.3. Militares para além da política.....                                       | 72  |
| CAPÍTULO II: AERONÁUTICA NO BRASIL E EM BELÉM.....                              | 80  |
| 2.1. Força Aérea Brasileira e seus graduados: objetos de pesquisa.....          | 80  |
| 2.2. Força Aérea Brasileira: Presentes no Brasil e na Amazônia.....             | 84  |
| 2.3. Amazônia aos olhos de quem?.....                                           | 94  |
| 2.4. Catalina e Catalineiros: um efetivo militar específico na<br>Amazônia..... | 100 |
| CAPÍTULO III: MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS<br>DE UM MUNDO MILITAR.....   | 110 |
| 3.1. Militares e seu cotidiano: Primeiras Questões.....                         | 110 |
| 3.2. Reflexões sobre o Cotidiano.....                                           | 120 |
| 3.3. As Esferas Cotidianas da Vida Militar.....                                 | 126 |
| 3.4. Momentos Marcantes.....                                                    | 127 |
| 3.5. Caserna: Trabalhos e relacionamentos.....                                  | 134 |
| 3.6. O Lazer e o Descanso.....                                                  | 138 |

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 140 |
| FONTES.....               | 143 |
| DADOS BIOGRÁFICOS.....    | 145 |
| BIBLIOGRAFIA.....         | 149 |
| APÊNDICE.....             | 154 |

## **RESUMO**

Este estudo discute as percepções da população belenense sobre o período do Regime Militar de 1964, centrando a análise no segmento militar: Militares Graduados da Aeronáutica. Buscamos compreender a vivência destes no cotidiano da capital paraense no período de 1964-1985. Tal se manifesta para além da política e da economia, retratando aspectos da sociedade relativos ao trabalho, ao lazer e à vida privada, na qual as diferentes realidades e instâncias são vivenciadas e adquirem variados sentidos e significados no dia-a-dia. Temos o intuito de compreender os sentidos atribuídos pelos militares a suas atividades diárias, seja no âmbito institucional, seja no meio civil. Utilizamos para esta percepção a documentação (registros fotográficos, jornais internos, cartazes) do Primeiro Comando Aéreo Regional sediado em Belém (I COMAR), além de entrevistas sistematizadas de militares e seus familiares. Essas duas esferas – Civil-Militar – são cruzadas enfocando suas vivências no âmbito civil e podem ter uma relação direta ou indireta com as esferas políticas, econômicas e sociais do Regime Militar.

Palavras-Chaves: Aeronáutica. Cotidiano. Memórias. Militares. Regime Militar.

## **ABSTRACT**

This work discusses the perceptions of the population of Belém on the period of the military regime of 1964, focusing on the military segment: Graduates of Military Aeronautics. We seek to understand the experience of everyday life in the state capital in the period 1964-1985. It manifests itself beyond politics and economics, depicting aspects of the company relating to work, leisure and private life, in which the different situations and instances are experienced and acquire different meanings and senses in the day-to-day. We aim to understand the meanings attributed by the military to their daily activities, whether at the institutional level or in the middle calendar. We use this insight to the documentation (photographic records, newsletters, posters) of the First Regional Air Command headquartered in Belém (I COMAR), and systematic interviews of military personnel and their families. These two spheres - Civil-Military - are focused on crossing their experiences in the civil, may have a direct or indirect relation with the political, economic and social aspects of the military regime.

Key Words: Air Force. Daily Life. Memories. Military. Military Regime.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABRACAT: Associação Brasileira dos Catalineiros.

ACS: Assessoria de Comunicação Social.

AI: Ato Institucional.

ARENA: Aliança Renovadora Nacional

BASA: Banco da Amazônia S/A.

CAM: Correio Aéreo Militar.

CAN: Correio Aéreo Nacional.

CINDACTA: Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo.

COMARA: Comissão de Aeroportos da Região Amazônica.

CTA: Centro Tecnológico de Aeronáutica.

FAB: Força Aérea Brasileira.

FGV: Fundação Getúlio Vargas.

FUNAI: Fundação Nacional do Índio.

HGAB: História Geral da Aeronáutica Brasileira.

I COMAR: Primeiro Comando Aéreo Regional.

I ETA: Primeiro Esquadrão de Transporte Aéreo.

I GDA: Primeiro Grupo de Defesa Aérea.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDESP: Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará.

IES: Instituição de Ensino Superior.

IPD: Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento.

ITA: Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

JEC: Juventude Estudantil Católica.

JUC: Juventude Universitária Católica.

MDB: Movimento Democrático Brasileiro.

MPP: Música Popular Paraense.

PIB: Produto Interno Bruto.

PIN: Programa de Integração Nacional.

PT: Partido dos Trabalhadores.

PUC: Pontifícia Universidade Católica.

SIVAM: Sistema de Vigilância da Amazônia.

SPI: Serviço de Proteção ao Índio.

SPVEA: Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

SUDAM: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.

UAP: União Acadêmica Paraense.

UBES: União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

UFPA: Universidade Federal do Pará.

UNE: União Nacional dos Estudantes.

USP: Universidade de São Paulo.

## LISTA DE IMAGENS

|                                                                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Imagem 01: Inauguração da Sala Histórica do I COMAR.....                                                                       | 20  |
| Imagem 02: Primeiro Comodo da Sala Histórica.....                                                                              | 21  |
| Imagem 03: Foto do Suboficial Davi Santana (1970).....                                                                         | 37  |
| Imagem 04: Foto do Suboficial Davi Santana e seu grupamento em<br>missão no Marajó. (1972).....                                | 38  |
| Imagem 05: Acervo Pessoal do Suboficial Alfredo Oliveira.....                                                                  | 38  |
| Imagem 06: Traçado das Rodovias Transamazônica, Cuiabá-Santarém<br>e Belém-Brasília.....                                       | 66  |
| Imagem 07: Desmatamento da Amazônia.....                                                                                       | 69  |
| Imagem 08: Localização das Unidades da Aviação Naval quando foi<br>criado o Ministério da Aeronáutica. 1941.....               | 86  |
| Imagem 09: Disposição das Zonas Militares de Aviação do Exército<br>antes da criação do Ministério da Aeronáutica.....         | 87  |
| Imagem 10: Aviões Catalina (década de 1950-1960).....                                                                          | 88  |
| Imagem 11: C-47 Douglas em voo na Amazônia (1966).....                                                                         | 88  |
| Imagem 12: Base Aérea de Belém em Val-de-Cans. (1943).....                                                                     | 89  |
| Imagem 13: Base Aérea de Belém em Val-de-Cans. (2011).....                                                                     | 89  |
| Imagem 14: CINDACTAs I, II, III e IV e suas respectivas áreas de<br>atuação.....                                               | 93  |
| Imagem 15: Zonas Aéreas Brasileiras.....                                                                                       | 94  |
| Imagem 16: Comandos da Aeronáutica.....                                                                                        | 95  |
| Imagem 17: Amazônia Continental.....                                                                                           | 97  |
| Imagem 18: Amazônia Legal.....                                                                                                 | 98  |
| Imagem 19: Região Norte e seus respectivos estados.....                                                                        | 98  |
| Imagem 20: Foto do Suboficial Alfredo Oliveira ao lado de um banner<br>expondo um das marcas do trabalho dos Catalineiros..... | 103 |
| Imagem 21: Banner com o emblema da Associação Brasileira dos<br>Catalineiros.....                                              | 104 |
| Imagem 22: Suboficial Alfredo Oliveira numa tribo indígena. (Década<br>de 1970).....                                           | 106 |

|                                                                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Imagem 23: Visitas de Religiosos às comunidades ribeirinhas no Pará com apoio logístico da Força Aérea Brasileira (1966)..... | 107 |
| Imagem 24: Presença de clérigos e militares à comunidades ribeirinhas na Amazônia. (1966).....                                | 108 |
| Imagem 25: Douglas C-47 desembarcando equipamentos em aldeia indígena.....                                                    | 109 |
| Imagem 26: Militar Davi Santana da Silva em missão. 1975.....                                                                 | 115 |
| Imagem 27: Registro de Voo do Suboficial Alfredo (Folha 48). Janeiro de 1978.....                                             | 124 |
| Imagem 28: Registro de Voo do Suboficial Alfredo (Folha 49).....                                                              | 125 |

## **LISTA DOS QUADROS**

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 01: Hierarquia Militar Brasileira.....                | 31 |
| Quadro 02: Quadro dos Entrevistados.....                     | 75 |
| Quadro 03: Hierarquia Militar da Aeronáutica Brasileira..... | 82 |

## **LISTA DE TABELAS.**

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 01: População e Densidades Demográficas das Unidades da<br>Federação.....   | 62 |
| Tabela 02: Censo Demográfico 1970 (População Residente).....                       | 62 |
| Tabela 03: População do Estado do Pará, Região Norte e Brasil (1950-<br>2000)..... | 67 |

**IN MEMORIAN**

A Thaís Treptow (1953-2011).

## **AGRADECIMENTOS.**

À Deus, Pai Todo Poderoso, pela força e luz em minha vida, dando-me sempre a esperança de seguir em frente em todos os trabalhos e compromissos assumidos, e principalmente por senti-Lo sempre ao meu lado.

À CAPES/UFPA pelo apoio financeiro para a realização dos créditos do mestrado e o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores que colaboraram imensamente em minha formação, em especial ao meu Orientador, Professor Doutor Antônio Maurício Dias da Costa que contribuiu nas discussões e debates historiográficos, indicando livros e formas de pensar o trabalho. Ao Co-Orientador, Professor Doutor Pere Petit que a partir do seu conhecimento sobre o período pude seguir a pesquisa e entender melhor esse período e seus pormenores. Agradeço também aos professores das disciplinas que cursei, pois contribuíram decisivamente na forma de conceber a pesquisa e como apresentá-la; e a Professor Edilza Fontes pelas considerações feitas como membro da Banca de Qualificação. À Lílían Lopes – Secretária da PPHIST – profissional e amiga sempre atenciosa.

Aos entrevistados que me ajudaram, disponibilizando seu tempo para realização das entrevistas e que deram uma contribuição fundamental para o término do trabalho ao compartilharem suas vidas.

Ao Comandante do Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR) Major Brigadeiro-do-Ar Odil Martuchelli Ferreira pela autorização de pesquisa. Aos membros da Assessoria de Comunicação Social (ACS): Tenente Fernandes, Sargento Merivaldo, D. Silvia e ao Soldado Welington Oliveira, muito prestativos. Aos amigos militares Hermes Augusto, Luís Carlos da Hora e Rafael Costa Souza que proporcionaram um caminho “mais rápido” para a pesquisa.

Ao meu pai Raimundo B. dos Santos e minha mãe Terezinha S. e Santos pela decisiva atenção e cuidado que tiveram comigo nessa trajetória, principalmente no fim. Agradecimento que estendo a minha tia Virgilina B. Santos.

À Deyse Silva dos Santos, companheira que esteve presente em todos os momentos. Pela leitura, crítica e sugestões ao texto. Por ter me auxiliado no desenvolvimento desta pesquisa de vários modos, principalmente com seu carinho e amor.



Aos amigos do curso, Alan Christian, Barbara Palha, Eva Dayna Carneiro, Jacob Bernarrós, pela grande amizade que levo. Agradeço também aos amigos que estiveram no momento final da redação do presente texto que com suas leituras do escrito, palavras e incentivo ajudaram significativamente: próprio Alan, Alik Araújo, Ana Raquel Castro, Rafael Almeida e Shirleny Nascimento. Aos amigos presentes dentro e fora do ambiente acadêmico Aguinaldo Barros, Breno Vianna, Bruno Coutinho, Deyvid Fares, Douglas Filgueiras, Ethyane Lobato, Leyde Rose Garcia, Luiz Alexandre Barbosa, Marcos David, Marcelo Victor Pimentel.

Aos demais que estiveram comigo em distintos momentos, mas contribuíram, a sua maneira, neste trabalho.

Embora a presente dissertação tenha a contribuição de professores, entrevistados e amigos, qualquer informação aqui dada é de minha inteira responsabilidade.

## **INTRODUÇÃO.**

### **Memórias de um Cotidiano Militar.**

Analizamos como militares da baixa hierarquia da Aeronáutica, ingressos como soldados e egressos como sargentos ou suboficiais, ao fim de trinta anos de serviço militar, rememoram seu cotidiano da caserna e das missões desenvolvidas na região da Primeira Zona Aérea, correspondente à quase totalidade da Amazônia,<sup>1</sup> em tempos de Regime Militar.

Nos estudos que tratam do Regime Militar Brasileiro há um grande foco na atuação dos distintos grupos que se posicionaram contrários ao governo surgido em 1964, a partir da intervenção político-social organizada principalmente pelos militares das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). Consideram-se as distintas ações que os oposicionistas assumiram no decorrer dos anos que perdurou o governo militar e também dos anos subsequentes ao fim do mesmo. Instiga-nos, portanto, como se deu a inserção dos indivíduos e instituições que objetivavam a manutenção desse poder e/ou se incumbiam das principais diretrizes de sustentação do Governo Militar.

Nesse sentido a atuação dos militares nesse período é o foco desta pesquisa. Mas seu foco constitui-se na inserção de indivíduos, que eram militares numa sociedade que o reconhece como membro de uma nova força política, assim como responsável pela segurança e de defesa militar do território brasileiro.<sup>2</sup> Dentre as Forças Armadas, a Aeronáutica ganhou nosso interesse, à medida que no cenário paraense, nessas décadas, ela tornou-se um importante meio de garantir a segurança interna do país, principalmente numa região tão vasta e de difíceis acessos às outras Forças Armadas como é o caso da Amazônia. Nota-se também que no período de estudo, até a década de 1970, a sede das atividades da Força Aérea na Amazônia localizava-se em Belém, a única Base Aérea da região.

### **Caminhos da pesquisa: primeiros passos.**

O projeto de pesquisa que apresentei ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará destinava-se a entender o cotidiano da população de Belém durante o Regime Militar. Isto me levou a questões simples a exemplo de como foi a

---

<sup>1</sup> Cf. Imagem 15: “Zonas Aéreas Brasileiras”, p. 94.

<sup>2</sup> Aferição do Marechal-do-Ar Eduardo Gomes (Ministro da Aeronáutica de 1954-1955 e de 1965-1967) em reportagem da Revista Veja. Fonte: “Onde está o inimigo da Pátria?”. In: *VEJA*. São Paulo: Abril, 10 de Setembro de 1969, p. 35.

implantação do Regime Militar no país; de que modo a sociedade viu estes movimentos e o sentiram em sua vida cotidiana. Estas indagações se iniciaram pelo simples fato de que o meu conhecimento sobre esse período baseava-se numa matriz de explicação que se detinha às demandas políticas governamentais e aos movimentos de oposição ao governo. Mas emergia a questão da significância desse momento tanto para aqueles que não eram militantes e quanto para aqueles que eram do governo.

Durante o Regime Militar (1964-1985), muitos grupos que compunham o governo agiam para manter-se no poder. Estes segmentos sociais variavam desde os ligados diretamente a ele ou não, arregimentando movimentos e/ou partidos políticos como a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), únicos existentes no Brasil. Contribuíam para isso também discursos e práticas de instituições que legitimavam o regime, observáveis pela atuação das universidades, setores conservadores da Igreja Católica e outras instituições civis. São raros os estudos que tratam dos grupos que constituíam o governo quando comparados aos que tratam da oposição.

Dentre os diversos segmentos sociais que compunham e ainda compõe a sociedade, percebi que àqueles que serviram diretamente o Estado, mas especificamente no Poder Executivo agiram de forma ativa na manutenção do governo, seja em esfera federal e/ou estadual. E na manutenção desse poder, as Forças Armadas desempenharam importante papel, uma vez que compunham o mesmo a partir das “novas funções” que adquiriram ao estarem integrados ao governo a partir dos presidentes-militares, por exemplo.

O estudo a respeito da experiência cotidiana dos militares no Brasil não é novo. Trabalhos como o de Celso Castro<sup>3</sup> e Piero Leirner<sup>4</sup> atentam para vida dos militares numa perspectiva interna de entendimento das vicissitudes do ambiente militar. Os trabalhos pioneiros destes autores ajudam a entender o que seria esse “mundo militar”<sup>5</sup> evidenciando assim o sentido, a importância, a identidade e os pilares (morais, ideários) de sustentação das Forças Armadas.

Então, me detive com o grupo principal – a primeira vista, pelo menos – do governo de exceção: os próprios militares. Seguidamente, pensou-se nos militares do

---

<sup>3</sup> CASTRO, Celso. *O Espírito Militar: Um Antropólogo na Caserna*. São Paulo: Jorge Zahar, 1990.

<sup>4</sup> LEIRNER, Piero de Camargo. *Meia-volta volver: Um Estudo Antropológico sobre a Hierarquia Militar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

<sup>5</sup> Expressão usada pelos autores que indica todo o ambiente de convivência, regras, comportamento e demais atividades influenciadas direta ou indiretamente pelas diretrizes militares. Cf. CASTRO, Celso. Op. Cit.; LEIRNER, Piero. Op. Cit.

Exército, devido a ser a principal Força a ter representante nos fundamentais cargos da União e na Aeronáutica, por já desenvolver pequenos estudos sobre o tema e por conhecer alguns membros da referida instituição. Este trabalho não tem por objetivo dar conta de um estudo completo sobre as duas Instituições, tão abrangentes. Dessa forma, a dissertação centrou-se somente nos militares da Aeronáutica.

Mas o porquê desta escolha? A pesquisa, a coleta, a análise de fontes e a escrita de uma dissertação de mestrado com militares, implicam em questões diversas, tais como autorizações de pesquisa *in lócus* e pessoas dispostas a conceder entrevistas – utilizando-se dos métodos da História Oral – e por ter uma familiaridade com membros da Aeronáutica, pelo papel de integração da fronteira amazônica. Área que se buscava integrar, resguardar fruto de uma compreensão militar sobre a segurança do território amazônico e a consolidação da Força Aérea no Brasil.

Outro fator importante é justamente a atuação da Força Aérea na Amazônia. Nos diversos discursos dos governos transcorridos e da própria instituição, a Aeronáutica em suas atividades defenderam a Amazônia e proporcionaram um maior mapeamento e conhecimento estratégico sobre a região.

Sabe-se também que os membros destas instituições militares desenvolviam atividades que se manifestam para além da política, da economia. Foram investigados momentos cotidianos de seu ofício durante o Regime Militar, no qual as diferentes realidades e instâncias são vivenciadas e adquirem variados sentidos e significados no dia-a-dia. Tenho o intuito de analisar os discursos dos militares acerca de suas atividades diárias, seja no âmbito institucional, no meio civil ou militar.

Pergunta-se então, como se deu a inserção dos militares e suas famílias no bojo das práticas repressoras do Regime. Verificamos sua memória acerca de seu modo de vida e do seu cotidiano familiar, destacando a tensão entre: justificar, legitimar, sustentar política e ideologicamente o Regime Militar e ao mesmo tempo viver numa sociedade marcada pela inexistência de liberdades democráticas. Dei prioridade às atividades dos membros da instituição ao invés da própria instituição, estudando assim suas vivências e experiências no transcorrer dos anos a partir dos relatos dos interlocutores (militares) entrevistados e a documentação relativa a eles e à pesquisa.

Utilizei para esta percepção a documentação contida no Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR), principalmente àqueles contidos na Sala Histórica. Neste acervo,

constam quadros e esculturas; objetos e documentos utilizados pelos primeiros comandantes; mobiliário e fotos antigas da criação da 1ª Zona Aérea; uniformes e livros de manutenção dos aviões PBY Catalina; além de painéis e maquetes que remontam todo o período em que se iniciaram os trabalhos na região até os dias atuais.

Inaugurado em 05 de abril de 2010, tem como objetivo apresentar e preservar a história e identidade da Força Aérea Brasileira na região amazônica, assim como possibilitar um maior número de pesquisas sobre a instituição e a aviação.<sup>6</sup> Organizada em dois cômodos no qual o primeiro expõe os quadros, maquetes, placas informativas e esculturas relativas à História da Aeronáutica na Amazônia. No segundo encontramos os materiais fotográficos, diários de voos e atas que registram desde os momentos solenes aos informes diários da instituição. É um espaço de consulta interna e externa, posto que um dos objetivos é a promoção de novas pesquisas cuja Aeronáutica tenha participação, cabendo aos interessados apresentar a requisição de pesquisa e a documentação exigida junto à Assessoria de Comunicação Social, responsável pela Sala Histórica.<sup>7</sup>



Imagem 1: Inauguração da Sala Histórica do I COMAR. Belém-PA, 05 de Abril de 2010. Disponível em: [http://www.comar1.aer.mil.br/comar1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=44:inauguracao-sala-historica&catid=34:noticias&Itemid=46](http://www.comar1.aer.mil.br/comar1/index.php?option=com_content&view=article&id=44:inauguracao-sala-historica&catid=34:noticias&Itemid=46). Acessado em terça-feira, 21 de junho de 2011.

<sup>6</sup> Cf. Boletim Interno do I COMAR. Belém, quarta-feira, 07 de abril de 2010.

<sup>7</sup> Os documentos a mim exigidos foram a cópia do Projeto de Pesquisa, declaração de vínculo com o PPHIST-UFPA, já que a pesquisa é fruto do Mestrado realizado nessa instituição.



Imagem 2: Primeiro Cômodo da Sala Histórica. Nesta se encontram as placas, fotos, histórico da presença da Força Aérea Brasileira na Amazônia, através de suas várias instituições. Disponível em: [http://www.comar1.aer.mil.br/comar1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=44:inauguracao-sala-historica&catid=34:noticias&Itemid=46](http://www.comar1.aer.mil.br/comar1/index.php?option=com_content&view=article&id=44:inauguracao-sala-historica&catid=34:noticias&Itemid=46). Acessado em terça-feira, 21 de junho de 2011.

As entrevistas centraram-se nos membros da Aeronáutica que estejam na Reserva (aposentados),<sup>8</sup> o que caracteriza o cumprimento de trinta anos ou mais de serviço, sendo, portanto, partícipes do período estudado. Dentre o imenso quadro de militares centramo-nos nos sujeitos que estavam no posto mais baixo (graduados) da hierarquia militar e que por isso, não estavam inseridos – pelo menos diretamente - em atividades de comando. A análise neste grupo deve-se pelo fato de que esses, no momento em que exerciam suas atividades militares, desenvolviam funções que se direcionavam ao contato direto com os civis, sem, no entanto, implicar em ações de repressão; mas de assistência às comunidades e indivíduos locais e execução das metas estabelecidas pelo alto comando da Força Aérea.

Nas Forças Armadas, de modo geral, seus componentes são divididos em “Oficiais” – patentes mais altas – e “Graduados” – patentes baixas –, nos quais são responsáveis, respectivamente pela Gestão (Planejamento e Comando) e Assessoria/Execução.

Nota-se que embora tenha feito uso das entrevistas no trabalho, muitas das informações contidas foram obtidas em momentos nos quais o gravador não estava ligado, em conversas pessoais, antes e/ou posterior às próprias entrevistas. Informações também foram obtidas na ocasião em que analisava outra documentação e dúvidas surgidas ou esclarecimentos necessários fomentaram novas conversas.

<sup>8</sup> Adota-se o termo “Reserva”, pois em qualquer eventualidade estes podem ser reincorporados ao serviço a fim de garantir a execução de determinadas ações das Forças Armadas.

**Primeiro respondo, depois pergunto.**

“Não sou militar”. “Não sou filho de militar”. Estas foram as primeiras e rotineiras respostas que dei aos militares contatados para compor o presente estudo. Além dessas perguntas, me deparei com a seguinte: “O que te levou a pesquisar os militares?”. Geralmente minha resposta era historiográfica argumentando a existência de poucos trabalhos que enfocassem militares de baixa patente no período militar, assim como a abordagem cotidiana, que procura ver e entender as suas atividades quanto militar nesse momento específico sem um pré-julgamento a partir das intervenções oriundas de 1964.

Mesmo assim, é estranho naquele contexto alguém que não tem nenhum envolvimento com o mundo militar, se interessar por esse segmento. Esse estranhamento não foi exposto somente pelos militares. Colegas de turma e professores me fizeram as mesmas perguntas, no quais respondi da mesma forma.

Autores que se dedicam à compreensão do universo militar sempre apresentam esse momento de contato como imprescindível e até mesmo determinante na forma como prosseguirá a pesquisa. Ao contrário do que se pensa inicialmente, o contato com militares não foi difícil. Como citei anteriormente, tenho certa familiaridade com a Aeronáutica, pois meu alistamento obrigatório foi por essa instituição e com isso conheço minimamente sua estrutura e as sedes de determinados órgãos. Mas isso não foi muito significativo até o momento em que necessitei da documentação deles e esse simples detalhe ajudou na obtenção deles – mas isso foi mais para o final da pesquisa do que para seu início.

Para os primeiros contatos com esses militares recorri a dois amigos ligados a Aeronáutica: Hermes Augusto, que na época, pedira baixa,<sup>9</sup> mas que ainda mantinha contatos com a instituição e forneceu-me as primeiras informações para viabilizar a pesquisa. O outro amigo foi o soldado Luís Carlos da Hora ainda membro, que me apresentou a alguns militares que poderiam viabilizar a pesquisa. Fui apresentado a dois militares e a um civil, membro da Aeronáutica. Semanas depois realizei a primeira entrevista com o Suboficial Cruz Soares.

Outro caminho foi através de minha noiva que, tendo parente militar possibilitou o contato com seu tio que por sua vez me remeteu a outros colegas. O detalhe deste contato é o grupo aos quais pertenciam(em): os Catalineiros.<sup>10</sup> Conforme as entrevistas com esses

<sup>9</sup> “Baixa”: termo no qual o membro da Força Armada pede desligamento da instituição.

<sup>10</sup> Militares da Aeronáutica, mais precisamente aeronavegadores que se deslocavam pela Amazônia utilizando predominantemente o modelo PBY-Catalina. Ver imagem 10, p. 88.

militares eram feitas, novos contatos foram obtidos, sendo que parte deles também era com seus familiares. Embora mantivesse contato com familiares de algum militar, este não foi um objeto direto de pesquisa. O estudo sistemático sobre seus familiares demandaria muito tempo, mas quando possível se buscou essa particularidade.<sup>11</sup>

O terceiro caminho em busca de fontes orais foi através de um amigo militar que trabalha na Tesouraria do I COMAR e que possibilitou os contatos com outros militares da reserva e a intermediação da documentação necessária para autorização de pesquisa nos arquivos da referida instituição, localizadas na “Sala Histórica”. Esse laço de amizade me permitiu, novamente, ter acesso a documentos que me possibilitassem entender melhor a Aeronáutica enquanto instituição.<sup>12</sup>

Inicialmente não atentei para a importância que meus amigos e minha noiva tiveram nesse momento.<sup>13</sup> Essa proximidade resultou não somente em autorizações de pesquisa, mas no próprio contato com os militares. Na obra “Antropologia dos Militares” organizado por Celso Castro e Piero Leirner,<sup>14</sup> diversas experiências de pesquisa com militares são expostas. Encontrei autores que referendam a existência desse elo como importante para a investigação, no qual alguns eram amigos de militares, namorada ou professora da instituição.<sup>15</sup>

Cristina Rodrigues da Silva argumenta que a falta de um elo com a instituição que possibilite “um clima de confiança”<sup>16</sup> pode ser prejudicial à pesquisa, pois no mínimo as atividades se tornam mais demoradas.<sup>17</sup> A autorização de pesquisa perpassa pela hierarquia, o que implica em outras questões, como sublinha a autora:

---

<sup>11</sup> Campo que por si só é um bom elemento de pesquisa. Vejam-se estudos de Fernanda Chinelli sobre mulheres de militares. CHINELLI, Fernanda. *Mulheres de Militares: Família, Sociabilidade e Controle Social*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [http://teses.ufrj.br/PPGAS\\_M/FernandaChinelliMachadoDaSilva.pdf](http://teses.ufrj.br/PPGAS_M/FernandaChinelliMachadoDaSilva.pdf). Acessado em 31 de Agosto de 2011.

<sup>12</sup> Ressalto que a pesquisa não seguiu esse caminho linear que apresento. Estes foram àqueles que deram certo.

<sup>13</sup> Reflexão que fiz posteriormente, já na análise dessa caminhada e das fontes.

<sup>14</sup> CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Organizadores). *Antropologia dos Militares: Reflexões sobre Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

<sup>15</sup> Cf. Respectivamente: CHINELLI, Fernanda. “Pesquisa de Campo: O Trabalho de Campo com Mulheres de Militares”. In: Idem, p. 92. CAVILHA, Juliana. “Das Entrevistas aos Rituais: Dialogando com Militares”. In: Idem, p. 130. TAKAHASHI, Emília. “Cadetes Pioneiros da AFA: Algumas Considerações sobre a Pesquisa, o Campo e a Pesquisadora.”. In: Idem, p. 53. No estudo de Fernanda Chinelli há uma explanação sobre a importância que têm os laços de parentescos e como eles são traços fundamentais nas relações sociais dos militares.

<sup>16</sup> LEIRNER, Piero. Op. Cit., p. 27.

<sup>17</sup> SILVA, Cristina Rodrigues da Silva. “Explorando o ‘Mundo do Quartel’”. In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Orgs.). Op. Cit., p. 109.



*(...) o pedido de aprovação, quer se resolva rápida ou lentamente, é sempre um processo hierárquico, pois deve ser dirigido sempre a um oficial superior e, se possível, o mais antigo, que normalmente é o comandante da organização. No caso de minha autorização para estar na Amam (localizada no estado do Rio de Janeiro), foi necessário primeiro um pedido ao comando do Exército (localizado em Brasília).<sup>18</sup>*

A pesquisadora Aline Prado Atassio informa que por não ter esse contato e seguir pela formalidade na obtenção da autorização, teve que aguardar um ano para ter acesso ao campo,<sup>19</sup> pois se deparou com as vias institucionais, incluso a hierarquia, e as negações e novas tentativas de licença.<sup>20</sup>

Como no primeiro momento fui apresentado por um membro da instituição, numa condição não formal, coube ao meu amigo introduzir o tema previamente e verificar se eu poderia ir e “apresentar melhor”<sup>21</sup> minha proposta de pesquisa; o que de fato ocorreu. Cabe aqui expor um caso inusitado nesse primeiro encontro que tive com os militares que registrei no meu diário de campo.

*No dia 19 de junho de 2009, sexta-feira, estive no I COMAR e fui apresentado para os Tenentes Batista, Sargento Iedo Gomes e o Funcionário Civil Souza a fim de encaminhar a dissertação de mestrado intitulada provisoriamente de ‘Cotidiano da População Belenense no Regime Militar (1964-1985)’ e informara sobre a minha pesquisa e a instituição que estou ligado (Mestrado/UFGA) e a importância deles na conclusão da mesma, estabelecendo os primeiros contatos com os militares. Quando fui apresentado a eles, os mesmos mandaram o meu amigo Luís Carlos, que possibilitou o contato, fazer três flexões. Brincadeira normal entre eles. Em seguida mandaram-me fazer o mesmo e fiquei surpreso com isso, mas cumpri tal pedido. Após esse “exercício” eles foram mais “abertos” à minha presença e o Sargento Iedo Gomes começou a me indagar sobre a pesquisa e vi o interesse dele. Depois agendei o meu retorno para outro dia.<sup>22</sup>*

Após esse ocorrido, ao chegar em casa mandei um e-mail ao meu orientador e ele ficou surpreso com o fato e disse-me que isso faz parte da pesquisa. Participar de uma brincadeira entre os militares, sem pertencer àquele grupo e não me indispor – sem que eu

<sup>18</sup> Idem, Ibidem.

<sup>19</sup> Cf. ATASSIO, Aline Prado. “A Formação de Praças do Exército: experiência de campo na Escola de Sargento de Armas (EsSA). In: Idem, p. 175.

<sup>20</sup> Idem, Ibidem.

<sup>21</sup> Os militares com quem conversei, seja pra entrevistar ou para a obtenção de autorização, por vezes utilizavam esse termo.

<sup>22</sup> *Diário de Campo*. Belém-PA, sexta-feira, 19 de junho de 2009. Embora a pesquisa não se detenha numa pesquisa de campo, foi sugerido pelo meu orientador fazer notas dessas situações e outras que poderiam ocorrer para que pudesse ajudar na compreensão das particularidades da pesquisa como no caso das entrevistas.

tivesse premeditado isso – com eles, mostrei-lhes a minha “boa vontade”<sup>23</sup> em pesquisar militares da Aeronáutica.

Ao inserir-me num ambiente militar, como parte da pesquisa, foi necessário um rápido aprendizado de suas “estruturas mínimas” organizacionais: Hierarquia e Disciplina. Os interlocutores sempre enfatizavam a sua existência e importância para a compressão do universo militar. No estudo sobre os militares, Piero Leirner<sup>24</sup> mostra que a hierarquia não é somente um pilar de início, mas de total organização das Forças Armadas, na qual determinam as ações e baseiam as...

*(...) relações de comando-obediência, sistematizando a ação e a elaboração do conhecimento militar e mapeando o modo como as relações de poder devem estruturar-se. Além disso, ela determina o modo pelo qual o conhecimento e as informações são produzidos e circulados no interior da tropa.*<sup>25</sup>

Um destas formas foi sempre me reportar “corretamente” aos oficiais que pretendia entrevistar ou que possibilitaram a entrevista. Nas conversas com membros da Aeronáutica atentava sempre para sua patente e seu nome, posto que relacionamentos interpessoais influenciem a pesquisa, como reitera Etienne François:<sup>26</sup>

*(...) essa relação, diferente daquela que o historiador mantém com uma documentação inanimada, é de certa forma mais perigosa e temível, nem é preciso lembrar: uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística, e o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador tem somente um domínio parcial. (...).*<sup>27</sup>

Nos momentos de pesquisa, em que participei com as fontes do processo de coleta de informações, pude obter outros dados além daqueles que desejava anteriormente, com base numa reciprocidade instituída entre pesquisador e pesquisados. Quando o soldado Rafael Costa Sousa conseguiu contatos de militares, possíveis entrevistados, também me informou sobre a Sala Histórica, inaugurada em 2010. Isto contribuiu ainda mais a pesquisa, pois dados da Aeronáutica e mais especificamente sua atuação na Amazônia pode ser verificada. E assim ele possibilitou minha entrada no I COMAR e lá pesquisar. Dias depois, ao apresentar-me ao Tenente Fernandes, responsável pela Assessoria de Comunicação Social do Primeiro

<sup>23</sup> O Suboficial Davi Santana da Silva costumeiramente usava esse termo para destacar uma participação que não denegrisse a imagem da instituição que fosse útil para a minha profissão.

<sup>24</sup> LEIRNER, Piero. Op. Cit.

<sup>25</sup> Idem, p. 52.

<sup>26</sup> FRANÇOIS, Etienne. “A Fecundidade da História Oral”. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>27</sup> Idem, p. 09.

Comando Aéreo Regional (ACS/I COMAR), foi pedido melhores esclarecimentos sobre a pesquisa, algo que já imaginava pela necessidade de saber qual era meu objetivo, tempo de pesquisa e as necessidades mais imediatas naquele momento.

Neste mesmo encontro falei sobre o estudo das Forças Armadas e tive contato, indicado e possibilitado pelo próprio Tenente Fernandes, com o Suboficial Alfredo Oliveira – estudioso da Força Aérea Brasileira – que além de me conceder informações da História da Aeronáutica na Amazônia, ainda forneceu alguns documentos pessoais de seu acervo. Informou-me também o Suboficial sobre alguns dos materiais contidos na Sala Histórica, o que diminuiu alguns empecilhos, como procurar documentos que não se tinha certeza da existência no acervo da Sala Histórica. Outra ajuda fundamental foi do Sargento Merivaldo, que com sua disponibilidade e atenção proporcionou condições de pesquisa, como acesso aos materiais da Sala Histórica, pois ou ele me acompanhava à Sala ou designava um soldado para isso, visto que não podia transitar desacompanhado. Além disso, informações sobre a Base Aérea, o I COMAR que faltavam em algum documento, eram prestadas por ele.

Estes acontecimentos confirmam a impressão de Alexandre Colli de Souza que, como outros pesquisadores, apresenta a importância dos contatos informais, posto que sua pesquisa sobre o cotidiano de militares observou a sociabilidade no interior do Exército tanto em atividades rotineiras como em momentos extraordinários:

*(...) as melhores possibilidades para a realização da pesquisa surgiram quando foram acionados contatos informais ou quando a entrega da solicitação para a pesquisa foi feita em mãos, por uma pessoa 'amiga do Exército'.*<sup>28</sup>

Deste modo a pesquisa conta com uma inserção na Caserna e na vida de alguns militares da Aeronáutica, sejam eles da ativa ou da reserva, concedendo ou não entrevistas, mas que possibilitaram um entendimento maior sobre a presença da Força Aérea na Amazônia e as distintas atividades cotidianas exercidas por esses militares.

### **Um panorama.**

No primeiro capítulo, “*Ações Militares: Primeiras Impressões*”, destaco o período de forma geral, apresentando questões metodológicas e teóricas da pesquisa, no qual temos um olhar sobre a produção historiográfica do período e os grupos com maior destaque neste cenário, denominado de “*Olhares sobre o Regime Militar*”. Seguidamente, na seção

---

<sup>28</sup> SOUZA, Alexandre Colli de. “Etnografando Militares: Obstáculos, Limites e Desvios como parte Constitutiva de Visões Nativas”. In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Organizadores). Op. Cit., p. 167.

“*Militares na direção do País,*” há uma discussão mais centrada na participação e atuação dos militares e dos militares da Aeronáutica no bojo o Regime Militar, assim como as intervenções ocorridas na Amazônia. Focaliza-se o papel desempenhado pela Aeronáutica.

Posto isso, levamos em consideração as práticas de assistências e contato individuais dos militares da Aeronáutica com as normas estabelecidas pela mais alta hierarquia dessa instituição, no qual os militares entrevistados relatam as atividades de auxílio e de enfrentamentos que por vezes participaram ou estiveram envolvidos de alguma maneira. Segundo o historiador Hugo Studart, a Aeronáutica chegou a infiltrar-se entre os membros da guerrilha do Araguaia,<sup>29</sup> com o intuito de saber quais eram seus principais líderes.

Citemos o relatado do suboficial Alfredo Oliveira quando envolvido nestes dois casos. O primeiro quando a Aeronáutica enviou soldados para um destacamento ameaçado de uma invasão indígena, no qual era membro do grupo de ajuda. O segundo caso diz respeito ao apoio conta a guerrilha do Araguaia executado pela Aeronáutica, no qual explicita que sua inserção estava ligada ao transporte dos contingentes militares e materiais das Forças Armadas.<sup>30</sup> Posteriormente é discutido como a pesquisa se pauta numa forma de entender as vicissitudes da experiência de ser militar na seção “*Militares para além da política*”.

O segundo capítulo “*Aeronáutica no Brasil e em Belém*” expomos alguns momentos da história da Aeronáutica e assim entender como essa instituição atuou no Brasil e na Amazônia. Na primeira parte, “*Força Aérea Brasileira, graduados: objetos de pesquisa*” expomos mais detalhadamente os militares, sujeitos da pesquisa. Adiante, na seção “*Força Aérea Brasileira: Presente no Brasil e na Amazônia*”, são discutidas as atividades da Força Aérea em âmbito nacional e a sua especificidade amazônica. Em “*Amazônia aos olhos de quem?*” é apresentada uma discussão acerca de uma definição, ou melhor, certo entendimento a respeito da aérea de atuação do Primeiro Comando da Aeronáutica (I COMAR): Norte, Amazônia e como estas duas categorias e seus distintos pormenores foram pensados e usados na pesquisa. A seguir em “*Catalina e Catalineiros: um efetivo militar específico na Amazônia*” é abordada uma das formas de atuação da Força Aérea na Amazônia e como esta implica numa identidade da FAB na Amazônia.

---

<sup>29</sup> “O Brasil não sabe o que fazer com seu passado”. In: *Jornal do Brasil*. Disponível em: [http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?datan=16/04/2011&page=mostra\\_notimpol](http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?datan=16/04/2011&page=mostra_notimpol). Acessado em 20 de abril de 2011.

<sup>30</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. *Entrevista*. Ananindeua-PA, domingo, 03 de abril de 2011 e sexta-feira, 11 de novembro de 2011.

No terceiro capítulo “*Memórias de Experiências Cotidianas de um Mundo Militar*” são enfocadas algumas das memórias do ambiente militar e a experiência cotidiana de ser militar durante o Regime Militar, subdivididos nas seções “*Militares e seu Cotidiano: Primeiras Questões*” e “*Reflexões sobre o Cotidiano*”, nos quais também são discutidos alguns elementos teórico-metodológicos da pesquisa. Nas seções seguintes “*As Esferas Cotidianas da Vida Militar*”, “*Momentos Marcantes*”, “*Caserna: Trabalhos e relacionamentos*”, “*O Lazer e o Descanso*” são tratadas as especificidades das experiências cotidianas de militares da Aeronáutica a partir da memória acerca de seu trabalho e sua vida privada em Belém durante os anos de vigência do Regime Militar no país.

## CAPÍTULO I: AÇÕES MILITARES: PRIMEIRAS IMPRESSÕES.

*(...) tudo o que aconteceu no passado é história; tudo o que acontece agora é história (...).*

*Eric Hobsbawm. (Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 71).*

### 1. 1. Olhares sobre o Regime Militar.

Com a renúncia de Jânio Quadros, após sofrer violentos ataques políticos e abdicar da presidência da República em 1961, quem deveria assumir o cargo era o vice-presidente João Goulart, o que não ocorreu devido este não estar no país. Assim, a presidência foi entregue ao presidente da Câmara, Ranieri Mazzili. João Goulart foi impedido de tomar posse, uma vez que ministros das pastas militares e outros temiam o que pudesse acontecer no país, pois segundo eles, a nação encontrava-se num momento de instabilidade política e o acusaram de compactuar com segmentos tidos por danosos à sociedade, segundo alas conservadoras tanto do governo como da sociedade. O impasse surgido foi resolvido com a criação do “Ato Adicional”, instituindo o Regime Parlamentar que diminuía a autoridade do chefe da nação, transferindo parte dela ao Congresso Nacional em 02 de setembro de 1961. João Goulart foi, então, oficialmente reconhecido como presidente da nação em 07 de setembro de 1961.<sup>31</sup> Contudo, a experiência parlamentarista foi revogada após um plebiscito realizado em janeiro de 1963, restabelecendo o regime presidencialista.<sup>32</sup>

Após esse plebiscito, as articulações do presidente para se manter no poder e a fragilidade do regime ampliaram os radicalismos, embora que, em todo o seu governo, João Goulart tenha tentado uma política de aproximação com massas populares – movimentos que cresciam por todo o país. Essa organização popular e suas ligações com o presidente assustaram os conservadores, que rapidamente passaram a criticar, violentamente, o governo do presidente.<sup>33</sup> Mas a situação entre o presidente e a oposição se agravou com o lançamento do Plano Trienal, em 1963. Este desagradou tanto à oposição conservadora quanto os movimentos populares, pois, entre outras ações, restringia o crédito para as indústrias e controlava o valor dos salários.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> SILVA, Hélio Ribeiro da. 1964: *Golpe ou Contra Golpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 12.

<sup>32</sup> Idem, p. 13.

<sup>33</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo: 1964-1985*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004, p. 39-40.

<sup>34</sup> Idem, p. 40.

Com dificuldades para quebrar determinadas posturas políticas, João Goulart passou a pôr em prática as Reformas de Base (agrária, tributária, fiscal, educacional, remessa de lucros, etc.) previstas desde o início do seu governo, ainda parlamentarista. A oposição, acreditando em fortes ligações entre o presidente e o comunismo, fez novas denúncias contra o governo. Diante deste quadro, os setores mais conservadores desestabilizavam o governo Goulart, que foi encerrado por um Golpe Civil-Militar em 1964, propalado como Revolução pelos militares envolvidos nesses movimentos.<sup>35</sup>

Com a deposição de João Goulart, o controle do país passou para o Alto Comando Militar, composto por membros das Forças Armadas: Exército, Marinha e Aeronáutica. Em abril de 1964 foi decretado o Ato Institucional Número Um (AI-01), o qual se caracterizava como conjunto de normas superiores baixadas pelo governo que se sobrepunham à própria Constituição Federal, que dava ao Executivo Federal, durante mais seis meses, uma grande quantidade de poderes ao decretar a suspensão dos direitos constitucionais, direitos políticos dos últimos presidentes, assim como de parlamentares considerados “comunistas” e o fechamento de órgãos que fossem contrários ao novo regime político-social.<sup>36</sup> Após esse Ato, o Congresso Nacional elegeu para presidente da República o Marechal do Exército Humberto de Alencar Castelo Branco, um dos principais articuladores do Golpe de Estado.<sup>37</sup>

No final da década de 1960 em diante surgiram alguns estudos de caráter histórico a respeito dos governos iniciados em 1964. Foram estudos de grande destaque como o já mencionado Thomas E. Skidmore<sup>38</sup> e Hélio Silva.<sup>39</sup> Nestas obras analisam-se as percepções a respeito das origens, causas e desdobramentos das ações institucionais do governo e/ou da sociedade de modo geral.

Outros trabalhos influentes marcaram o estudo do Regime Militar brasileiro, como “Combates nas Trevas” de Jacob Gorender<sup>40</sup> que mesclando a sua participação pessoal do regime com a reflexão da atuação das Esquerdas no processo de instauração e combate à ditadura revela-nos facetas deste conflito de idéias e posicionamentos, assim como ao modo

---

<sup>35</sup> Idem, p. 43.

<sup>36</sup> SILVA, Raimundo Robson Souza. *A Ótica da Cidadania através da Lógica dos Setembros Cívicos na Belém de 1963a 1969*. Belém, 2002, p. 19. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

<sup>37</sup> SKIDMORE, Thomas E. Op. Cit., p. 50.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> SILVA, Hélio. Op. Cit.

<sup>40</sup> GORENDER, Jacob. *Combates nas Trevas: A Esquerda Brasileira. Das Ilusões Perdidas à Luta Armada*. 3ª Edição. São Paulo: Ática, 1987.

deles se efetivarem. Daniel Reis e Marcelo Ridenti na década de 1990 com outros autores<sup>41</sup> se detiveram em entender o período de 1964-1985 a partir de diversos âmbitos de pesquisas que buscam a compreensão das intencionalidades dos sujeitos históricos, o comentário dos caminhos e situações que construíram o Regime Militar, assim como a percepção dos distintos embates posto pela/na sociedade sob o regime de exceção e a democrática de então.

Compreende-se que o Regime Militar no Brasil é um acontecimento relativamente recente, assim como suas implicações, posto que neste século XXI contamos com uma produção historiográfica que se volta a esse período, em especial à Amazônia que tivera grandes mudanças, transformações e certas permanências com o advento da Ditadura Militar. Esta reestruturou a organização da vida, seja em suas esferas políticas, econômicas e sociais, chegando (numa visão generalizante) a pobres e ricos; homens e mulheres; jovens, adultos e idosos; estudantes, trabalhadores (urbanos e rurais), políticos, militantes partidários, civis; Igreja Católica e outros segmentos da sociedade.

Após estes quase 50 anos transcorridos, a discussão aqui ensejada acerca da participação dos militares não se restringe a uma participação política, a uma ação de comando, aos militares que estavam no poder e/ou participaram do Golpe ou mesmo que estiveram na manutenção do poder. Analisam-se aqui as múltiplas vivências dos militares de patentes mais baixas e busca-se ver outras esferas de sua vida quanto militar.

| HIERARQUIA MILITAR <sup>42</sup> |
|----------------------------------|
| Oficiais Gerais                  |
| Oficiais Superiores              |
| Oficiais Intermediários          |
| Oficiais Subalternos             |
| Graduados                        |

Quadro 1: Hierarquia Militar. Neste quadro observamos a hierarquia militar e seus respectivos postos.

<sup>41</sup> Citemos Carlos Fico, Denise Rollemberg, Jorge Ferreira, Lucília de Almeida Neves e Maria Paula Alencastro Araújo.

<sup>42</sup> Estrutura Hierárquica Comum às três Forças Armadas. In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Organizadores). Op. Cit., p. 11. No Capítulo II observaremos a Hierarquia Militar da Aeronáutica mais detalhadamente.



Postula-se, então, entender a atuação de militares de baixa patente (Graduados), posto que não se enquadrasse em cargos de comando e destinavam-se às atividades de manutenção da ordem de expansão da fronteira, integração conjuntamente com os nuances desses indivíduos que atuaram nessa localidade – falando especificamente da Força Aérea – entendendo como foi sua inserção no quadro militar brasileiro em tempos de Regime Militar, principalmente suas memórias do cotidiano vivenciado nos ambientes militares. Foca-se o que esses militares rememoram ao falar desse período (regime de exceção) que não se destina somente à ação deles como militar partícipes dessa ordem, mas deles quanto indivíduo, jovens, pessoas que casaram, tiveram filhos, momentos marcantes e outros projetos pessoais que também constituíam seu ambiente militar.

Os militares Graduados subdividem-se em: Soldado de Segunda Classe, Taifeiro de Segunda Classe, Soldado de Primeira Classe, Taifeiro de Primeira Classe, Taifeiro-Mor, Cabo, Terceiro Sargento, Segundo Sargento, Primeiro Sargento e Suboficial.<sup>43</sup>

No momento das entrevistas a esses militares, eles tinham a patente de Primeiro Sargento ou Suboficial. Considera-se, no entanto que quando entraram na Força Aérea foi como Soldado ou Taifeiro e conforme o tempo decorria e as promoções eram conferidas, suas patentes foram modificadas, chegando aos atuais postos.

Nas décadas de 1960-1980, a sociedade brasileira deparou-se com uma diversidade de indivíduos e grupos sociais que a formavam. Com isso, inúmeros trabalhos se detiveram a esses setores, a partir de sua intensa inserção nas discussões sobre a Ditadura; na forma como esses segmentos da sociedade ajudaram a manter e legitimar a ditadura, no caso dos pró-governo militar; ou como as alas contrárias ao governo se caracterizaram nos movimentos de oposição.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> In: “Postos ou Graduações da Aeronáutica”. Força Aérea Brasileira. Disponível em: [http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=postos\\_graduacoes](http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=postos_graduacoes). Acessado em 10 de março de 2010. No decorrer das entrevistas, os militares sempre me explicavam a hierarquia pra que pudesse entender melhor alguns assuntos.

<sup>44</sup> Marcelo Ridenti e outros autores discutem com maior incisão a participação dos setores civis da sociedade brasileira no implante e manutenção do golpe. Tal assertiva da inserção de grupos civis, pois mesmo com a abrangência e influência das Forças Armadas serem significativas, elas não poderiam manter-se no poder sem anuência desta, resultado de construções históricas da sociedade que não se restringe à elite, militares, esquerdas e oposições. Outro fator é a melhora socioeconômica adquirida por industriais, comerciantes que ao terem as demandas atendidas (muita delas defendidas por seus representantes), considera-se também a existência do apoio de grupos políticos conservadores dentro e fora do governo e que concorreram para a manutenção do regime. Cf. RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo Brasileiro: Artistas da Revolução*, do CPC à era da TV. São Paulo: Record, 2000. \_\_\_\_\_. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. 2ª Edição. Revista e Ampliada. São Paulo: UNESP, 2010.

Dentre esses sujeitos (individuais ou coletivos) destacam-se os estudantes, pois desempenharam um importante papel na crítica ao Regime Militar e novas formas de pensar a educação brasileira. Esta importância é enfatizada pela historiadora Edilza Fontes que afirma:

*Os estudantes universitários escreveram a sua história nas universidades. Eles são sujeitos históricos pautados a partir de 1960 e constroem uma identidade social, que é política, em torno das propostas para a Universidade brasileira. Suas ações foram decisivas, nesse período, para a defesa da democratização (...).*<sup>45</sup>

Ressalta-se que juntamente com essas atividades políticas e educacionais desenvolvidas pelos estudantes a sua atuação como classe ou segmento social apresentava demandas próprias. Houve neste período uma forte mobilização do Movimento Estudantil, mesmo estando na clandestinidade várias de suas entidades representativas, como a UNE (União Nacional dos Estudantes) em um âmbito nacional e a UAP (União Acadêmica Paraense) em escala local com objetivos que tangiam entre o retorno da Democracia no país, mudanças sociais que implicassem no melhoramento das condições do ensino, do trabalho, saúde, das cidades, entre outras. Tal mobilização dos estudantes apresentava uma disseminação ímpar haja vista que, por exemplo, em 1968, estes promoviam greves, ocupações de faculdades, passeatas. E por serem múltiplas as atividades desempenhadas por esses estudantes, sejam eles ligados ou não ao Movimento Estudantil, propiciam várias probabilidades de pesquisa com distintos enfoques.<sup>46</sup>

Observa-se neste momento não só a atuação dos estudantes, mas de outros grupos que a partir de suas demandas exerceram influência na sociedade em tempos de Regime Militar. Os trabalhadores compuseram outro importante setor dentro do Regime Militar, pois

<sup>45</sup> FONTES, Edilza. “Os Anos Oitenta e a Redemocratização na UFPA (1977-1988)”. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *UFPA 50 Anos. Histórias e Memórias*. Belém: EDUFPA, 2007, p. 123.

<sup>46</sup> Citamos como exemplo o estudo de Maria Ribeiro do Vale que analisa como os estudantes e o Movimento Estudantil foram identificados na Ditadura Militar e, principalmente combatidos com uso da violência a partir de censuras, cassações, desmantelamento de suas instituições representativas relegadas à clandestinidade. Marcelo Ridenti, por outro lado, mostra-nos como a participação dos estudantes e seus órgãos deliberativos passam a ter um maior destaque no cenário político mundial nos anos 60, tendo como marco referencial “Maio de 68”, no qual estudantes franceses tomaram as ruas parisienses reivindicando melhorias na educação e nas estruturas da sociedade. Victoria Langland estuda como monumentos e edifícios se tornam elemento constitutivo da memória e identidade do Movimento Estudantil, a exemplo do prédio da UNE destruído em 1964 e reconstruído no mesmo local, anos depois; sendo essa uma exigência dos estudantes. Cf. respectivamente: VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: O Diálogo é a Violência*. Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1999. RIDENTI, Marcelo. “1968: rebeliões e utopias”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *O Século XX: O Tempo das Dúvidas*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Volume 03. LANGLAND, Victoria. “La Casa de la Memoria en Praia de Flamengo 132: Memorias Estudiantiles y Nacionales en Brasil, 1964-1980”. In: JELIN, Elizabeth. LANGLAND, Victoria. (Comps.) *Monumentos, Memoriales y Marcas Territoriales*. Madri: Siglo Veintiuno de España Editores; Buenos Aires: Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 2003. (Memorias de la Represión).

inicialmente (pré-1964) conquistaram uma mobilização surpreendente dentro das atuais formas de organização sindical e não sindical. Porém, após o golpe e a instauração do Ato Institucional Número 05 (AI-05) houve certa desmobilização galgando movimentos reivindicatórios mais específicos como jornadas de trabalho mais curtos, o que não representava desafio direto às Forças Armadas. Porém a partir da década de 1970 com o advento do “Novo Sindicalismo”,<sup>47</sup> o movimento trabalhista adquire uma maior dimensão e reivindica não só questões trabalhistas, mas ações de cunho político.<sup>48</sup>

No que concerne às ações dos trabalhadores rurais, esse segmento apresentou um aumento significativo a partir da década de 1960, ampliando suas formas de organização, o que se deu também com apoio de outros grupos como partidos de cunho socialista e alas progressistas da Igreja Católica, com destaque para a Comissão Pastoral da Terra. Houve nesse momento um acirramento dos conflitos agrários no país. Estes, nas décadas seguintes passam a ter maior destaque na Amazônia, em especial no Pará, delineando um território de enfrentamento de múltiplos agentes pela posse da terra.<sup>49</sup>

A Igreja Católica nessa conjuntura atuou tanto apoiando quanto se opondo ao regime. Frações do clero adotaram posturas político-sociais tanto progressistas quanto conservadoras, mantendo alas que conviveram em disputa de ideias nesse período. No que se refere ao posicionamento progressista, Scott Mainwaring afirma que a Igreja Católica configurou-se como a “única instituição com suficiente autonomia política para criticar o regime autoritário e para defender os direitos humanos”.<sup>50</sup> Apesar dessa autonomia, segundo Michael Löwy, os clérigos progressistas, em grande parte adeptos da Teologia da Libertação, estavam em constante conflito com o governo, nos quais muitos foram perseguidos, presos, torturados e padres estrangeiros foram deportados.<sup>51</sup>

---

<sup>47</sup> Thomas Skidmore considera como “novo sindicalismo”, pois os trabalhadores ganham uma maior participação na política e impetram diversas medidas que vão além do bem-estar do trabalhador da indústria. Esses trabalhadores se organizam com associações ou instituições representativas e significativas na sociedade a partir da década de 1970-1980, sendo um de seus símbolos maiores a construção de um partido político ligado diretamente aos interesses deles, denominado Partido dos Trabalhadores (PT). Para melhor compreensão ver: SKIDMORE, Thomas. “Geisel: Rumo à Abertura”. In: Op. Cit., p. 315-408, especialmente a seção “O ‘Novo Sindicalismo’ em ação”. SADER, Éder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. PETIT, Pere. *A Esperança Equilibrista: A Trajetória do PT no Pará*. São Paulo: Boitempo. Belém: NAEA-UFPA, 1996.

<sup>48</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 397.

<sup>49</sup> PETIT, Pere. Op. Cit., p. 138-139.

<sup>50</sup> MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil, 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 09.

<sup>51</sup> LÖWY, Michael. “Cristianismo da Libertação e Marxismo: de 1960 a nossos dias”. In: RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão (Organizadores). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e Movimentos após os Anos 1960*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, p. 411.

Tais setores, tratados na historiografia que se refere ao Regime Militar, ao serem abordados a partir do viés do cotidiano, possibilita-nos o entendimento de suas pluralidades internas e nuances característicos de sua heterogeneidade. Também nos permite perceber as vivências e características individuais que nortearam essas experiências coletivas e compreender suas especificidades e comportamentos diante dos fatos em desenvolvimento.

Tal consideração pauta-se no que explana os autores Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis<sup>52</sup> a respeito das distintas inserções dos setores da classe média no combate à ditadura. Segundo os autores considerar a classe média como opositora ferrenha do golpe civil-militar e do regime posterior acarreta numa generalização pouco explicativa para as diferentes inserções de grupos heterogêneos interna e externamente. Nisso eles apontam o seguinte:

*(...) apenas uma minoria restrita da população de classe média intelectualizada fez da resistência ao regime uma atividade em tempo integral. Nessas circunstâncias, naturalmente, subvertiam-se de altos a baixos os padrões habituais da vida privada, então submetida aos imperativos da luta armada. Já para a parcela maior dos membros desse mesmo grupo, ser de oposição significava desenvolver formas de participação política compatíveis com a rotina cotidiana: trabalho ou estudo, família, amores, amizades, entretenimento. (...).*<sup>53</sup>

Consideremos primeiramente que os autores procuram especificar o máximo possível de que grupo ou parte do grupo está a se falar: “classe média intelectualizada”. Assim, percebemos que atividades como trabalho, estudo, família tinham um maior espaço nas vidas desses indivíduos e uma significativa importância que influenciava consideravelmente as decisões/ações tomadas por eles. Embora vivêssemos num contexto de repressão política, desafios econômicos e novas demandas surgidas na sociedade, aliado às já existentes, estas são apreendidas ou vislumbradas justamente nas atividades rotineiras, pois muito dos indivíduos trabalhavam, estudavam, namoravam.

Neste sentido a História do Tempo Presente surge como uma escolha metodológica e teórica para pesquisa histórica à medida que coloca em debate este período tão próximo a nós. Muitas das ações, personagens e consequências destes atos, diretos ou indiretos, desejáveis ou não, ainda estão bem vivos e presentes no nosso dia-a-dia. Temos além desta premissa teórico-metodológica, uma nova perspectiva de trabalho com o advento

---

<sup>52</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de Classe Média ao Regime Militar”. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador Geral); SCHWARCZ, Lília Moritz. (Organizadora do Volume). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes de Intimidade Contemporânea*. 4ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>53</sup> Idem, p. 338.

de uma inovação na proposta historiográfica a respeito dos movimentos de 1964, o qual apresentada uma participação ativa da população nestes movimentos contemporâneos.

A História do Tempo Presente, segundo Marcos Napolitano, se dedica ao período simultâneo e posterior a 1945, contribui para o debate historiográfico à medida que explicita a presença viva dos protagonistas e da memória, ainda interagindo com o tempo do historiador, como testemunhas vivas e dinâmicas do passado.<sup>54</sup> Se tais ações, personagens e consequências encontram-se presentes, elas podem fornecer outros elementos à produção histórica que ora era limitada pela distância entre fontes e historiadores. Uma pesquisa que trate do século XVIII, XIX tem suas limitações, barreiras estas que não estão presentes no século XX, XXI. Mas não no enganemos em pensar que pesquisar os acontecimentos recentes é mais fácil. Ela apresenta suas próprias dificuldades e novos questionamentos.

A História do Tempo Presente, segundo Marcos Napolitano, depara-se com a dificuldade na organização dos documentos e fontes à sua disposição, posto que “(...) o desafio do historiador (...) dedicado ao contemporâneo (...) não era a escassez, e sim o excesso de informação (...)”.<sup>55</sup> Neste momento temos tantas possibilidades e caminhos para o prosseguimento de uma pesquisa, na qual o contemporâneo é pensado como processo social total, à medida que se libertam dos grandes eventos e das estruturas políticas e econômicas para termos socioculturais e ideológicos.<sup>56</sup>

Diante desta nova forma de entender o acontecimento, novas abordagens e novas fontes são necessárias. Necessidade existente ao passo que no decorrer das novas perguntas, fontes ignoradas como tal, a exemplo de diários, álbuns fotográficos particulares, depoimentos registrados na forma de entrevistas, entre outros foram acrescidos ao já consagrados documentos institucionais (ofício, atas, memorandos, etc.) e impressas (jornais). Tais fontes quando estudadas apresentam outras perspectivas de interpretação e novas formas de registro dos acontecimentos presentes.

Conforme os contatos com os militares foram se estreitando, além das suas memórias, objetos e documentos pessoais também foram observados, tais como fotografias, medalhas, diários pessoais. Essas fontes guardam informações sobre as missões desenvolvidas por esses militares, impressões, perspectivas, anseios daquele momento vivido por eles. As

---

<sup>54</sup> NAPOLITANO, Marcos. “Pensando a Estranha História Sem Fim”. In: KARNAL, Leandro. (Organizador). *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Respostas*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 168.

<sup>55</sup> Idem, p. 166.

<sup>56</sup> Idem, p. 166-167.

mesmas também se constituíram como elo para novos casos que retornam à sua mente e a análise histórica quando surgidos no processo de rememoração.

O Suboficial Davi Santana da Silva ao mostrar o seu álbum de fotografias possibilitou-nos a percepção dos momentos dele quanto militar e “descobridor” da Amazônia, uma vez que é oriundo do Rio de Janeiro. Neste acervo pessoal encontramos fotos de sua chegada a Belém em 1970. Desta foto foi falado como era a cidade, qual foi a impressão de chegar à capital paraense, como e onde estavam localizadas os prédios da Aeronáutica (Sede do I COMAR, Base Aérea de Belém) e como eram estruturadas. Nesta conversa, além de um militar também ouvíamos a voz de um imigrante, de um recém-chegado a Belém, descrevendo que a cidade do tempo de chegada até os dias de hoje, o centro urbano pouco mudou, porém a cidade como um todo cresceu muito. Também temos fotos de suas missões, que reiterada vezes se encontrou com indígenas ou no transporte de personalidades políticas e militares.



Imagem 3: Foto do Suboficial Davi Santana. (1970). Ao fundo Presidente Vargas, com a Praça da República. Segundo o mesmo, foi um dos primeiros passeios por Belém logo após sua chegada. Acervo do autor.



Imagem 4: Foto do Suboficial Davi Santana e seu grupamento em missão no Marajó. (1972). O então soldado Davi Santana se encontra agachado de uniforme laranja, à esquerda da foto. Acervo do autor.

Entramos em contato também com documentos guardados pelos entrevistados, que no momento das conversas, por vezes eram mostradas como prova do que falavam; serviam também como registros de sua vivência na caserna ou mesmo como subsídio para lembrar-se de algo.

O suboficial Alfredo Oliveira – como citado anteriormente, tem um vasto material a respeito da aviação e da Força Aérea – muitas vezes se valia desse material para dar uma informação mais detalhada sobre a Aeronáutica na Amazônia e de sua experiência.



Imagem 5: Acervo Pessoal do Suboficial Alfredo Oliveira. Ananindeua-PA, sábado, 19 de novembro de 2011. Neste acervo há documentos pessoais do período em que o Suboficial estava na ativa, revistas e materiais de outros militares cedidos a ele.

Nessa discussão sobre o que o contemporâneo nos oferece, Marcos Napolitano enfatiza:

*(...) em relação às fontes, para a História do século XX (...) os estudos (...) contribuíram (...), sobretudo com novos documentos primários. As fontes audiovisuais (...), sonoras (...) e orais (...) se juntaram às tradicionais e cultuadas fontes escritas, acrescidas, por sua vez, do vasto material produzido pela imprensa diária (...).<sup>57</sup>*

Um ínfimo levantamento de possíveis fontes para uma pesquisa sobre um tema recente revela-nos diversas e distintas fontes, sem mencionar a forma que podemos ter acesso a elas (sites, imagens, DVDs, bibliotecas e arquivos).<sup>58</sup>

A História do Tempo Presente apresenta novas categorias de análise, cujos antigos paradigmas da história tradicional já não davam mais conta da multiplicidade de movimentos e ações humanas ocorrentes neste Tempo Presente.<sup>59</sup>

A História e a História do Tempo Presente tiveram vários avanços, mas que ainda encontram dificuldades como a penetração da história nova no setor da história contemporânea, sendo esta bastante limitada, cujo “(...) prestígio da história factual e da história política permanece grande nesse setor. A história do presente não raro é mais bem feita pelos sociólogos, os políticos, jornalistas, do que por historiadores de ofícios (...)”.<sup>60</sup>

Embora contemos com numerosas obras sobre o século XX no Brasil, boa parte dela, especialmente a segunda metade do mesmo tem grande participação de jornalistas, sociólogos juristas. Considerando as distintas análises destas áreas de estudo e o cruzamento de suas perspectivas, elas nos permitem conceber melhor o passado próximo.

Mercedes Vilanova<sup>61</sup> expõe ainda que a História do Tempo Presente tem urgência na criação de novas fontes, pois neste século XXI estamos imersos em constantes e rápidas mudanças na vida da sociedade que acarretam, entre outros, na ampliação dos nossos marcos de referência. Exemplo disto são os momentos políticos (numa interpretação antiga do termo, que se restringia a ação de homem público – político) tidos como ponto para um recorte temporal e hoje há distintas formas de assim o fazê-lo.

Uma possibilidade existente nos indica como entender o declínio econômico pré-golpe militar de 1964, posto que se constitua como um dos principais fatores de interpretação

<sup>57</sup> Idem, p. 170.

<sup>58</sup> Ressalta-se que muitas fontes relativas aos períodos mais distantes também podem ser acessados a partir desses instrumentos.

<sup>59</sup> BURKE, Peter. “Abertura: A Nova História, Seu Passado e Seu Futuro.” In: BURKE, Peter. (Organizador). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 19.

<sup>60</sup> LE GOFF, Jacques. “A história nova”. In: *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 50.

<sup>61</sup> VILANOVA, Mercedes. “A História Presente e a História Oral: Relações, Balanço e Perspectiva”. In: *PÁGINAS DE HISTÓRIA*. Belém: Departamento de História da UFPA, 1998. Volume II. Número 02.



das razões para o golpe. A compreensão pauta-se na distinção entre “fator importante” e “causas”, uma vez que o primeiro pressupõe a relação de um conjunto de fatores, nos quais os sujeitos envolvidos detinham possibilidades de ação diante de uma dada situação em contrapartida às condições imperativas e deterministas do segundo caso, sem a percepção ou consideração das circunstâncias de então.

Sônia R. Mendonça e Virgínia M. Fontes<sup>62</sup> atestam que a época anterior ao golpe é um período de descenso do ciclo econômico,<sup>63</sup> então em alta, vislumbrada nas grandes mudanças do país (nos governos Vargas, Kubitschek por exemplo) com o início de uma integração mais firme, de um sentimento de nacionalidade mais efetivo e de um crescimento econômico sentido por praticamente todas as classes brasileiras.

O sargento Jarnélio Gomes Vital afirma que muitos soldados ingressos nesse período nas Forças Armadas e, por conseguinte na Aeronáutica, tinham o objetivo de alçar alguma renda e o serviço militar possibilitava isso, embora o mesmo ressalte que o soldo não era alto.<sup>64</sup> Quando entrevistado sobre a sua entrada na Força Aérea, o suboficial Emanuel Gama diz que foi por dois motivos: primeiro “por ser uma ação obrigatória a todo homem quando completa a idade”; e a segunda – que se referia a seguir carreira de militar – foi “por pagar razoavelmente e conseguir quitar as contas de casa”.<sup>65</sup>

Numa análise mais ampla desse período, considera-se também que as dificuldades econômicas tornam-se mais nítidas devido à participação crescente das massas trabalhadoras e a luta entre grupos dominantes que procuravam melhores e rápidas formas de ajustes econômicos e assim alcançar cada vez mais, um maior peso político.<sup>66</sup>

Thomas Skidmore ressalta que:

*(...) pode-se encarar esse conflito político como parte da crise institucional mais profunda, resultante do fracasso em criar instituições e processos políticos que pudessem canalizar e dirigir as rápidas mudanças sociais e econômicas que transformaram o Brasil (...).*<sup>67</sup>

Neste momento de extrema instabilidade político-social compreendemos que o Brasil se encontrava no centro de um conflito: de um lado não se observava uma linha e um

<sup>62</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. & FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1992*. 4ª Edição. São Paulo: Ática, 1996. (Coleção Princípios).

<sup>63</sup> Idem, p. 07.

<sup>64</sup> Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital. *Entrevista*. Ananindeua-PA, quinta-feira, 06 de março de 2010.

<sup>65</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. *Entrevista*. Belém-PA, segunda-feira, 06 de novembro de 2010.

<sup>66</sup> Idem, p. 07 e seguintes.

<sup>67</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo: 1930-1964*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 18.

norteador político-econômico forte que mantivesse uma unidade nacional. Do outro notamos vários grupos políticos da esquerda (que mais tarde foi mandado para a clandestinidade), da direita e movimentos sociais querendo ter esta posição de liderança, mas sem uma eficácia e influência política considerável. Diante dessa inexistência de um elo que conjugasse esses setores sociais Thomas E. Skidmore sublinha.

*(...) quase todos os setores podiam ver que racionalização das relações políticas estava ameaçada pelo desequilíbrio entre as instituições políticas e a sociedade, em cujo benefício se esperava que eles funcionassem. O conflito imediato surgiu quanto à seriedade e desequilíbrio e como poderia ser conseguido.*<sup>68</sup>

Ao passo que os atos do governo não correspondiam aos muitos anseios da sociedade e isso, tornou-se mais explícito e sua gravidade sentida mais de perto pelos setores sociais aumentou consideravelmente a crítica e a instabilidade política. Movimentos de contestação ao governo se intensificaram, crise econômica foi alardeada e acirramentos políticos entre conservadores e progressistas das instituições governamentais exacerbaram-se.

Diante disto, Sônia R. Mendonça e Virgínia M. Fontes identificam os movimentos ocorridos em 1964 como um Golpe que marca principalmente uma ruptura política com o populismo e o aprofundamento de tendências econômicas pré-existentes (a preferência por atos de integração, visando o desenvolvimento do país com modelos de exploração e exportação).<sup>69</sup>

Mendonça e Fontes destacam, entretanto, que as razões maiores para o golpe são mais de cunho social e político do que econômico, como ação contrária a setores de esquerda da sociedade materializados em movimentos reivindicatórios como sindicatos, movimentos estudantil, grupos de artistas, etc.

Essa instabilidade política existente na sociedade segundo o Suboficial Raimundo Emanuel N. Gama foi recorrente na afirmação da “não coesão interna e externa necessária às instituições para o bom andamento da sociedade”.<sup>70</sup> O mesmo ainda acrescenta sobre a condição das Forças:

*As Forças Armadas também não estavam bem das pernas. Havia muitos grupos internos, que a desarticulavam e quebravam o princípio da hierarquia e da disciplina. Se as Forças Amadas não estivesse assim, não teria ocorrido o que*

<sup>68</sup> Idem, p. 18-19.

<sup>69</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. & FONTES, Virgínia Maria. Op. Cit., p. 11.

<sup>70</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. *Entrevista*. Belém-PA, segunda-feira, 06 de novembro de 2010.

*aconteceu em 1964. Dentre as instituições que guiavam o Brasil, as Forças Armadas eram a única que não estava tão mal e foi feito o que foi feito. Na crise ocorrida a pouco com o Lula, corrupção e tudo mais, as Forças Armadas não interviram por que isso não cabe a ela e as outras instituições estavam bem estruturadas.*<sup>71</sup>

No seu discurso de posse do Governo do Estado do Pará em 1964, em solenidade na Assembleia Legislativa do Estado, o Coronel do Exército Jarbas Passarinho afirma que as razões para a ocorrência da Revolução foi devida as inúmeras disputas políticas e interesses pessoais, muito delas escusas, principalmente ligadas às alas esquerdistas. Tais motivações surgiam de diversos setores com representantes tanto no Congresso como no Judiciário.

*Estou a serviço da Revolução que se fez, inicialmente, para opor-se à comunização deste País, comandada da cúpula presidencial, com a conivência de aventureiros, de carreiristas e de inescrupulosos, na mais torpe degeneração de idéias e teses salutares em si mesmas. Revolução que prosseguiu, dura e inflexível, na direção certa, rumo aos arraiais da corrupção, porque neles foi que se fabricou o desalento dos homens de bem, marginalizados da vida pública, a revolta da juventude e a sua descrença numa pseudodemocracia que, por quase todo o Brasil. Só lhe oferecia mistificação e a preservação da autoridade. Dir-se-ia que estavam todos empenhados na mais insensata e suicida campanha de destruição dos postulados democráticos, blasonando igualmente de oportunidade para todos e, ao invés, gerando privilégios odiandos; enriquecendo despidorada, afrontosa e rapidamente, à custa do dinheiro do povo; desfigurando a representação no Congresso, pela compra do voto, ao eleitor ou ao juiz; alardeando a igualdade de todos perante a lei e, todavia, distribuindo a Justiça muitas vezes combinada de suborno, que compromete a qualquer um, mas que à toga degrada e avilta definitivamente; enfim, nesta imensa nação sacrificada, praticava-se uma falsa democracia de sibaritas, que negociavam o poder em todas as suas formas e se banquetavam fartamente, enquanto o povo sofria fome, descreia da justiça, desesperava e desesperava-se, transformando-se em massa dócil para o trabalho dos demagogos e dos extremistas.*<sup>72</sup>

Com a delimitação clara de quais eram os problemas e inimigos a serem confrontados pelos novos governos estaduais e o federal, os movimentos de contestação e de oposição políticas mudaram drasticamente a partir de 1964 quando as formas e demandas sócio-políticas do Brasil desembocaram uma complexidade de instituições e interesses que ora se completavam ora eram totalmente díspares.

Na perspectiva de Sônia R. Mendonça e Virgínia M. Fontes, o Regime Militar apresentava as seguintes características: 1) Participação do Estado na economia em especial à

<sup>71</sup> Idem. O autor tece um pequeno comentário a respeito dos Governos de João Goulart e Luís Inácio Lula da Silva, mais especificamente no caso de corrupção e tráfico de informações conhecido como “mensalão”, no qual segundo o militar, ambos sofreram com pressões de segmentos sociais. Porém em 1964 as Forças Armadas também se juntaram a esses críticos, o que aumentou consideravelmente as crises de então. Já no Governo de Lula, foi diferente, pois, ainda segundo o militar, as Forças Armadas se mantiveram distantes.

<sup>72</sup> PASSARINHO, Jarbas. *Na Planície*. 2ª Edição. Belém: CEJUP, 1991, p. 116-117.

gestão e produção do sistema financeiro: torna-se o grande gerador e direcionador de grande parte das ações político-econômicas do país, limitando cada vez mais a participação dos grupos locais e/ou regionais aumentando o caráter centralizador do Governo Federal; 2) Extensão das atribuições do executivo: o poder executivo passa a concentrar e desempenhar funções que ora estavam a cargo de outras instâncias ou instituições; 3) Aparato repressivo: desenvolve-se nesta ocasião atos e órgãos governamentais com a justificativa de zelar pela segurança e manter a ordem combatendo, portanto, grupos que poderiam destruir as bases e toda a estrutura constituinte da sociedade; 4) Várias tentativas de legislação: como a ascensão política administrativa do governo deu-se através de um golpe, foram feitos vários atos e campanhas a fim de propiciar a sua legitimidade perante a sociedade e à comunidade internacional com mudanças realizadas em seus órgãos gestores e deliberativos, além dos atos institucionais que regulamentavam uma nova forma de atuação do poder executivo.<sup>73</sup>

O suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama ao tratar das formas como os militares agiram enquanto estiveram no poder, primeiramente fez a ressalva da não existência de um “Regime Militar”, posto que a sociedade brasileira não vivia dentro do quartel.<sup>74</sup> As medidas implementadas pelo governo de 1964 tinham como foco, ainda segundo o suboficial, a estabilização da sociedade e para isso foi necessário ações mais diretas em pontos estratégicos como economia, educação e principalmente política.<sup>75</sup>

Em maio de 1982, o Jornal “Resistência”, lançou uma reportagem a respeito dos 18 anos de Ditadura Militar, e assim comentava a data:

*1964/1982: 18 Anos de Ditadura Militar.*

*Há 18 anos instalava-se no Brasil uma ditadura militar. Abriam-se definitivamente as portas para o capital monopolista internacional. Democratas e lideranças populares foram perseguidos. Muitos foram presos, torturados e mortos, principalmente a partir de 1968, com a edição do AI-5. No Pará, estado periférico, este processo foi menos intenso, mas sem por isso menos importante.*<sup>76</sup>

Essas percepções a respeito do caráter lícito, justo, pró ou conta o povo, alicerça-se nas necessidades da sociedade brasileira observadas por esses sujeitos, considerando também o momento e o local que influenciaram suas considerações, respectivamente uma produção historiográfica de análise da estrutura do governo militar e as condições sociais

<sup>73</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. & FONTES, Virgínia Maria. Op. Cit., p. 05-06.

<sup>74</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. Op. Cit.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Jornal *Resistência*. Belém-Pará, maio de 1982. Ano V. Número 37, p. 08.

existentes nos primeiros anos após o retorno da democracia. No segundo temos voz do militar que se posiciona e justifica a ação empreendida pelos militares. Embora não tenha desempenhado papel de comando na Hierarquia Militar e nos governos comunga e reafirma o posicionamento militar daquele período. O terceiro, como órgão de comunicação da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, expunha um forte teor oposicionista, com denúncias de muitos casos de repressão do Regime Militar e apoio às atividades de mobilização social.

Nestes momentos Daniel Aarão Reis<sup>77</sup> afirma a ocorrência de súbitas mudanças e transformações no seio da sociedade brasileira de caráter particular ao contexto. Nos 21 anos em que os militares estiveram no poder, sofreram reveses – políticos, ideológicos, sociais e econômicos - que tanto modificaram o regime político como, de certa forma, a fizeram perdurar por mais de duas décadas.<sup>78</sup>

Achar que o Regime Militar foi o mesmo desde o seu início é um erro histórico grave. Segundo o sociólogo Guillermo O'Donnell,<sup>79</sup> o governo estabeleceu duas tarefas em redor de dois eixos principais: 1) a implantação da “ordem” com ações que visavam liquidar qualquer ameaça a essa ordem, o que implicava na eliminação de seus reais e possíveis oposicionistas; 2) “normalização” da economia, através do estabelecimento de mecanismos que resultassem em alívio no balanço de pagamentos, a redução da inflação e a recuperação de um ponto de confiança por parte de investidores internos e externos quanto à viabilidade econômica e política dessas economias.<sup>80</sup>

As atividades oposicionistas foram sendo alijadas mais incisivamente, limitando as ações dos opositores. A partir de 1968, com o início dos “anos de chumbo”,<sup>81</sup> marcado pelo Ato Institucional Número 05, o governo brasileiro perdeu a popularidade existente e sua aprovação foi ameaçada. Porém, a partir da década de 1970 com o crescimento econômico e pretensão sucesso das medidas pensadas e implementadas o governo readquiriu popularidade, aliado a outras medidas galgou uma unidade no governo disseminando a eficiência e modernização da sociedade.<sup>82</sup>

---

<sup>77</sup> REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e Sociedade”. In: REIS, Daniel Aarão. & RIDENTI, Marcelo. & MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta Anos Depois (1964-2004)*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

<sup>78</sup> Idem, p. 41.

<sup>79</sup> O'DONNELL, Guillermo. *Contrapontos: Autoritarismo e Democracia*. São Paulo: Vértice, 1985.

<sup>80</sup> Idem, p. 46.

<sup>81</sup> Expressão oriunda do leste europeu para a designação de um período de radicalização política.

<sup>82</sup> REIS, Daniel Aarão. Op. Cit., p. 42.

Os movimentos oposicionistas, com a superação da maioria de suas divergências internas, ampliaram o debate contra a ditadura e as suas práticas ilícitas. Outros setores sociais importantes se juntaram e possibilitaram a discussão e a possibilidade do retorno da democracia, mesmo este sendo freado em diversas situações, não sendo, portanto, um processo linear e tranquilo.<sup>83</sup>

Jorge Ferreira, Lucília Delgado e Carlos Fico apresentam a participação/atuação dos civis no implante, no erigir e na manutenção do Regime Militar, a qual desvencilha a exclusividade dos movimentos de abril de 1964 ora atribuída aos militares, assim como o repensar de certos conceitos que estavam cristalizados na historiografia nacional. A partir desses questionamentos metodológicos e teóricos abrem-se várias possibilidades de pesquisa desta época.<sup>84</sup>

Observa-se a existência destes diversos grupos constituintes e atuantes na ocasião do golpe, independente do “lado” que estes tenham se posicionado. Atenta-se também sobre os envolvidos no processo militar de 1964-1985, que no seu início não contava somente com militares, mais especificamente do Exército contra um grupo comunista no Brasil. Nos momentos iniciais e pós-março de 1964, a Aeronáutica esteve presente tanto no apoio ao Governo instituído, a partir das alas leais ao governo, como no lado dos opositores, embora o primeiro fosse menor.

No advento do golpe e com a saída de Goulart definida, segundo Thomas Skidmore, falta a legalização do novo poder e a impossibilidade dele ser removido. Deveria haver um sucessor para João Goulart, sem que fosse um dos políticos indesejados pelos militares. Com isso, o Tenente-Brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo, Almirante Rademaker e o General Arthur da Costa e Silva compuseram o Comando Supremo Revolucionário (CRS) que, entre outras atribuições, foi a defesa contra possível contragolpe de militares de alta patente ainda leais ao governo. Além disso, os militares e agora ministros de suas respectivas Forças Armadas emitiram o Ato Institucional que possibilitou a eleição de militares para cargos eletivos – proibido até então – e afastamento mais incisivo dos adversários.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> Idem, p. 44.

<sup>84</sup> Cf. FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Tempo da Ditadura: Regime Militar e Movimentos Sociais em Fins do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano); FICO, Carlos. *Além do Golpe: Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

<sup>85</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 46-48.

Com as constantes reorganizações dentro da cúpula governamental e política, os militares da Aeronáutica (alta patente) assumiram novas funções, podendo ser observado na constante mudança de Ministro da Aeronáutica. Considera-se para o intervalo do governo provisório e o mandato do General Castelo Branco, figuraram os ministros Major-Brigadeiro Anysio Botelho (junho de 1963-abril de 1964, deposto), Tenente-Brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (de 1º abril de 1964-30 de abril de 1964), Major-Brigadeiro Nelson Freire Lavenère Wanderley (abril de 1964-dezembro de 1964), Major-Brigadeiro Márcio de Souza e Mello (dezembro de 1964-janeiro de 1965) e Marechal-do-Ar Eduardo Gomes (janeiro de 1965-março de 1967).<sup>86</sup>

Os civis tiveram um importante papel neste momento, pois alguns dos atos estabelecidos no Regime Militar foram os reflexos do desejo que a sociedade tinha de mudança. Setores conservadores da sociedade fomentaram condições para que o golpe tivesse êxito, com uma condição de resistência popular praticamente mínima a ela. Fato que não desencadeou em atos violentos que gerasse um clima de insegurança demasiada entre os diversos grupos existentes. Não estamos afirmando que estes atos não ocorreram, mas que elas não deflagraram uma guerra-civil no país como muitos setores temiam que pudesse suceder.

O Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama, não se exclui de falar e debater sobre o regime. O mesmo afirma que muitas das ações tomadas pelas Forças Armadas foram o reflexo do desejo da população por uma mudança, dada a existência de graves problemas e a intensificação dos mesmos. Assim o suboficial se remete àquele momento:

*Como te falei, as coisas estavam muito ruins. A sociedade exigia uma mudança, uma postura das Forças Armadas e fomos lá e fizemos o nosso papel: defender o Brasil. A sociedade queria isso.*<sup>87</sup>

Segundo Edgar Luiz de Barros, esse período, é preciso perceber que os militares que chegaram ao poder não estavam sozinhos. Além de apoio estrangeiro, os militares contavam com o apoio fundamental da sociedade, “solidamente construído pela maioria dos setores empresariais, juntamente com técnicos civis (...) e amplos grupos (...)”.<sup>88</sup>

<sup>86</sup> “Galeria de Ministros”. In: *Aerovisão*. Edição Histórica. 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 19-20.

<sup>87</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. Op. Cit.

<sup>88</sup> BARROS, Edgar Luiz de. Op. Cit., p. 12.

Observa-se ainda que dado as condições instáveis existentes no Brasil, os militares entrevistados sempre se reportaram aos movimentos de 1964 como “Revolução”. Revolução essa diante da necessidade de transformações no cenário político e principalmente na sociedade que lidava com diversas ameaças. O Suboficial Alfredo argumenta que nesse momento foi dado “um golpe contra o projeto de comunização do país”,<sup>89</sup> como parte do processo revolucionário. O suboficial Davi Santana da Silva expõe que muitas das informações apresentadas hoje não condizem com as situações vividas naquele período e afirma:

*Hoje eu vejo o que falam. As pessoas falam muita bobagem, sem ter o conhecimento. Embora eu não tenha me envolvido, as coisas não funcionavam como se fala hoje. Era um regime que tinha se estabelecido. Agora, se você não se sujeitava a ele, você recebia as sanções dele. E isso é até hoje. Por exemplo, você é obrigado a usar cinto (de segurança ao dirigir), por mais absurdo que seja, na sua cabeça e achar que quem deve ter segurança por ti é você mesmo, se você não usar é penalizado.*<sup>90</sup>

Para os militares entrevistados, além do Suboficial Davi Santana da Silva, há muitas “simplificações” existentes nos discursos dos jornalistas, militantes de esquerda que combatiam o Regime. Uma delas, no que tange à classificação de “torturadores” aos militares é algo que sempre questionam e combatem e por vezes se referiam a isso dizendo:

*Eles [ex-militantes, perseguidos políticos, imprensa] sempre mostram os que os militares fizeram, mas não mostram tudo. Eles também fizeram muitas coisas. Deve se ter um equilíbrio no que fazem e falam, pois não foi assim e só isso, como muitas vezes eles apresentam.*<sup>91</sup>

Segundo os Suboficiais Cruz Soares, Davi Santana da Silva, Alfredo Oliveira e Sargento Bittencourt, os civis também têm participação nas ações do Regime, fossem elas de apoio ou negação; pois “se encontravam lá de alguma forma, no meio de tudo isso”, explana o Sargento José Rodrigues Canella,<sup>92</sup> ao considerar a inserção dos civis nas diversas discussões sobre atuação dos governo nas décadas de 1960-1980.

Jorge Ferreira<sup>93</sup> atenta que mesmo com o avanço das reflexões sobre o governo Goulart e o Golpe Civil-Militar, ainda está presente o paradigma tradicional de exclusividade do golpe, mais especificamente a questão do culpado único: os militares e a determinação

<sup>89</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Ananindeua-PA, sábado, 19 de novembro de 2011.

<sup>90</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Belém-PA, terça-feira, 12 de outubro de 2011.

<sup>91</sup> Suboficial Ivaldo Pereira. Ananindeua-PA, sexta-feira, 11 de março de 2011.

<sup>92</sup> Sargento José Rodrigues Canella. Belém-PA, quarta-feira, 13 de abril de 2011.

<sup>93</sup> FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. Cit.



econômica, para o destino das coletividades.<sup>94</sup> Tem-se também a questão do indivíduo único fazendo a história, personalizando a História, como a figura de João Goulart que se apresenta depreciada pelas “esquerdas” e “direitas”, onde elas convergiam num ponto: ele ser populista,<sup>95</sup> para o advento do golpe. Situação esta que é expurgada ou no mínimo questionável, pois, segundo Jorge Ferreira, é uma análise tradicional superada na historiografia e teoricamente inaceitável.<sup>96</sup>

Uma base de argumentação é o colapso do populismo e o determinismo econômico (dentro da análise das grandes estruturas) que se torna fechado, independente da própria sociedade que a produziu, com poder de autorregulação, dominando as iniciativas e as crenças das pessoas que acarretam numa simplificação e no próprio não conhecimento histórico. Tais princípios não são mais considerados, levados a sério, nos dizeres de Jorge Ferreira, na medida em que alijam vários constituintes da história desse período e de anos vindouros.<sup>97</sup>

Outra argumentação falha, segundo Jorge Ferreira, é a não atenção às particularidades civis que conspiravam, articulando instituições e setores da sociedade brasileira com participantes atuantes e fortes, a qual desempenharam ações decisivas para os movimentos de 1964, no qual se afirma: “(...) minimiza-se a participação dos grupos e das classes sociais que atuaram de maneira conflituosa dentro do país, deslocando para o exterior os protagonistas da própria história vivida pela sociedade brasileira (...)”.<sup>98</sup>

Neste sentido, relega-se esse papel para outros sujeitos como americanos, militares, comunistas; mas nunca são considerados a sociedade brasileira e seus segmentos sociais. Como afirma Daniel Aarão Reis,<sup>99</sup> a manutenção desse regime ora é associado aos “outros”, procurando, então, um distanciamento e ligações com esse momento recente do Brasil, surgindo então à memória dos eternos opositores, cassados, àqueles – militantes ou não – eram contra a ditadura em suas diversas instâncias e facetas.

---

<sup>94</sup> Idem, p. 335.

<sup>95</sup> Ou compreendê-lo como tal, na qual seria um fator, dentre outros, importantíssimos para sua derrubada e reprovação por estes segmentos. Entenda-se por populismo: conjunto de movimentos políticos que se propuseram colocar, no centro de toda ação política, o povo enquanto massa em oposição aos (ou ao lado dos) mecanismos de representação próprios da democracia representativa. Cf. CHIAVENATO, Júlio José. *O Golpe de 64 e a Ditadura Militar*. 3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994, p. 12.

<sup>96</sup> FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. Cit., p. 346.

<sup>97</sup> Idem, p. 346-347. Exemplo disto a atuação de várias entidades civis ou mesmo setores progressistas, dentro de instituições conservadoras, como os adeptos da Teologia da Libertação dentro da Igreja Católica; o impacto nas famílias de políticos que eram cassados ou exilados.

<sup>98</sup> Idem, p. 347.

<sup>99</sup> REIS, Daniel. Op. Cit., p. 40.

Para expor suas idéias, Jorge Ferreira recorre “(...) ao método histórico reconstruindo as identidades e os interesses dos setores coletivos envolvidos no processo, bem como as lutas políticas e conflitos sociais que elas patrocinavam (...)”,<sup>100</sup> à medida que teremos a noção sobre a formação das alianças entre grupos civis e militares que resultaram no golpe de 1964.

Ressalta-se, a partir da análise feita por Daniel Aarão Reis sobre a construção histórico-social da ditadura, esse olhar é retroativo<sup>101</sup> e nos anos posteriores ao regime a nação adota a autoimagem de “nação democrática”. Desse modo, pode-se estudar este evento, aceitar sua existência e legitimar este momento concebendo-o como abismo, escuridão – com razão – da história brasileira. Posto isso, o autor afirma que a maioria foi autora, participante, favorável ou resistente à ela, à medida que ele considera:

*(...) sempre quando os povos transitam de uma fase para outra da história, e quando a seguinte rejeita taxativamente a anterior, há problemas de memória, resolvidos por reconstruções mais ou menos elaboradas, quando não pelo puro e simples esquecimento.*<sup>102</sup>

Outro estudo que podemos perceber estas facetas do Regime Militar é o de Élio Gaspari, autor de quatro livros que compõe sua pesquisa sobre a Ditadura Militar no Brasil: “Ditadura Envergonhada”, por apresentar um regime com particularidades não-repressivas em demasia; “Ditadura Escancarada”: momento em que o governo apresenta uma ação coercitiva extrema, restringindo muitas ações institucionais e individuais da sociedade, sendo este momento conhecido como “anos de chumbo”; “Ditadura Encurralada”: período em que os movimentos de contestação direta e indireta, assim como seus grupos constituintes ganham força e criticam o Regime mais ferrenhamente; e por fim “Ditadura Derrotada”, na qual vemos o fim do sistema governamental que vigorou por duas décadas.<sup>103</sup>

Nesse estudo, Gaspari atenta para os diversos segmentos da sociedade que compunham a estrutura do Regime, como os militares, estudantes, trabalhadores, sindicalistas, intelectuais, jornalistas e outros, verificando a atuação destes na dinâmica da Ditadura civil-militar, perscrutando os caminhos e descaminhos que estes grupos e o regime

<sup>100</sup> FERREIRA, Jorge. Op. Cit., p. 347-348.

<sup>101</sup> Cabe destacar que isso não implica num olhar anacrônico do processo, mas justamente a consciência de sua existência, também imprescindível para sua construção.

<sup>102</sup> REIS, Daniel Aarão. Op. Cit., p. 49.

<sup>103</sup> Coletânea lançada entre 2002-2004, editada pela Companhia das Letras.

apresentam desde 1964-1985, assim como as instituições governamentais e as modalidades opositoras como a Guerrilha do Araguaia.<sup>104</sup>

Ao analisar os segmentos, os grupos sociais que compunham a sociedade da década de 1960-70, Daniel Aarão Reis afirma que os envolvidos no processo do regime militar não podem ser entendidos como grupos unos e homogêneos. Os mesmos tinham divergências internas que faziam com que fossem plurais tanto em sua formação quanto nas concepções e ações na sociedade.

Ressalta-se também que as plataformas de ação eram alijadas ou adequadas de acordo com os processos, conjunturas e interesses particulares de ambos os lados, considerando as atividades ocorridas no mundo e as locais como constituintes da realidade brasileira, não tendo, portanto, uma função determinista; mas possibilidades de atuação.<sup>105</sup>

Entretanto, temos a ideia de que o golpe teve o seguinte trajeto: do Brasil para o Pará e, enfim, para Belém. Essa orientação denota que a capital paraense, assim como o estado apresenta-se somente como receptora do processo militar em curso, o que não condiz com os estudos históricos realizados.<sup>106</sup> Diante disto alertamos que a população de Belém e sua classe política e militar sofreram o golpe assim como o produziram, o implantaram e o mantiveram, do mesmo modo que ocorrera no país, considerando as especificidades locais.

Em entrevista dada a Oswaldo Coimbra, Carlos Alberto Franco, líder da JEC (Juventude Estudantil Católica) em 1964, afirma a existência de um jogo político taticamente bem articulado em Belém.<sup>107</sup> Jogo político no tocante à participação, atuação direta e decisiva de diversos setores da sociedade de Belém para a implantação do Golpe em Belém, no qual membros das Forças Armadas (Exército), com destaque à Jarbas Passarinho que foi um dos principais articuladores dos movimentos de 1964, em escala local, e que se tornou um árduo defensor e representante do Regime Militar.<sup>108</sup>

---

<sup>104</sup> GASPARI, Élio. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 399.

<sup>105</sup> REIS, Daniel Aarão. Op. Cit., p. 33.

<sup>106</sup> Dentre os estudos destacamos: COIMBRA, Oswaldo. *Dom Alberto Ramos Mandou Prender Seus Padres: A Denúncia de Frei Betto Contra o Arcebispo do Pará, em 1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003. PETIT, Pere. *Chão de Promessas: Elites Políticas e Transformações Econômicas no Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003. Além dessas duas obras. Cf. Nota 125, no qual listo alguns trabalhos monográficos sobre o Regime Militar no estado.

<sup>107</sup> COIMBRA, Oswaldo. Op. Cit.

<sup>108</sup> Cf. PASSARINHO, Jarbas. Op. Cit.

Outro aspecto está ligado à Dom Alberto Ramos, arcebispo de Belém em 1964, que declarava abertamente o seu apoio ao golpe<sup>109</sup> em colunas do jornal católico Voz de Nazaré ou em outros que circulavam em Belém.<sup>110</sup>

De outro lado também nota-se a participação de estudantes, trabalhadores e outros setores que repudiavam estes movimentos, na qual, segundo o “*Jornal do Dia*”,<sup>111</sup> a posição do Governo foi de espera, enquanto trabalhadores e estudantes posicionaram-se contrários.

*Trabalhadores e estudantes unidos contra o golpe*

*Os trabalhadores paraenses estão, desde ontem, em intensa manifestação. Todos os dispositivos de arregimentação acham-se em célebre funcionamento, aglutinando forças que deverão entrar em ação a qualquer momento, em caso de ordem do CGT [Comando Geral dos Trabalhadores] que esta madrugada decretou greve geral. Para afirmar posição nesse sentido reuniram-se ontem a Federação dos Marítimos, os Sindicatos do Petróleo, Operários Navais e PUA. Hoje estarão reunidos os Estivadores, Náuticos, Arrumadores, Motoristas, Marítimos, Bancários, Alfaiates, telegráficos, além de outros. Um emissário deveria seguir hoje para o Rio, com missão especial, em face dos acontecimentos. A situação, assim, era de alerta.*<sup>112</sup>

Assistimos a uma tentativa de mostrar uma mobilização contra as desventuras ocorridas nacionalmente, além da exibição de uma unidade em prol de um mesmo objetivo que é defender os empreendimentos do governo João Goulart entendidos por estudantes e trabalhadores como importantíssimos para o país. Os jornais de esquerda conclamavam todos os que estão de acordo com o comentário que segue, a mobilizar-se efetivamente contra os acontecimentos de 1964, após reunião dos órgãos e de suas várias instâncias, assim como um posicionamento tornado público por parte dos estudantes.

*NOTA OFICIAL*

*A União Acadêmica Paraense, cumprindo decisão de seu Congresso Extraordinário ontem realizado, considerando que se desenvolve no país um processo golpista contra o mandato do Presidente da República, e atentando à orientação da União Nacional dos Estudantes,”*

*RESOLVE:*

*1- Decretar greve geral dos universitários paraenses até que seja destruído todo o esquema golpista que ameaça o Brasil;*

*2- Conclamar todos os oficiais, sargentos, soldados, trabalhadores camponeses e o povo em geral para cercarem fileiras em torno do Presidente da República, que encarna, neste momento, os sentimentos reformistas de libertação do povo brasileiro.”*

*Belém, 1º de abril de 1964.*

<sup>109</sup> COIMBRA, Oswaldo. Op. Cit.

<sup>110</sup> Cf. Jornal Voz de Nazaré. Belém-PA, 1970-1985. Jornal Resistência. Belém-PA, 1979-1985. Jornal “Folha Vespertina”. Belém-PA, 1964-1966.

<sup>111</sup> In: “Jornal do Dia”, Belém-PA, quarta-feira, 01 de Abril de 1964, p. 02.

<sup>112</sup> Idem, Ibidem.

a) A DIRETORIA<sup>113</sup>

As ações destes indivíduos estavam pautadas nas apreensões que os estudantes tinham a organização das instancias da política brasileira e uma ação de exploração dos dirigentes do país, que foi mudado, vislumbrada nas propostas reformistas de Jango por mais que elas não tenham se efetivado completamente.

No que tange aos estudos sobre o Regime Militar na Amazônia, em especial no Pará, Pere Petit<sup>114</sup> analisa as transformações socioeconômicas ocorridas na Amazônia brasileira a partir de 1960. São esquadrinhadas nesta obra as mudanças econômicas, as práticas das elites locais, as ações dos partidos políticos, os movimentos sociais, procurando trabalhar numa “(...) análise mais abrangente das mudanças sócio-econômicas e práticas políticas no Estado do Pará durante o Regime Militar e os anos transcorridos (...)”.<sup>115</sup> O autor busca compreender estes decênios vividos no Regime Militar e nos anos pós-ditadura no Brasil, que reorganizaram as estruturas sociais com o surgimento de novos setores sociais, assim como suas inúmeras demandas e particularidades locais – como movimentos de esquerda, guerrilheiros, estudantes universitários, nova elite política – provenientes do Golpe.

Analizando a atuação do Regime Militar na Amazônia com os pilares território, política e economia, Pere Petit expõe as particularidades deste regime político no Pará e sua grande influência no processo de povoamento, integração econômica e as novas sociabilidades surgidas com a intervenção militar na Amazônia. Setores agrícolas tiveram uma expansão que aumentou as disputas por terras no estado, acarretando num acirramento político entre sindicatos, órgão de defesa dos direitos humanos (nacionais e internacionais), trabalhistas.

Uma primeira consideração apresentada por Pere Petit é que parte significativa dos estudos sobre o Regime Militar na Amazônia se detém aos Grandes Projetos, às novas rodovias, às lutas de terras; enquanto que os menos estudados são as práticas das elites locais, ações dos partidos políticos, os movimentos sociais e sindicais também ocorridos neste período.

Observa-se também que o presente estudo não se restringe aos anos 1960, mas compreende estes decênios vividos nesse período e nos anos pós-fim de Ditadura no Brasil,

---

<sup>113</sup> Idem, p. 03.

<sup>114</sup> PETIT, Pere. *Chão de Promessas: Elites Políticas e Transformações Econômicas no Pará, pós-1964*. Belém, Paka-Tatu, 2003.

<sup>115</sup> Idem, p. 27.

que reorganizaram as estruturas sociais com o surgimento de inúmeras demandas, assim como pelos novos setores sociais e particularidades locais.

Vê-se que a formação de frentes partidárias, sua criação, atuação e exportação de um partido regional ou estadual eram muito limitadas,<sup>116</sup> havendo uma possibilidade mínima de um partido do Norte ganhar uma influência considerável no cenário nacional. Além disso, com o advento do Golpe Militar toda a “política baratista”<sup>117</sup> ainda influente e os políticos paraenses ligados a ela foram alijados dos cenários políticos principais, uma vez que entraram em cena outras lideranças que teriam um entendimento político mais nacional do que regional,<sup>118</sup> acarretando numa mudança na política paraense, nas ações econômicas e nos movimentos sindicais resultantes delas, propiciando uma nova configuração do processo histórico paraense.

Oswaldo Coimbra apresenta dois panoramas sobre o implante da Ditadura Militar: o contexto de Belém e a participação da Igreja Católica no Golpe.<sup>119</sup> Neste trabalho, Oswaldo Coimbra escreve sobre a denúncia de Frei Betto sobre o Arcebispo Metropolitano de Belém referente à delação que o mesmo fizera às autoridades sobre padres que eram tidos como opositores ao novo governo, ou com ideais comunistas. O autor entrevistou pessoas ligadas aos padres e estudantes presos, que dão seus depoimentos acerca dos fatos. Oswaldo Coimbra consegue tecer então uma visão sobre o quadro político-social belenense em virtude das semanas de março e abril de 1964, relatando a presença de grupos e pessoas antes, durante e depois da ação militar em Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará, e em especial Belém.

Verifica-se a ação política em Belém, retratando os pormenores locais ao passo que a forma do implante não se deu igual à do Sul,<sup>120</sup> onde estudos atestam que os líderes políticos no instante do golpe foram favoráveis ao mesmo, com o intuito de manter seus cargos, sendo o Pará o primeiro estado a reconhecer a legitimidade dos movimentos e exaltando-a como Revolução.<sup>121</sup> O autor analisa a participação de Dom Alberto Ramos no

---

<sup>116</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. & FONTES, Virgínia Maria. Op. Cit., p. 10 e seguintes.

<sup>117</sup> Por “política baratista” entende-se: a política de aproximação às classes populares no cenário paraense exercida no mandato de Magalhães Barata nas décadas de 1930-1950. Para uma melhor compreensão ver: PETIT, Pere. “Traços da Economia e da Política no Pará pré-1964”. In: Op. Cit. (01), p. 22-34.

<sup>118</sup> PETIT, Pere. Op. Cit. (02).

<sup>119</sup> COIMBRA, Oswaldo. Op. Cit.

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> Sobre as posturas dos governantes locais ver: PETIT, Pere. Op. Cit. (02), em especial o capítulo 03: “*Elites políticas, partidos e eleições no Pará durante o Regime Militar e na Nova República*” que explana sobre fatos políticos no Pará entre 1930-1962, para adentrar em 1964; apresentando as ações, idéias, práticas políticas dos movimentos sociais, sindicais, clérigos, partidos de esquerda no Pará, p. 123 e seguintes. & SILVA, Raimundo

Golpe, afirmando que a ação do então Arcebispo de Belém deve-se a possibilidade dos padres denunciados por ele estarem carregados de ideais comunistas e/ou partidários, vistos como prejudiciais à sociedade católica paraense,<sup>122</sup> afirmando a participação da Igreja católica e sua corroboração aos movimentos deste ano considerando-a como revolução sendo, portanto, a favor das incursões militares.

Temos além destes, estudos monográficos como o de Keiler Barros que ao estudar o Regime Militar trata das ações dos estudantes durante a ditadura com o seguinte objetivo:

*(...) sobretudo lançar algumas abordagens sobre como a juventude e especialmente os estudantes paraenses, assim, também, como professores e artistas desenvolviam uma ação cultural e como esta seria utilizada como forma de resistência contra o regime de opressão (...).*<sup>123</sup>

Neste momento (1964-1968) são destacadas as datas cívicas e os “aniversários” do Estado Nacional, focando-se na participação dos estudantes e da música de protesto como elementos visualizadores da situação e da estrutura político-familiar no Pará e as consequências na dinâmica social paraense nos anos seguintes.<sup>124</sup> Ressalta-se também a atenção referente à atuação das mulheres na ditadura; as mudanças ocorridas em Belém e em outras cidades do interior do Estado do Pará pós-1964; a participação da Igreja através das autoridades eclesiais, dos grupos estudantis, grupos jovens, leigos, etc.,<sup>125</sup> cuja produção historiográfica paraense a respeito do século XX, em especial os últimos 50 anos, ampliou consideravelmente.

Segundo Oswaldo Coimbra, a produção sobre a história das décadas de 1960-1980, principalmente sobre o Regime Militar conta com a colaboração de jornalistas, memorialistas, cientistas sociais, mas que ainda está em quantidade pouco expressiva em comparação com outros períodos – Período Colonial Amazônico, por exemplo – observada na pouca referência dada aos segmentos que participaram da inserção do Golpe Militar, como

---

Robson Souza. Op. Cit., p. 07-08; 20 e seguintes, onde é exposta a construção da cidadania no cenário brasileiro de 1930-1969 destacando em certos momentos a política paraense dos anos 60.

<sup>122</sup> COIMBRA, Oswaldo. Op. Cit.

<sup>123</sup> BARROS, Keiler do Espírito Santo. *Num Tempo... Página Infeliz da Nossa História e Ditadura Militar em Belém (1964-1968)*, Belém, 2004, p. 02. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> Ver sobre isto, respectivamente: CARNEIRO, Eva Dayna Félix. *Memórias de Resistentes: Um Estudo Sobre as Práticas Femininas de Oposição à Ditadura Militar em Belém do Pará*, Belém, 2003; GORDO, Silvia Betânia Gordo e. *Mojú: Antes e Depois de 1964*, Breves-Pará, 2004; BORGES, Deise do Socorro. *De Terço na Mão Contra o Comunismo: Discurso e Prática da Igreja Católica em Belém (1963-1966)*, Belém, 1998; PANTOJA, José Amarildo Rodrigues. *Capelão do Golpe: O Envolvimento de Dom Alberto Gaudêncio Ramos no Golpe Militar de 1964*. Belém, 2004. (Monografias de Graduação em História - UFPA).

empresários e comerciantes, sobre os quais nada se encontra nas livrarias a respeito de Belém.<sup>126</sup> Ressaltamos que o autor corrobora o pensamento da não exclusividade das ações de 1964 relegadas aos militares, citando segmentos (no plural) que impulsionaram o Regime ou o combateram.

Porém ressalta-se que alguns grupos contam com uma considerável análise historiográfica, como os estudantes no qual Rogério Ferreira da Silva afirma que o movimento estudantil, foi e é alvo de inúmeros estudos por sua importância na história do país. Porém adverte que embora seja numerosa, a historiografia ficou aprisionada a estudos muito restritos ao sujeito “movimento estudantil” e as suas instituições (UNE, JUC, UBES, UIE) e alijando outros pormenores e indivíduos significativos.<sup>127</sup>

Como ponto de destaque o autor afirma a existência de uma pluralidade do movimento estudantil, que compunha e tinha influência, de forma generalizante, o partido comunista, grupos católicos em destaque a JUC; trotskistas; e estudantes que não tinham uma vinculação direta com qualquer movimento.<sup>128</sup>

Augusto César Martins também discute como os estudantes desenvolviam ações culturais e como esta era apreendida no bojo do Regime Militar, que apresentava outras formas de atuação que poderiam compor a oposição à Ditadura.<sup>129</sup> Questionamento esse também levantado por Tony Leão<sup>130</sup> a respeito do círculo musical paraense no Regime Militar, em especial a “formação” de uma Música Popular Paraense (MPP) que segundo entrevistas realizadas por ele, os músicos populares do período (pertencentes a uma fração intelectualizada da sociedade) estavam mais preocupados em “fazer música” do que apresentar uma crítica ao regime, embora este não estivesse dissociado.<sup>131</sup>

*Como se sabe, os festivais no Brasil estiveram fortemente influenciados pelo momento político que passava o país após a ditadura militar e, **grosso modo**, envolto no clima ideológico da idéias nacional-populares presentes no Brasil desde antes de 1964. Os anos 60 em particular vão ser fortemente absorvidos num clima de debates culturais e políticos no qual a música popular especialmente vai ocupar grande destaque (...) vão estar no centro de uma de contendas que a partir da canção popular acabavam discutindo os rumos do país e a nação do povo brasileiro, em uma fase marcada primeiramente pela esperança do desenvolvimento*

<sup>126</sup> COIMBRA, Oswaldo. Op. Cit.

<sup>127</sup> SILVA, Rogério Ferreira da. *Política Estudantil no Brasil e no Pará (1963-1969)*. Belém, 2006, p. 04. (Monografia de Graduação em História – UFPA).

<sup>128</sup> Idem, p. 21.

<sup>129</sup> MARTINS, Augusto César Lobato. *Jovens Estudantes e Ação Cultural no Pará sob a Ditadura Militar*. Belém, 1999. (Monografia de Graduação em História), p. 04.

<sup>130</sup> COSTA, Tony Leão. Op. Cit.

<sup>131</sup> Idem, p. 24.



*da era Juscelino Kubitschek, depois pela radicalização e luta pelas reformas de base da era João Goulart, e, por fim, pela repressão causada pelo golpe de 1964.*<sup>132</sup>

Esse trabalho versa sobre a atuação destes estudantes dentro do meio acadêmico, não sendo necessariamente uma atuação dentro do movimento estudantil, embora, pelas próprias entrevistas haja uma menção ao movimento estudantil, pois os depoentes afirmam conhecer o mesmo e muitas vezes serem ligados a ele.<sup>133</sup> Estes personagens não eram apenas músicos, mas um conjunto de pessoas que iam de jornalistas a folcloristas, poetas, estudantes, militantes, e músicos.<sup>134</sup> Assim, expomos que quando falamos de movimento estudantil e de estudantes universitários em sua maioria, lidamos com um número considerável e diversificado de indivíduos.

A partir de 1968 os movimentos de contestação da ordem social ganham mais força e expandem-se pelo mundo. Marcelo Ridenti,<sup>135</sup> ao tratar de sublevações e pensamentos de 1968, afere a eclosão dos movimentos de contestação em que os estudantes desempenharam papel significativo em várias partes do mundo, como as manifestações dos estudantes do “Maio de 68” na França; nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã; no México contestando o Partido Revolucionário, e no Brasil que propiciaram uma perspectiva de mudança da sociedade.<sup>136</sup> No Brasil segundo o autor, as querelas dos movimentos de alterações e o movimento estudantil deste mesmo ano tivera sua própria dinâmica de luta, anterior a 1968, onde em 1964 com o Golpe Militar, ocorrera a interrupção do processo de democratização política e social, pautado principalmente nas reivindicações de trabalhadores urbanos e rurais, estudantes, intelectuais e militares de baixa patente, na qual sua atuação criticava a ordem estabelecida.<sup>137</sup>

Éder Sader afirma que a consolidação do regime militar no início da década de 1970 se fazia sobre a pulverização e o silêncio dos movimentos sociais, promovendo o surgimento de inúmeros movimentos sociais destacando-se muito o âmbito político dos mesmos. Além disso, ocorreu o surgimento de novos grupos/classes sociais, mais

<sup>132</sup> Idem, p. 28. (grifo do autor).

<sup>133</sup> Cf. Entrevistas de Simão Jatene e esposa, assim como a de Ruy Barata contida em mesma dissertação.

<sup>134</sup> COSTA, Tony Leão. Op. Cit., p. 09.

<sup>135</sup> RIDENTI, Marcelo. “1968: rebeliões e utopias”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *O Século XX: O Tempo das Dúvidas*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Volume 03.

<sup>136</sup> Idem, p. 135-136.

<sup>137</sup> Idem, p. 149.

especificamente os trabalhadores à medida que estes passaram a ser reconhecidos com tal – trabalhadores – com demandas, características, experiências e sociabilidades próprias.<sup>138</sup>

Este adverte que os mesmos já existiam assim como suas reivindicações, porém o ponto de mutação era sua configuração quanto grupo instituído. Tomamos como exemplo do Partido dos Trabalhadores (PT), surgido em 1980 no centro industrial de São Paulo, conhecido como ABC Paulista, que se configura inicialmente como um partido político com a pretensão de atender às exigências sociais destes trabalhadores da indústria. Sua identificação como classe apresentava demandas próprias, específicas, de sujeitos que tinham um vínculo político, ideológico, trabalhista, ou qualquer modo de nascimento deste sentimento de pertença ao grupo/classe dos trabalhadores.

Eric Hobsbawm<sup>139</sup> afirma que o período de 1960-1970 é marcado pelas transformações e conflitos de gerações que grandes ou pequenas, podem ser percebidas por todo o globo. Isso mais impressionante no campo da cultura, ainda mais entre os jovens.<sup>140</sup> Com isto tem-se uma “cultura juvenil” que a fizeram tão importante e decisiva em diversos assuntos do mundo e do Brasil. Apresentava indicações, mobilização social, questionamentos dos padrões culturais, políticos e sociais, tendo a atribuição de novidade juvenil com as seguintes características: a) camada social separada (autônoma); b) torna-se dominante, sendo alvo e produtora de inúmeras realizações e mudanças na sociedade; c) espantoso internacionalismo: cultura jovem global.<sup>141</sup>

Sônia Mendonça e Virgínia Fontes ao tratarem da mobilização popular ocorrida nos anos 1970, sustentam que a mesma desemboca com a crise vivenciada nesse período: o fim do milagre econômico que dava sinais de esgotamento devido às suas contradições internas.<sup>142</sup> Esta teve como desdobramento uma concentração de renda mais forte do que nas últimas décadas, culminando com uma maior desigualdade social e, portanto, com reflexos na expectativa de vida. Por exemplo, os trabalhadores que ganhavam cinco salários mínimos tinham uma expectativa de vida superior em 14 anos, àqueles que ganhavam abaixo de um salário.<sup>143</sup> Diante deste quadro, Éder Sader afirma:

---

<sup>138</sup> SADER, Éder. Op. Cit., p. 32.

<sup>139</sup> HOBBSAWM, Eric. “Revolução Cultural”. In: *Era dos Extremos: O Breve Século XX. 1914-1991*. 2ª Edição. 38ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>140</sup> Idem, p. 317.

<sup>141</sup> Idem, p. 321.

<sup>142</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. & FONTES, Virgínia Maria. Op. Cit., p. 69.

<sup>143</sup> Idem, Ibidem.

*(...) não estava simplesmente diante de um momento de ruptura nos padrões de legitimação da ordem. (...) Eu estava, sim, diante de uma emergência de uma configuração das classes populares no cenário público. (...) o fim dos anos 70 assistia à emergência de uma nova configuração de classe. (...).*<sup>144</sup>

Configuração de classe e emergência pautada nas novas dinâmicas da sociedade que conjuntamente com o milagre econômico, seu posterior declínio e novas articulações institucionais ou não. Articulações dos objetivos práticos dessas classes representativas com as experiências de grupo e/ou individuais concederam uma maior efervescência das mudanças sociais.

Élio Gaspari ao tratar dos movimentos em que os estudantes se inserem expõe primeiramente que eles se faziam presentes em diversas mobilizações, fossem elas organizadas por eles mesmos ou de responsabilidade de outras instituições, como a convocações para convocações, passeatas nas universidades, greves em instituições de ensino, dentre elas a USP (Universidade de São Paulo), PUC (Pontifícia Universidade Católica) e FGV (Fundação Getúlio Vargas), no quais reuniam mais de 30 mil em protesto pela morte de Vladimir Herzog em 1975.<sup>145</sup>

Maria Ediene Soares<sup>146</sup> analisa a atuação dos estudantes paraense e a repressão experimentada pelos estudantes no ano de 1968, quando estes apresentaram uma oposição explícita e ferrenha. Mas a coerção tratada por ela não se restringe às ações dos órgãos repressivos como a Polícia Militar e a Delegacia de Segurança e Polícia Social. Os estudantes também foram alijados dos canais de veiculação da imprensa, na qual afirmara a clara conivência dos meios de comunicação que circulavam na época (em destaque os jornais) em favor da ação do militares, minimizando seus atos de selvageria contra os estudantes, e que por vezes tinham suas ações depreciadas.<sup>147</sup>

Esta percepção da conivência da Imprensa ao Regime é abordada por Paulo Alexandre Lima Dias<sup>148</sup> que afirma a luta pela liberdade de expressão e contestação do Regime pela imprensa foi mais forte em termos nacionais – entenda-se o eixo Sudeste – do que no norte, em destaque o Pará, na qual a imprensa local fora a favor dos militares.<sup>149</sup> Maria

<sup>144</sup> SADER, Éder. Op. Cit., p. 36.

<sup>145</sup> GASPARI, Élio. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 179.

<sup>146</sup> SOARES, Maria Ediene Pinheiro. *1968: O ano da resistência estudantil à Ditadura Militar*. Belém, 2003 (Monografia de Graduação em História - UFPA).

<sup>147</sup> Idem, p. 28.

<sup>148</sup> DIAS, Paulo Alexandre Lima. *A Repressão Militar do Golpe de 1964: A Ótica da Imprensa de Belém*. Belém, 2004. (Monografia de Graduação em História).

<sup>149</sup> Idem, p. 56.

Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis<sup>150</sup> expõem que o Regime identificava como seus opositores todos quantos, de forma direta ou indireta, contribuíam para o desgaste do governo, pois:

*(...) ser de oposição incluía assinar manifestos, participar de assembléias e manifestações públicas, dar conferências, escrever artigos, criar musicas, romances, filmes ou peças de teatro; emprestar a casa para reuniões políticas, guardar ou distribuir panfletos de organizações ilegais, abrigar um militante de passagem; fazer chegar a imprensa denúncias de tortura, participar de centros acadêmicos ou associações profissionais.*<sup>151</sup>

Atividades estas que estavam no dia-a-dia dos estudantes, de artistas, trabalhadores, em menor proporção, sendo que quando uma dessas esferas se manifesta não elimina a outra, mas está em maior evidência neste momento específico, onde um indivíduo poderia encontrar-se em uma manifestação pública ou assistindo a peças de teatro o que não denota necessariamente uma ligação político-partidária de oposição ao regime.

Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis atentam para em que consistiu a experiência cotidiana de ser oposição durante os vinte anos de autoritarismo no Brasil, dotada de inúmeras ambiguidades que se fazia na vida cotidiana,<sup>152</sup> tratando da classe média intelectualizada.<sup>153</sup>

*(...) é consenso considerar privado, em sentido amplo, o âmbito da chamada sociedade civil: as atitudes, atividades, relações, instituições e formas de organização não voltadas para o sistema político, ou mais especificamente, não orientadas para influenciar, conquistar ou exercer o governo. Assim, fazem parte do universo privado: a família, o círculo de amizades, as relações amorosas, a experiência religiosa ou mística, o trabalho, o estudo, o lazer, o entretenimento e a fruição da cultura.*<sup>154</sup>

Nisto, João de Jesus Paes Loureiro num relato memorialístico afirma o seguinte sobre e as relações estabelecidas entre seus familiares no regime:

*Familiares e amigos dos ditos subversivos, muitas vezes foram também perseguidos. Em consequência, era comum perceber-se algum conhecido atravessando discretamente a rua para não ser visto a nos cumprimentar. Violeta já casada comigo, teve seu estágio cancelado na SUDAM e dificuldades impostas a seu trabalho técnico; mais tarde no IDESP, onde fora aprovada por concurso. Terezinha, minha irmã, foi preterida na direção do Grupo Escolar em*

<sup>150</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. Op. Cit.

<sup>151</sup> Idem, p. 328.

<sup>152</sup> Idem, p. 323.

<sup>153</sup> Idem, p. 326.

<sup>154</sup> Idem, p. 327.

*Abaetetuba<sup>155</sup> e sofreu discriminações administrativas pelo fato de ser irmã de um ‘subversivo’.<sup>156</sup>*

Observamos então, que com o advento do Regime Militar, muitos foram os indivíduos atingidos diretamente com ele, a exemplo de políticos, estudantes e membros de diversos movimentos e/ou grupos políticos. Porém, outros segmentos da sociedade também tiveram suas vidas afetadas pelo governo militar, mesmo que estivessem “distantes” de assuntos políticos. Mas o funcionamento do regime, é necessário destacar, se fez de formas diferentes, como no caso de familiares dessas pessoas ligadas aos movimentos contestatórios.

No entanto, essas esferas públicas e privadas, segundo Maria Hermínia Almeida e Luiz Weis, num processo democrático e livre apresentam delimitações bem claras. Porém quando ocorre um sistema autoritário, por vezes ditatorial, o público e privado tornam-se mais intrincados, acarretando no “arrastamento da política para dentro da órbita privada” devido a dois fatores: 1) a atividade política torna-se clandestina, portanto fora do âmbito público; 2) essa atividade política age diretamente sobre o dia-a-dia.<sup>157</sup>

Diante disto, o estudo das atividades ocorridas neste período necessita transitar sobre essas esferas públicas e privadas, buscando elucidar ainda mais como os acontecimentos de 1964 e o posterior governo influenciaram vida desses sujeitos durante duas décadas.

## **1. 2. Militares na direção do País.**

O colapso democrático ocorrido em 1964 foi o resultado de uma complexa instabilidade política, declínio econômico e insatisfações de diversos setores da sociedade intensificado a partir de 1961.<sup>158</sup> O sistema político apresentara um descrédito e cisões políticas intensas no qual os partidos políticos apresentavam sérios desacordos ideológicos e rixas individuais distanciando-se cada vez mais das vontades e desejos da população. Inconstâncias salariais, desempregos e outras medidas que contrariavam tanto trabalhadores como empresários que, entre outras, diminuía os valores dos soldos e aumentavam os impostos prejudicando cada vez mais suas condições de vida.

Com a crescente insatisfação da sociedade, dos militares, dos governantes com a situação política econômica do país em 1964, destacando-se a instabilidade política centrada

<sup>155</sup> Cidade localizada na mesorregião do Nordeste Paraense.

<sup>156</sup> NUNES, André da Costa. Et Ali. *Relatos Subversivos: Os Estudantes e o Golpe Militar no Pará*. Belém: Editora dos Autores, 2004, p. 264.

<sup>157</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. Op. Cit., p. 327.

<sup>158</sup> SKIDMORE, Thomas E. Op. Cit. (02), p. 18-19.

nas disputas presidenciais – quem assumiria e como se gestaria – aliado às cisões internas do governo, ao assumir o poder, os militares se detiveram em diversas ações que possibilitassem a diminuição e até mesmo fim desses problemas. Seja nos campos políticos, sociais e econômicos o governo militar se valeu de acordos e atos ilegítimos constitucionalmente. Todos os movimentos de oposição foram considerados subversivos e colocados na ilegalidade e seus membros foram presos. Movimentos sociais e diversas instituições representativas foram extintos e iniciaram os primeiros exílios. Extinguiram-se os partidos políticos e foram estabelecidos apenas dois: ARENA e MDB. No campo econômico, a principal proposta era combater a inflação, com medidas e efeitos impopulares.<sup>159</sup>

Esses efeitos não eram somente no âmbito civil. Muitas das cisões e questionamentos surgidos nesse período também se originaram dentro dos quartéis. Na revista VEJA de 1969 é exposto a decrescente verba destinada às Forças Armadas, considerando que de 1958 à 1964, o país vinha sendo desmilitarizado, quando observados os parâmetros econômicos.<sup>160</sup> Ainda, segundo a revista, o Ministério do Exército em 1958 tinha um orçamento equivalente a 1,58% do PIB nacional e em 1964 recebia 0,66%. Essa mesma redução atingia as outras duas Forças Armadas.

Nos governos seguintes à Castelo Branco, Artur da Costa e Silva (1967-1969) e Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) as propostas econômicas de expansão das atividades e crescimento se mantiveram, porém com novo foco: Amazônia.

Pere Petit em “Chão de Promessas”<sup>161</sup> atesta que o estado do Pará, a partir deste momento, sofreu inúmeras transformações que alteraram significativamente sua situação socioeconômica. Isto ocorreu a partir das ações das Forças Armadas e pelos tecnocratas das diferentes instituições da Administração Federal que instauraram novas tecnologias e novas formas organizacionais de estruturação sociopolítica Amazônica.<sup>162</sup>

Observa-se que esse aceleração da integração à economia nacional e internacional é reflexo também das preocupações geopolíticas da cúpula militar quanto ao controle dos espaços fronteiriços.<sup>163</sup> Nisso, as verbas militares voltaram a crescer consideravelmente, no qual a Aeronáutica, uma das principais forças de atuação na Amazônia

---

<sup>159</sup> CHIAVENATO, Júlio José. Op. Cit., p. 52.

<sup>160</sup> VEJA. São Paulo: Abril, 10 de Setembro de 1969, p. 35.

<sup>161</sup> PETIT, Pere. Op. Cit (02).

<sup>162</sup> Idem, p. 24.

<sup>163</sup> PETIT, Pere. Op. Cit, p. 35.

recebera de 113 milhões (a partir de 1964) presumia-se ter 727 milhões de Cruzeiro Novo no ano de 1969.<sup>164</sup>

O fluxo migratório para a Amazônia aumenta consideravelmente, principalmente a partir dos anos 1970, segundo dados do Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) conforme vemos a seguir.

| População e Densidade Demográfica das Unidades da Federação - 1960 |                                   |                   |                  |
|--------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|-------------------|------------------|
| Regiões<br>Fisiográficas e<br>Unidades da<br>Federação             | População Estimada em 1º de Julho |                   |                  |
|                                                                    | Números<br>Absolutos              | Números Relativos |                  |
|                                                                    |                                   | Por km²           | % sobre o Brasil |
| Rondônia                                                           | 64.799                            | 0,27              | 0,10             |
| Acre                                                               | 166.108                           | 1,09              | 0,25             |
| Amazonas                                                           | 626.120                           | 0,40              | 0,94             |
| Rio Branco <sup>165</sup>                                          | 27,241                            | 0,12              | 0,04             |
| Pará                                                               | 1.371.429                         | 1,10              | 2,07             |
| Amapá                                                              | 65.764                            | 0,48              | 0,10             |
| Norte                                                              | 2.321.461                         | 0,65              | 3,50             |

Tabela 1: População e Densidade Demográfica das Unidades da Federação – 1960. Fonte: *Anuário Estatístico do IBGE*. IBGE-1960, p. 22.

| CENSO DEMOGRÁFICO 1970 (População Residente) |         |
|----------------------------------------------|---------|
| Grandes Regiões e Unidades da Federação      | Total   |
| Rondônia                                     | 104.838 |
| Acre                                         | 215.834 |

<sup>164</sup> Revista *VEJA*. Op. Cit., p. 35.

<sup>165</sup> Território administrado pela união neste período. Posteriormente teve seu nome alterado para Roraima quando se tornou estado autônomo da Federação.

|          |           |
|----------|-----------|
| Amazonas | 915.257   |
| Roraima  | 40.163    |
| Pará     | 2.085.697 |
| Amapá    | 109.340   |
| Norte    | 3.471.129 |

Tabela 2: Censo Demográfico 1970 (População Residente). Fonte: *Censo Demográfico. Resultados*. IBGE-1976, p. 71.

Da mesma forma, ocorreu também o aumento do efetivo militar segundo informações dadas pelo Sargento da Reserva da Aeronáutica, Jarnélio Leite Gomes Vital que na Vila Militar entre 1966-1970 havia uma grande quantidade de “pessoas de outros lugares, gaúchos, do Rio de Janeiro, São Paulo e assim afora (...)”.<sup>166</sup>

Outros indivíduos compuseram este quadro de migrações originadas pelas atividades desenvolvidas na Amazônia. No Pará, isto se deu através das frentes agropecuárias, que reestruturaram as bases de produção agrícola e da sociabilidade dos novos polos econômicos surgidos.<sup>167</sup> Essas ações de integração da Amazônia no Regime Militar nos anos 1960 se materializaram na abertura de estradas; atração de migrantes do sul; luta contra a Guerrilha do Araguaia; Projetos de Exploração Mineral; Repressão aos Movimentos sociais no campo e na cidade, exemplos claros das mudanças ocorridas na Amazônia propiciaram diferentes vivências aos diversos setores da sociedade que se encontra numa nova forma de organização do Estado Nacional.

As intervenções públicas não iniciaram no Governo Militar. Seu começo data do final do Governo Vargas, havendo posteriormente, mudanças promovidas pela industrialização e integração nacional realizado pelo Governo Kubitschek, pois nas palavras dos autores Sérgio Buarque, Antero D. Lopes e Teresa Cativo Rosa,<sup>168</sup> a Amazônia foi percebida da seguinte maneira:

<sup>166</sup> Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital. Op. Cit.

<sup>167</sup> Para um melhor entendimento desta situação, ver: PINTO, Lúcio Flávio. *Carajás: Ataque ao Coração da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1982. VELHO, Otávio Guilherme. *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*. São Paulo. Zahar, 1985.

<sup>168</sup> BUARQUE, Sérgio C. & LOPES, Antero Duarte. & ROSA, Teresa Cativo. “Integração Fragmentada e Crescimento da Fronteira Norte”. In: AFFONSO, Rui de Britto Álvares. & SILVA, Pedro Luiz Barros. (Organizadores). *Desigualdades Regionais e Desenvolvimento*. São Paulo: FUNDAP; Editora UNESP, 1995, p. 95-123. (Federalismo no Brasil).



*(...) a concepção geopolítica foi fator dominante desde o início, fazendo emergir a preocupação com a Amazônia mais pelo interesse nacional e estratégico que pela pressão e influência das elites regionais (...).*<sup>169</sup>

Com os governos militares a partir de 1964 este intento de integração ganhou novo fôlego, pois a incorporação da Amazônia no projeto nacional facilitou o desenvolvimento econômico brasileiro e, por outro lado, o crescimento e a modernização do Brasil viabilizaram a integração deste ao cenário nacional.<sup>170</sup>

O regime também promoveu a divisão administrativa da área com a criação dos territórios federais que posteriormente se tornaram estados independentes, além da criação do estado de Tocantins pós-Regime Militar (1988), mas que ainda seguia as tendências e pensamentos elitistas e muitas vezes separatistas. Esta integração fragmentada provocou novas e importantes relações, acarretando processos diferenciados na estrutura administrativa, que são três: a) o estímulo a movimentos autonomistas internos (separatistas) que visam a criação de novos estados com interesses político-econômicos por parte de seus idealizadores;<sup>171</sup> b) as preocupações geopolíticas relativos à administração das grandes extensões de terra; c) a multiplicação dos municípios nos estados da Amazônia, quanto à gestão dos recursos públicos.<sup>172</sup>

A expansão econômica e populacional foi fragmentada, concentrada e não linear. As intervenções político-econômicas deram-se a partir da década de 1950-60, quando a concepção geopolítica dos governos militares desencadeou a efetivação da presença brasileira nesta região, atuando em suas frentes de ocupação, genericamente, por dois motivos: 1) interesse geopolítico na região; 2) atratividade e potencial econômico da mesma.

O primeiro motivo seguindo os autores deu-se de maneira mais estável, pois quem gestava e de certa forma direcionava as ações intervencionistas com propostas militares e governamentais de integração, mapeamento e controle efetivo como principais objetivos. O segundo motivo foi e é a mais presente, mas esteve a mercê das condições econômicas

---

<sup>169</sup> Idem, p.111.

<sup>170</sup> Idem, Ibidem.

<sup>171</sup> Sobre os discursos separatistas ver: PETIT, Pere. Op. Cit. (02), em especial o capítulo 04: “Economia, política e discursos regionalistas no Pará”, no qual são explanadas considerações, objetivos e posturas de determinados segmentos locais que intensificam o debate acerca do desmembramento do estado do Pará em três: Pará, Carajás e Tapajós.

<sup>172</sup> Sobre a criação de novos municípios ver: ROCHA, Gilberto de Miranda. *Todos Convergem para o Lago! Hidrelétrica Tucuruí. Municípios e Territórios na Amazônia*. Belém: NUMA-UFPA, 2008, em especial o capítulo 01 e 04, na qual se procura entender o significado da criação destes municípios e o papel deles atualmente.

nacionais e internacionais, cujos governos de então além de lidarem com as projetos de exploração e desenvolvimento, deparavam-se com situações não esperadas ou superaram suas expectativas, como o enorme fluxo migratório para as jazidas minerais após a descoberta da enorme quantidade de metais preciosos.

Entretanto, é propriamente nos anos 1960 que se vê a combinação de investimentos diretos na infraestrutura e políticas de fomento à participação do capital produtivo privado ou estadual, mudando radicalmente a sua face pós 1964. Esta dinâmica econômica acompanhou a nacional, também crescente, mas só aumentou na região significativamente quando esta lógica de desenvolvimento (atração do capital externo e controle salarial) entrou em declínio no restante do país, posto que lutas sindicais e críticas econômicas começaram a se intensificar nessas localidades.

Ao longo de toda a ditadura, o Estado tornou-se o grande gerador e direcionador de grande parte das ações político-econômicas do país, limitando cada vez mais a participação dos grupos locais e/ou regionais, aumentando o caráter centralizador do Governo Federal, em especial a gestão e produção do sistema financeiro.

Thomas Skidmore<sup>173</sup> afirma que o Governo Médici (1969-1974) também se caracterizou pelo “milagre econômico”,<sup>174</sup> com o qual o Brasil alcançou consideráveis índices de crescimento e empreendeu grandes obras públicas como a Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói. Na Amazônia erguer-se-ia uma estrada que abriria o “despovoado” vale amazônico, atraindo uma grande quantidade de migrantes pelas terras férteis e baratas proporcionadas pelo Programa de Integração Nacional (PIN).<sup>175</sup> Concomitante temos a abertura da rodovia Cuiabá-Santarém de modo a permitir o acesso às enormes distâncias despovoadas nas fronteiras do país, assim articulando os déficits nordestinos (pobreza e migrações) com as aspirações sobre a Amazônia (riqueza e povoamento). Desse modo poderia solucionar esses déficits de forma conjunta possibilitando o crescimento efetivo das duas regiões e diminuir consideravelmente seu “atraso” em relação ao Sul.<sup>176</sup> Essa consideração acerca destas duas

---

<sup>173</sup> SKIDMORE, Thomas E. Op. Cit (01).

<sup>174</sup> Entende-se por “Milagre Econômico” o período de intenso crescimento econômico datado de 1970 a 1974, no qual o PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil cresceu acima de 10% ao ano, em média. Situação que contrastava com a constante e alarmante inflação e da grande concentração de renda, com redução dos salários, acentuação da desigualdade social e aumento da pobreza, com cerceamento às liberdades individuais associados à repressão política. Cf. CHIAVENATO, Júlio José. Op. Cit., p. 99-100.

<sup>175</sup> SKIDMORE, Thomas E. Op. Cit., p. 288.

<sup>176</sup> Idem, p. 292.



configurou-se como algo indissociável, por mais que se questione o modelo e a efetivação desta ação.<sup>178</sup>

A região “(...) apresentou ritmos acelerados de crescimento, decorrentes de grandes fluxos migratórios oriundos das regiões Sul, Sudeste e ainda Nordeste (...)”.<sup>179</sup> Esta ocupação foi possibilitada com a expulsão de agricultores; construções de vias de acesso no Centro-Sul e Nordeste, além de uma certa urbanização da região, que ainda é baixa. Gilberto Rocha afirma que as formas de ocupação alicerçaram-se numa política de desenvolvimento, pois

*(...) a forma de urbanização se implantou, também, de maneira diferente; ora foi induzida pelo processo de colonização (...) ou pela mineração e por obras de infraestrutura energética e transporte (...); ora surgiu pelo planejamento da implantação das grandes rodovias (...).*<sup>180</sup>

Isso levou a consideráveis disparidades na ocupação, planejamento e efetivação de um processo nacional que gerou consequências e demandas sociais no qual estavam inseridos agricultores, pequenos empresários, trabalhadores e grandes conglomerados nacionais e internacionais.

Essas políticas públicas de integração, desenvolvimento e aumento demográfico advindas com a migração intensa acarretaram que em 1960 a população do Norte<sup>181</sup> totalizava um pouco mais de 2,5 milhões de habitantes. Na década de 2000 esse número chegou a mais de 12 milhões de habitantes conforme a tabela abaixo:<sup>182</sup>

| População do Estado do Pará; Região Norte e Brasil (1950-2000). |           |              |            |
|-----------------------------------------------------------------|-----------|--------------|------------|
| Ano                                                             | Pará      | Região Norte | Brasil     |
| 1950                                                            | 1.123.273 | 1.844.655    | 51.944.397 |
| 1960                                                            | 1.529.293 | 2.561.782    | 70.070.457 |

<sup>178</sup> ROCHA, Gilberto. Op. Cit, p. 120.

<sup>179</sup> BUARQUE, Sérgio C. & LOPES, Antero Duarte. & ROSA, Teresa Cativo. Op. Cit. p. 99.

<sup>180</sup> ROCHA, Gilberto. Op. Cit., p. 25.

<sup>181</sup> Adota-se o termo “Norte” porque os dados do censo do IBGE consideram a divisão político-administrativa por regiões denominadas Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A Amazônia Legal, no caso, engloba a região Norte, parte norte da região Centro-Oeste e parte do estado do Maranhão pertencente à região Nordeste.

<sup>182</sup> PETIT, Pere. “Políticas Públicas, Élités Económicas y Discursos Regionalistas en el Estado de Pará em Tiempos de la Dictadura y la Nova Republica”. In: PÉREZ, José Manuel Santos. PETIT, Pere. *La Amazonia Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca-Espanha: Aquilafuente; Ediciones Universidad Salamanca, 2006, p. 137.

|      |           |            |             |
|------|-----------|------------|-------------|
| 1970 | 2.167.018 | 3.603.860  | 93.139.037  |
| 1980 | 3.411.868 | 5.893.136  | 119.070.865 |
| 1991 | 5.181.570 | 10.257.266 | 146.825.475 |
| 2000 | 6.188.685 | 12.897.082 | 169.779.170 |

Tabela 3: No período de 1970 a 1980, a Região Norte teve sua mais alta taxa média de crescimento anual em número de habitantes (5,02%) enquanto que a do Brasil foi de 2,48%. Fonte: IBGE. Anuário Estatístico do Brasil-1981; Censo de 1991; e Sinopse Censo 2000. Apud. PETIT, Pere. “Políticas Públicas, Élités Económicas y Discursos Regionalistas en el Estado de Pará em Tiempos de la Dictadura y la Nova Republica”. In: PÉREZ, José Manuel Santos. PETIT, Pere. *La Amazonia Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca-España: Aquilafuente; Ediciones Universidad Salamanca, 2006, p. 137.

As dinâmicas econômicas e populacionais resultaram em uma alteração na estrutura produtiva, percebida na industrialização da região; uma participação maior na economia nacional (na qual se atenta para o setor industrial e agropecuário, mais especificamente, do rebanho bovino); participação nas exportações brasileiras, além de uma mudança na estrutura da mesma, primando por produtos semimanufaturados, mas ressaltando que os produtos básicos ainda constituem o principal item de exportação da região Norte.

Ressalta-se, entretanto, que elas provocaram “(...) uma deterioração do meio ambiente, especialmente a redução da cobertura da floresta e a destruição de parcela da floresta tropical (...)”.<sup>183</sup> Já a área social continua com índices baixíssimos, mantendo um quadro de pobreza, desigualdades sociais latentes, concentração de renda, tendo uma relativa melhora, por exemplo, com a taxa mortalidade infantil menor, as de alfabetização e fornecimento de energia elétrica e água, maiores.

<sup>183</sup>BUARQUE, Sérgio C. & LOPES, Antero Duarte. & ROSA, Teresa Cativo. Op. Cit., p.102.

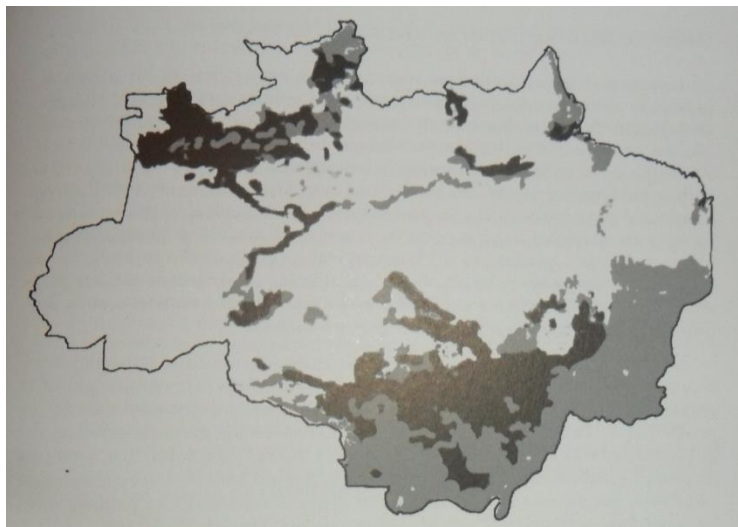


Imagem 7: Desmatamento da Amazônia:  Área Mantida.  Área com consideráveis índices de desmatamento.  Área com graves índices de desmatamento. Disponível em: <http://www.imazon.org.br/mapas/desmatamento/desmatamento-na-amazonia/image>. Apud. PETIT, Pere. “Políticas Públicas, Élités Econômicas y Discursos Regionalistas en el Estado de Pará em Tiempos de la Ditadura y la Nova Republica”. In: PÉREZ, José Manuel Santos. PETIT, Pere. *La Amazonia Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca-Espanha: Aquilafuente; Ediciones Universidad Salamanca, 2006, p. 141.

Porém tais índices não devem ser analisados pelos seus números absolutos, mas no grau de proximidade entre os sujeitos e perspectivas, os momentos de pesquisa e as suas funções, pois Paulo Januzzi considera o seguinte:

*(...) além da relevância social, validade e confiabilidade, um Indicador Social deve ter um grau de cobertura adequado aos propósitos a que se presta, de ser sensível, específico, reproduzível, comunicável, atualizável periodicamente, a custos factíveis, ser amplamente desagregável em termos geográficos, sócio-demográficos e sócio-econômicos e gozar de certa historicidade.*<sup>184</sup>

A reorganização espacial criou sub-regiões que concentram certa densidade demográfica e atividade econômica: sul e nordeste do Pará com ação agropecuária e agroindustrial; no Pará e Maranhão o complexo minero-metalúrgico. Em termos econômicos e demográficos constituíram-se em enclaves locais, ligando-se mais ao país e/ou exterior, o que “(...) provocou um novo desenho espacial da região Norte, caracterizado por relativa desintegração intra-regional (...)”.<sup>185</sup> Tal ação se concentrou em três estados: Rondônia, Amazonas e Pará. Entre estes estados, o primeiro centra-se na agropecuária, voltada para o

<sup>184</sup> JANNUZZI, Paulo de Martinho. *Indicadores Sociais no Brasil*. 3ª Edição. 2ª Impressão. Campinas, São Paulo: Alínea, 2006, p. 27.

<sup>185</sup> BUARQUE, Sérgio C. & LOPES, Antero Duarte. & ROSA, Teresa Cativo. Op. Cit., p. 104.

regional e nacional abrangendo todo o estado, conseguindo um crescimento econômico e aumento populacional, cujo seu determinante foi a disponibilidade de terras férteis.

O segundo, com perfil industrial forte, detido nos setores eletroeletrônicos, óticos e relojoeiros, voltado ao nacional, alcançando um crescimento espetacular neste setor, tendo uma forte migração interna e crescente número de incentivos fiscais. O terceiro possuindo uma economia industrial e agrícola, além do complexo minero-metalúrgico, voltados para o exterior, teve uma elevação econômica e populacional, com uma estrutura produtiva mais diversificada e equilibrada. Em contra partida houve uma forte ação predatória dos recursos naturais e florestas tropicais, sendo este, um de seus atrativos, incluindo a oferta de infraestrutura e os investimentos diretos das estatais.<sup>186</sup>

As medidas empreendidas alocadas neste território, então concebido como área e ser povoada e que não tivera seu potencial econômico realmente explorado nos anos pré-1964, redefiniram as noções de espaço, território, identidade (nacional, regional, estadual) oriundas de uma existência real e vivência de complexos fatores que ainda constituem as formas de entender a Amazônia e reafirmar/legitimar esse território. Haja vista que as políticas de planejamento e gestão não buscaram valorizar a formação local (relações sociais, econômicas e articulações destas com outras), mas obedecer a seu recorte mesorregional, o que possibilitou redefinições da vivência e de territorialidade, posto que uma mesma região pode ser vista de várias formas, podendo ser alvo de inúmeras possibilidades de ação pública.<sup>187</sup>

No período do Regime Militar, distintas concepções sobre o desenvolvimento econômico da Amazônia proporcionaram diferentes formas de atuação. Fator importante também é tutela de parte desse território, nas décadas de 1970-1980, pela União, no qual as Forças Armadas, órgãos e instituições controladas pelo governo federal agiam diretamente. Destacam-se entre elas as faixas de fronteira, reservas indígenas e florestais, e áreas inclusas nos diversos projetos de desenvolvimento pensados para a Amazônia.<sup>188</sup>

Nisto, as demais Forças Armadas e FAB ampliaram suas atividades de guarda e integração, como aumento do efetivo em áreas fronteiriças. Dentro desse aspecto, militares

---

<sup>186</sup> Idem, p. 109.

<sup>187</sup> SOUZA, Edson Belo Clemente de. "O Território e a Região: Análise de Políticas Públicas". In: SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO, Eliseu Savério. (Organizadores). *Territórios e Territorialidades: teoria, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular; UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, p. 356. (Geografia em Movimento).

<sup>188</sup> PETIT, Pere. Op. Cit., p. 266.

foram responsáveis por questões de segurança que envolvia um grande contingente (local ou externo)<sup>189</sup> que implicou numa diversidade de experiências e registros pessoais desses militares.

O suboficial Davi Santana da Silva ao falar de sua experiência militar na Amazônia assinalou como suas atividades ao longo de trinta anos de serviço o patrulhamento do território e integração do mesmo; missões de sobrevivência; logística; ações militares; transporte de professores;<sup>190</sup> apoio a índios, FUNAI, Projeto Rondon e outras surgidas sem previsão, como resgate a pessoas feridas, enfermas, etc.<sup>191</sup> Tais ações listadas pelo suboficial, dentro do quadro de políticas de defesa era fortemente influenciada pela Doutrina de Segurança Nacional e o controle do inimigo interno. Este pensamento pautava a responsabilidade direta do corpo militar em zelar pela segurança interna do país.<sup>192</sup>

Ao tratarmos do segmento militar e sua atuação na Amazônia, em especial em Belém em tempos de ditadura, focamos os aspectos concernentes à memória coletiva e particular que estes indivíduos relacionam àquele período. Percebo que o discurso dessa memória não os considera apenas mantenedores de um poder político e de um ordenamento social, mas aborda vivências pessoais, que entrecruzam as realidades civil e militar.

Nas entrevistas, os próprios militares enfatizam o pilar hierarquia e disciplina das Forças Armadas e, por conseguinte da Aeronáutica; mas também reafirmam sua função de defender a pátria de qualquer agressão. Sargento José Rodrigues Canella diz que ao estar na Aeronáutica, a função dada a todos era “a de proteger o país. Como se fariam isso, só nas missões que saberíamos”.<sup>193</sup> Esta incerteza citada é mais bem explicada pelo Sargento, quando explana que essa defesa poderia se dar de várias maneiras (em campo, numa missão de patrulha, no treinamento dos novos soldados, etc.) e que quando necessário, deveriam estar preparados, pois isso era dever deles.<sup>194</sup>

---

<sup>189</sup> Entenda-se por “local” os militares sediados em bases e guarnições da Amazônia; “externo” àqueles oriundos de outras paragens.

<sup>190</sup> Transporte mais intenso durante o Projeto Rondon. O Projeto Rondon foi uma iniciativa do governo brasileiro, coordenada pelo Ministério da Defesa, em colaboração com a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – MEC. Criado em 11 de julho de 1967, durante a ditadura militar, o Projeto Rondon tinha como objetivo promover o contato de estudantes universitários voluntários com o interior do país, através da realização de atividades assistenciais em comunidades carentes e isoladas. Entre 1967 e 1989, quando foi extinto, o projeto envolveu mais de 350 mil estudantes de todas as regiões do País. Em 2005, o Projeto Rondon foi relançado pelo Governo Federal.

<sup>191</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Belém-PA, terça-feira, 12 de outubro de 2011.

<sup>192</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. Cit., p. 254.

<sup>193</sup> Sargento José Rodrigues Canella. Op. Cit.

<sup>194</sup> Idem.



Não abordamos simplesmente a visão militar sobre a ditadura reproduzindo seu discurso de forma não analítica. Mas trata-se de determinadas particularidades do meio militar a partir de um enfoque sob o viés do cotidiano, que nos permitiu ver outras esferas da vida desse segmento que transcende sua atuação prática enquanto militar.

Estudos mais recentes e apontados na coletânea organizado por Celso Castro e Piero Leirner apontam que esta faceta cotidiana é uma dos principais pilares de entendimento das diversas relações estabelecidas nas Forças Armadas. Nas décadas de 1980-1990, a maioria dos trabalhos produzidos por cientistas políticos, sociólogos ou historiadores tinha como foco as intervenções militares na política ou a transição do Regime Militar para a Democracia.<sup>195</sup> No momento atual, os autores afirmam a opção por outras particularidades da vida e entendimento do universo militar:

*(...) Agora, o foco das pesquisas (...) não recai nos momentos extraordinários da vida militar, mas em sua rotina cotidiana. Os autores buscaram superar uma visão 'externa' em relação aos militares, que se arrisca a vê-los com um olhar exotizante e etnocêntrico, e obter uma visão 'interna' de seu mundo social, para desse modo, compreender como se constrói a identidade militar e como se estrutura a sua visão de mundo.*<sup>196</sup>

Nisto o entendimento destas relações perpassou pelo entendimento de todo o conjunto de atributos físicos, comportamentais e morais a que os cadetes são submetidos que constituem um sistema de crenças e valores específicos da instituição militar,<sup>197</sup> que melhor são percebidas a partir de perguntas sobre o cotidiano.<sup>198</sup>

### **1.3. Militares para além da política.**

O militar, embora estivesse na execução de sua função, não se mantinha alheio aos diversos acontecimentos daquele momento ou mesmo às condições daqueles que estavam sob sua responsabilidade. No relato do escritor João de Jesus Paes Loureiro, quando militante do Movimento Estudantil em Belém e um dos líderes da UAP (União Acadêmica Paraense) em 1964, é destacada a ação de Vicente Cecim – militar do Exército na época era responsável

<sup>195</sup> CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. “Apresentação: Por uma Antropologia dos Militares”. In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Organizadores). Op. Cit., p. 08.

<sup>196</sup> Idem, Ibidem.

<sup>197</sup> Silva, Cristina Rodrigues da. “Explorando o ‘mundo do quartel’”. In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. Op. Cit., p. 108.

<sup>198</sup> Idem, p. 114.

pela vigilância de Paes Loureiro, quando preso – que fogem ao relato oficial das atividades de um militar em exercício.

*O escritor Vicente Cecim, que na época prestava serviço militar, quando estava de plantão, levava e trazia bilhetes e recados ou mesmo encomendas e pedidos para a família dos outros presos e para Violeta [noiva de João de Jesus Paes Loureiro]. Ele se encostava na cela, de fuzil em punho, e nós colocávamos, disfarçadamente, no bolso da farda, bilhetes que ele levava e, da mesma forma trazia-nos as respostas.*<sup>199</sup>

Nisto temos as diversas ações que coexistiam na execução da atividade marcial. A vivência, o entendimento e a experiência do dia-a-dia, como elementos constituintes assumem (e passam a serem observadas na historiografia) uma maior influência na vida destas pessoas. Parte significativa dos entrevistados afirmou que não houve mudanças diretas com o Regime Militar, porém corroboraram na questão da ocorrência de rupturas, essas sendo significativas no decorrer dos anos do Regime Militar, a partir das décadas de 1970-1980.<sup>200</sup>

Sabe-se que esses militares, no período do Regime Militar, estavam dentro de uma política de integração e de segurança, na qual a Força Aérea era responsável por “manter a soberania no espaço aéreo nacional com vistas à defesa da pátria”, segundo a Constituição Brasileira de 1946, mantida na Reforma Constitucional de 1964.<sup>201</sup> Mas esse período não pode ser entendido somente por esse prisma. Por vezes desconsidera-se o entendimento da atuação do militar quando membro de instituição militar com fins específicos.

Nos estudos apontados sobre militares, tanto a abordagem antropológica quanto a política têm dado maior destaque aos militares do Exército.<sup>202</sup> Isso se deve ao fato dessa instituição ser mais antiga do que a Marinha e a Aeronáutica e ainda por ter historicamente, uma maior participação de seus membros – oficiais gerais, em sua maioria – no cenário político brasileiro. Porém, existem trabalhos que se detêm às outras duas instituições e que apresentam uma abordagem mais detalhada das mesmas, apesar de ser em menor escala.

<sup>199</sup> NUNES, André Costa. Op. Cit, p. 262.

<sup>200</sup> Embora consideremos os anos de vigência do Regime Militar (1964-1985), os relatos sempre se remeteram nestes 40 anos transcorridos. Exemplos disto são os Suboficiais Cruz Soares, Emanuel Gama, Davi S. da Silva e Sargento Bittencourt que por vezes falaram sobre o governos presidenciais recentes (Fernando Henrique Cardoso e de Luís Inácio Lula da Silva); as atividades que desempenharam nos anos 1990 e 2000, posto que alguns deles foram para a reserva nestas décadas.

<sup>201</sup> DANTAS, Romeu Teixeira. (Organizador). *Coletânea de Legislação da PMPA*. Belém: CEJUP, 1997, p. 25. Volume 01.

<sup>202</sup> Boa parte dessa diversidade, assim como as experiências de pesquisa com militares, pode ser observada em: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. Op. Cit.

No X Encontro Nacional de História Oral, ocorrido em 2010, dos 444 trabalhos apresentados de pesquisadores de pós-graduação e 88 de estudantes de graduação, apenas dois se dedicavam aos militares, respectivamente Aeronáutica e Marinha, cujos estudos apontavam para uma atuação de seus membros em momentos execução de suas funções militares.<sup>203</sup>

No XXX Encontro Nacional dos Estudantes de História, contamos com 50 trabalhos, de um total de 207, se dedicavam ao período militar. Mas seus sujeitos compunham-se de trabalhadores, estudantes, artistas, literatos, com nenhum enfoque direto ou principal ao militar.<sup>204</sup> O mesmo ocorrera no VII Encontro Regional de História – ANPUH Núcleo Pará. Das 84 pesquisas apresentadas, 05 enveredavam sobre o período militar e nenhum apontava o militar como objeto de investigação.<sup>205</sup> Ressalta-se, entretanto, que nestes dois últimos Encontros há um recorte temporal e metodológico muito mais amplo que o primeiro, o que permitiu o ingresso de estudos que propunham o entendimento sobre o período colonial imperial e republicano, assim como seus distintos pormenores sujeitos/grupos observados, acarretando na diminuição percentual de trabalhos com militares em relação aos outros.

Embora nos encontros citados acima apresentem um quantidade inicial de pesquisa cujos militares e/ou universo militar sejam o foco, os autores Celso Castro e Piero Leirner, ao organizarem a obra “Antropologia dos Militares” expõem uma significativa produção de antropólogos, historiadores e sociólogos em sua maioria, acerca dos militares, sejam por pesquisadores ligados às Instituições de Ensino Superior (IES) em programas de pós-graduação, com o destaque desses estudiosos não serem membros das Forças Armadas e sim civis que procuram compreender esse universo militar brasileiro. Nestas pesquisas há a preocupação de entender as sociabilidades militares, a inserção das mulheres dos militares,

---

<sup>203</sup> O primeiro que trata da Aeronáutica é de minha autoria, no qual apresentava já alguns pontos da presente dissertação. O estudo da Marinha, de Daniel Martins Gomes, consistia na constituição e formação de duas pesquisas do Projeto Memória/Programa de História Oral da Marinha sob a responsabilidade da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documental da Marinha, que reunia entrevistas de marinheiros sobreviventes do naufrágio do Cruzador Bahia na Segunda Guerra Mundial e os depoimentos de submarinistas dos anos 1950, 1960 e 1970. Cf. respectivamente: SANTOS, Carlos Eduardo. “Cotidiano Belenense no Regime Militar: Vivências e Experiências”. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL. *X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política*. Caderno de Resumos. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010, p. 59-60. GUSMÃO, Daniel Martins. “A Marinha do Brasil no Campo da História Oral”. In: Idem, p. 133.

<sup>204</sup> Federação do Movimento Estudantil de História (FEMeh). *XXX Encontro Nacional de Estudantes de História. Identidades e Memórias dos Estudantes de História no Brasil*. Caderno de Resumos. Fortaleza: EdUECE, 2010.

<sup>205</sup> Cf. ANPUH(PA). *VII Encontro Regional de História – ANPUH Núcleo Pará. Saberes, Práticas e Pluralidades na Amazônia: O Ensino e a Pesquisa em História*. Caderno de Resumos. Belém: Açai, 2010.

cotidiano de graduados e/ou oficiais em escolas de formação, assim como outras instituições subordinadas às Forças Armadas.<sup>206</sup>

Destaca-se também uma produção significativa em programas de pós-graduação. Cabe destacar que as pesquisas integrantes da referida obra apresentam a peculiaridade de usar a etnografia, mesmo sendo de áreas distintas (Antropologia, Ciências Sociais e História). Diante disto, alerta-se para a existência de outras pesquisas cujos focos são os militares que se utilizam de outras metodologias e que alargam ainda mais o universo de pesquisa acerca dos militares.<sup>207</sup>

Foram consultadas nesta pesquisa 12 pessoas, cujas idades variaram entre os 51 e 70 anos. Tinham em média 18 anos quando ingressaram nas Forças Armadas. Devido à diferença de idades, podemos subdividi-los em três grupos: ingressos antes de 1964, os ingressos pós-1964 e àqueles da década de 1970.

São eles: os Suboficiais Alfredo Oliveira (61 anos, original do Rio Branco- AC), Davi Santana da Silva (62 anos, original do Rio de Janeiro-RJ), Fernando José da Cruz Soares (58 anos, oriundo do Rio de Janeiro), Ivaldo Pereira das Chagas (67 anos, oriundo de Teresina-PI), Raimundo Emanuel Nascimento Gama (71 anos, oriundo de Belém-PA); os Sargentos José Rodrigues Canella (60 anos, oriundo de Belém-PA), Ferdinando Duarte Ogorodnik (74 anos, oriundo de Belém-PA), Luís Alberto Santiago Bittencourt (52 anos, oriundo de Inhangapi-PA), Jarnélio Leite Gomes Vital (63 anos, oriundo de Condeixa, PA) e; Onofre Oliveira Lima (67 anos, oriundo de Belém-PA), Thaís Treptow, filha de militar, jornalista (58 anos, oriunda do Rio de Janeiro-RJ).<sup>208</sup> Abaixo podemos conferir mais detalhadamente o quadro de entrevistados que tomaram parte no presente estudo.

| QUADRO DOS ENTREVISTADOS |               |                 |                        |                       |
|--------------------------|---------------|-----------------|------------------------|-----------------------|
| MILITARES                |               |                 |                        |                       |
| Grupos                   | Entrevistados | Ano de Ingresso | Ano de Baixa (Reserva) | Unidade de Serviço    |
| ANTES DE                 | Ferdinando    | 1954            | 1983                   | 1956-1960: Base Aérea |

<sup>206</sup> Um exemplo disso são as Polícias Militares Estaduais que são Forças Auxiliares do Exército e numa eventual necessidade, seus membros podem compor o contingente do mesmo.

<sup>207</sup> Um exemplo disto é Grupo de Estudo sobre a Ditadura, coordenado por Carlos Fico, no quais apresentam pesquisas sobre os diversos sujeitos do período, incluso militares. Ver: FERREIRA JÚNIOR, Amálio. BITTAR, Marisa. “O Coronel Passarinho e o Regime Militar: O Último Intelectual Orgânico”. Site “Grupo de Estudo da Ditadura Militar”. Disponível em: <http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/upload/textos/17.pdf>. Acessado em 14 de julho de 2010.

<sup>208</sup> A família é originária de Porto Alegre, mas ela nasceu no Rio e logo após seu nascimento veio para Belém.

|                                      |                                   |      |      |                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------------------------------|-----------------------------------|------|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1964                                 | Duarte Ogorodnik                  |      |      | de São Paulo.<br>1960-1965: Base Aérea de Santa Cruz, no Primeiro Grupo de Aviação Embarcada.<br>1965-1983: Base Aérea de Belém                                                                                                                                       |
|                                      | Raimundo Emanuel Nascimento Gama  | 1958 | 1988 | Base Aérea de Belém.                                                                                                                                                                                                                                                  |
| INGRESSOS<br>PÓS 1964.               | Alfredo Oliveira                  | 1968 | 1998 | Base Aérea de Belém. Primeiro Esquadrão de Transporte Aéreo.                                                                                                                                                                                                          |
|                                      | José Rodrigues Canella            | 1969 | 1999 | Base Aérea de Belém. Infantaria.                                                                                                                                                                                                                                      |
|                                      | Davi Santana da Silva             | 1968 | 1999 | Base Aérea de Belém. Primeiro Esquadrão de Transporte Aéreo até 1985. Departamento de Aviação Civil (DAC) de 1986-1999                                                                                                                                                |
|                                      | Ivaldo Pereira das Chagas         | 1966 | 1995 | Hospital da Aeronáutica em Belém.                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                      | Jarnélio Leite Gomes Vital        | 1966 | 1996 | Base Aérea de Belém. Infantaria.                                                                                                                                                                                                                                      |
| INGRESSOS<br>NA<br>DÉCADA<br>DE 1970 | Fernando José da Cruz Soares      | 1972 | 2003 | 1973-1979: Estado Mor-da-Aeronáutica. Brasília.<br>1980-1989: Rio de Janeiro (Administração).<br>1990-1999: Base Aérea de Manaus.<br>1999-2003: I COMAR – Tesouraria.<br>2003-2010: Mesmo na Reserva, prestou Serviço à Aeronáutica, em mesma função quando na ativa. |
|                                      | Luís Alberto Santiago Bittencourt | 1978 | 2010 | Base Aérea de Belém.<br>Hospital da Aeronáutica em Belém.<br>Base Aérea de Manaus.                                                                                                                                                                                    |
| CIVIS                                |                                   |      |      |                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|                                      | Onofre Oliveira Lima              | --   | --   | Base Aérea de Belém. Setor Administrativo.                                                                                                                                                                                                                            |
|                                      | Thaís Treptow                     | --   | --   | Jornalista. Filha de Militar da Aeronáutica.                                                                                                                                                                                                                          |

| DADO COMPLEMENTAR <sup>209</sup> |                       |      |             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |  |
|----------------------------------|-----------------------|------|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|                                  | Ronaldo Braga Charlet | 1994 | Dias Atuais | Há 16 anos trabalha na PMPA, tendo ingressado no CFSD PM. Serviu como Soldado PM no B. Choque e na Companhia de Rádio Patrulha. Após o Curso de Formação de Oficiais foi promovido a 2º Tenente em junho do ano seguinte e a Capitão em 2007. Desenvolve pesquisas sobre história da Polícia Militar do Pará e gerencia no site da PM a página de História institucional. |  |

Quadro 2: Quadro dos Entrevistados. Neste observamos esquematicamente as principais informações dos entrevistados que compõe o presente estudo.

Estas entrevistas foram importantes à medida que permitiram a análise acerca da experiência militar da cidade de Belém, assim como de outras cidades, pois muitos deles viveram parte de seu serviço militar em outros municípios. Durante as entrevistas foram tratados assuntos referentes à sua experiência de servir na Aeronáutica, organização dos trabalhos, funções, períodos de lazer; situações de sua vida privada, relacionamentos como familiares, casamento, o que faziam em seu dia-a-dia de uma maneira geral.<sup>210</sup>

Embora enfatizemos nas entrevistas dos militares o seu período de serviço, optamos pelo método de história de vida, a fim de conhecer suas trajetórias e poder enveredar pelas diversas esferas de sua vida (trabalho, família, amigos, etc.). Elas foram realizadas proeminentemente em suas casas, a exceção de quatro entrevistados que preferiram fazer em locais de trabalho.<sup>211</sup> Ao entrevistar os militares em suas casas, ao necessitar de uma informação mais detalhada ou que não estava clara, eles podiam consultar seus documentos ou arquivos pessoais e que ao vê-los as dúvidas anteriores eram sanadas e novas perguntas

<sup>209</sup> O Capitão Ronaldo Braga Charlet é mencionado nesse quadro por apresentar grande conhecimento sobre as normas e instruções das Forças Armadas e que possibilitou algumas formas de contato com os militares da Aeronáutica. Além disso, nossas conversas também foram muito esclarecedoras sobre o ambiente militar mesmo não sendo membro das referidas Forças Armadas.

<sup>210</sup> Ver roteiro das entrevistas no apêndice.

<sup>211</sup> Estes ainda desempenhavam alguma atividade na Aeronáutica, ou mesmo pela facilidade e a possibilidade de não interrupção na hora em que estivéssemos conversando.

surgiam. Dentre esses encontros destaco o arquivo do suboficial Alfredo Oliveira que além de atender-me em sua residência pude olhar a sala que contém fotos, *banners*, escritos sobre a Aeronáutica e que gentilmente foram cedidos.

Quanto às entrevistas realizadas na caserna como a do suboficial Cruz Soares novamente me encontrava no ambiente militar e que ao me identificar na entrada, se conduzido pelo interior da instituição por um soldado até as pessoas com quem conversaria já me davam novas percepções sobre a caserna informar aonde iria e com quem me dirigiria.

Nestas conversas foram tratados assuntos como a diferença do “meio militar” com o “meio civil”, no tocante às suas particularidades. O ambiente doméstico e a opinião dos militares sobre a família, amizades, relacionamentos com pares e superiores também eram tratados e conforme minha inserção no ambiente militar e de “posse” de alguns momentos de suas vidas como militar, alguns comportamentos além de serem escutados, analisados também foram “vividos” ou observados. Como exemplo, reporto-me ao fato de reconhecer – minimamente ainda – as patentes dos militares a partir dos brasões, estrelas (quantidades) e insígnias existentes no uniforme. Outro momento que cito é a batida de continência, no qual por mais que o ambiente estivesse em certa calma,<sup>212</sup> a entrada de um oficial superior sempre era respondida de prontidão pelos militares presentes, como ocorrido numa quinta-feira ao pesquisar no I COMAR.

*Na quinta-feira, 02 de junho de 2011 o soldado Welington Oliveira, para confirmar uma informação acerca de pesquisa foi à sala do Tenente Fernandes enquanto fiquei na antessala. Ao regressar, considerando que eu estava sozinho, vinha falando comigo e interrompeu a conversa e bateu continência a um Major que aguardava o Tenente Fernandes na antessala. Após ser dispensado pelo Major, ele completou as informações ora interrompidas.<sup>213</sup>*

Participar destes modos ajudou a entender como a atuação de militar pode ser observada para além de uma perspectiva política que marcou significativamente certos modos de entendimento sobre as atividades militares, principalmente no tocante às décadas de 1960-1980.

Ao discutir no início deste capítulo como autores (historiadores, sociólogos, jornalistas, antropólogos) concebem o Regime Militar, a partir da inserção de teses e

<sup>212</sup> Considero calma pelo fato do movimento, das discussões e deliberações ocorridas na Assessoria de Comunicação Social do I COMAR dar-se via internet ou telefone. Poucas vezes, no período em que estive pesquisando, houve a presença constante e numerosa dos membros da Força Aérea nesse local.

<sup>213</sup> *Diário de Campo*. Belém-PA, quinta-feira, 02 de Junho de 2011.

metodologias para a compreensão deste período, notamos como são diversos os caminhos e sujeitos que constituíram a sociedade brasileira dessas décadas. Colocados em comparação ou estudados de forma mais específica, verificamos as disparidades entre eles, assim como as ligações existentes entre os mesmos.

Ressalta-se também a inclusão dos militares no cenário político da época, ganhando uma posição de grande destaque e como isso influenciou anos que se sucederam, pautados numa política de correlações como diversos segmentos civis e governamentais, além de seus projetos e intervenções em várias esferas da sociedade quando assumiram a direção do país. Isto faz-nos refletir sobre a necessidade de entender melhor como esses indivíduos vivenciaram seu papel ao passo que sua instituição desempenhava novas funções, alçava novos projetos e construía-se como uma parcela significativa da sociedade entre os anos 1960-1980.



## CAPÍTULO II: A AERONÁUTICA NO BRASIL E EM BELÉM.

*“As mudanças e o próprio presente são resultados das decisões (...) e das experiências de todos os homens e mulheres que participaram dessa caminhada. (...)”*

*Tenente-Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito, Comandante da Aeronáutica. (Aerovisão. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 02).*<sup>214</sup>

### 2.1. Força Aérea Brasileira e seus graduados: objetos de pesquisa.

Como citei inicialmente, minha indagação e questionamento do presente estudo trata da produção de representações acerca do Regime Militar e suas vivências pessoais a partir da memória de militares da Aeronáutica sediados em Belém durante o período de exceção.

Os autores Maria Celina D’Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro<sup>215</sup> consideram e enfatizam a necessidade de se estudar os militares, pois anteriormente nas décadas de 1960-1990 houve uma significativa produção sobre eles, mas escassearam a partir da redemocratização.<sup>216</sup> O estudo do processo de redemocratização foi incentivado a partir do novo momento que isso implicava: a nova Constituição, a presidência exercida por civis, os desafios socioeconômicos presentes. Outro fato foi a saída dos próprios militares que diminuíram suas ações diretas no cenário político atuando em outras frentes.<sup>217</sup>

Estudos mais atuais além de considerar as importantes noções sobre a atuação política e as formas como desempenharam o poder executivo, somam com o entendimento do

<sup>214</sup> O comentário do Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito faz referência aos 70 anos da Aeronáutica, comemorado no ano de 2011, destacando os envolvidos nesse processo, principalmente os militares.

<sup>215</sup> D’ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso. “Introdução”. In: *Visões do Golpe: A Memória Militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>216</sup> Percebemos isto a partir das obras que datam deste período citado: BELTRÁN, Rafael Vigílio. *El Papel Político y Social das Fuerzas Armadas em América Latina*. Caracas: s/ed., 1970. BRIGADÃO, Clóvis. *A Militarização da Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. COLLIER, David. *O Novo Autoritarismo na América latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. FIGUEREDO, Eurico Lima. *Os Militares e a Democracia*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. JOHNSON, John J. *Militares y Sociedad em America Latina*. Buenos Aires: s/ed., 1966. O’DONNELL, Guillermo. BA: *Reflexões sobre os Estados Burocrático-Autoritários*. São Paulo: Vértice; Revistas dos Tribunais, 1987. ROUQUIÉ, Alan. *O Estado Militar na América Latina*. São Paulo: Alfa-ômega, 1984. SKIDMORE, Thomas E. Op. Cit (01), (02) cujas primeiras edições das respectivas obras datam de 1967 e 1986.

<sup>217</sup> D’ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso. “Introdução”. Op. Cit., p. 07.

universo militar “a partir de dentro”,<sup>218</sup> e assim compreender muitos dos posicionamentos e ações empreendidas naquele momento, como enfatizam os autores:

*A despeito do muito que foi dito, particularmente nos anos 70, sobre o movimento político-militar iniciado em 1964, muito ainda pode e deve ser aprendido daquela experiência. (...) Mas precisamos investigar melhor esse passado para entender as encruzilhadas e perspectivas do futuro. Além de pesquisar os militares, ainda bastante desconhecidos, precisamos, também, compreender melhor a sociedade brasileira. (...).*<sup>219</sup>

O setor militar geralmente é abordado enquanto mantenedor do poder em um âmbito político e quando tratado no aspecto social este é concebido apenas como “o repressor”. Por isso, enveredamos no grupo militar com o intuito de apreender como era ser um militar de carreira – sem a ocupação de cargos executivos –, pois como afirmam os mesmos autores, o poder exercido nos anos 1964-1985 foi de um pequeno grupo, mas em nome dos militares.<sup>220</sup>

Mas cabem duas observações importantes: 1) Quais militares pesquisar? 2) Por que estudar a instituição da qual fazem parte? Decidi pesquisar militares que apresentassem posições inferiores na hierarquia militar, pois estes, em sua maioria desempenhavam atividades diretas operacionais da Força Aérea, uma vez que oficiais gerais – brigadeiro, major-brigadeiro, tenente-brigadeiro e marechal-do-ar tinham além de suas funções institucionais, a possibilidade de ocuparem cargos de comando ou mesmo serem membros do Governo Federal o que leva sua inserção no Regime Militar a ter outras características.

Posto isso, procuramos os militares da reserva que tivessem servido no período estudado. Alguns destes ingressaram antes dos acontecimentos de 1964, outros entraram nas décadas posteriores. Com o decorrer do tempo, foram promovidos chegando à patente de Primeiro Sargento da Aeronáutica ou mesmo à Suboficial – a maior patente para o primeiro grupo do quadro hierárquico da Aeronáutica, como podemos ver a seguir:

<sup>218</sup> Cf. CASTRO. Celso. Op. Cit., 06-07.

<sup>219</sup> Idem, p. 07-08.

<sup>220</sup> Idem, p. 09. Os autores, no entanto, não consideram que poucos indivíduos ou instituições geriram o governo, ainda mais por duas décadas. Observaram que não se deve fazer a generalização de que todos os militares existentes nas Forças Armadas tinham uma participação intervencionista nas decisões tomadas pelo Poder Executivo.

| HIERARQUIA MILITAR DA AERONÁUTICA BRASILEIRA <sup>221</sup> |                               |
|-------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| Oficiais Gerais                                             | Marechal-do-Ar <sup>222</sup> |
|                                                             | Tenente-Brigadeiro-do-Ar      |
|                                                             | Major-Brigadeiro-do-Ar        |
|                                                             | Brigadeiro                    |
| Oficiais Superiores                                         | Coronel                       |
|                                                             | Tenente-Coronel               |
|                                                             | Major                         |
| Oficiais Intermediários                                     | Capitão                       |
| Oficiais Subalternos                                        | Primeiro-Tenente              |
|                                                             | Segundo-Tenente               |
|                                                             | Aspirante                     |
| Graduados                                                   | Suboficial                    |
|                                                             | Primeiro-Sargento             |
|                                                             | Segundo-Sargento              |
|                                                             | Terceiro-Sargento             |
|                                                             | Cabo                          |
|                                                             | Soldado                       |

Quadro 3: Hierarquia Militar da Aeronáutica Brasileira. Observamos os postos e gradações dos militares da Aeronáutica Brasileira.

Como poderemos observar, a hierarquia militar da Aeronáutica apresenta pelo menos 16 patentes que implica num efetivo imenso de indivíduos. Ficaram de fora os militares dos quadros superiores (Oficiais Subalternos, Oficiais Intermediários, Oficiais Superiores e Oficiais Gerais). Outro fator importante é que embora não sejam o grupo principal da pesquisa, muitos relatos e informações só puderam ser obtidos e compreendidos com a participação destes.

Interessante notar que os autores Celso Castro e Piero Leirner, quando discutem a pesquisa sobre militares apresentam-nos possíveis caminhos que possam elucidar ainda mais

<sup>221</sup> In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Organizadores). Op. Cit., p. 11. Maiores detalhes sobre a hierarquia militar da Aeronáutica pode ser consultada no Site “Força Aérea Brasileira”. Disponível em: [www.fab.mil.com.br](http://www.fab.mil.com.br).

<sup>222</sup> Preenchido somente em caso de guerra. In: Idem, Ibidem.

o “mundo militar”, detendo-nos aos outros membros constituintes das Forças Armadas e criticando alguns posicionamentos de pesquisas:

*Embora bastante completo em termos do pequeno grupo de pesquisadores que se dedicam a estudar os militares brasileiros (...), ainda há muito por fazer. Existe uma concentração muito maior nos estudos sobre oficiais do que sobre praças e recrutas que cumprem o serviço militar obrigatório; sobre o Exército do que sobre a Marinha e a Aeronáutica; sobre momentos específicos do que a trajetória completa da carreira militar, da formação inicial até a aposentadoria (...)*<sup>223</sup>

Como busco o entendimento justamente das atividades rotineiras dos militares, os Graduados foram os sujeitos escolhidos. Assim as vivências destes no âmbito familiar, hierárquico, e em períodos marcantes de sua trajetória como soldados até o posto de Sargento ou Suboficial são imprescindíveis para tal.

A segunda observação, que seria pesquisar a Aeronáutica e sua História surgiram da necessidade de entender os pormenores dessa específica Força Armada. Nota-se que como os indivíduos militares são membros de uma instituição militar, muitas de suas atividades eram designações superiores, pautadas nos pilares da hierarquia e disciplina.

Piero Leirner argumenta que ao se escolher trabalhar com militares, determinadas categorias civis como, por exemplo, “partido”, não podem ser aplicadas aos militares, haja vista que seu universo é distinto do civil e por isso, tais conceitos não abarcam as suas formas específicas de sociabilidade e organicidade. A partir dos novos estudos sobre militares, principalmente com a obra “O Espírito Militar” de Celso Castro temos novas perspectivas, posto que “(...) o dado que mais salte aos olhos nessa pesquisa venha do fato de ser a ‘identidade militar’ construída em sua plenitude em oposição ao civil (...)”.<sup>224</sup> Empregam-se novas formas de ver o militar, pois são distintas as formas de relacionamento e estruturação de toda a sociabilidade militar.

Outro fator decisivo foi entender como a Aeronáutica participou das diversas ações políticas e pós-1964 militares também na Amazônia, uma vez que desempenhou um papel indiscutível desses projetos, tais como integração e defesa de áreas fronteiriças. Assim pôde estabelecer uma relação entre instituição e indivíduo, indivíduo e instituição. Relação que importante na medida em que esses militares em postos de execução e assessoramento

<sup>223</sup> CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. “Apresentação: Por uma Antropologia dos Militares”. In: CASTRO, Celso. LEIRNER, Piero. (Organizadores). Op. Cit., p. 09-10.

<sup>224</sup> LEIRNER, Piero de Camargo. Op. Cit., p. 12.

tinham suas ações possibilitadas a partir de uma ordem superior. Em contra partida, o militar é um representante da instituição, cabendo a ele zelar pela instituição dentro e fora da Caserna.

Isso nos leva a apresentar um breve histórico da Força Aérea Brasileira e sua atuação na Amazônia, a fim de entender a particularidades da presença dos militares da Aeronáutica na região.

## 2.2. Força Aérea Brasileira: presente no Brasil e na Amazônia.

O Ministério da Aeronáutica<sup>225</sup> e, por consequência, a Força Aérea, é o mais novo membro das instituições de defesa do país. No início do século XX, já havia algum tempo em que se discutia a criação de um ministério específico para o setor de aviação. As discussões no Brasil começaram no final da década de 1920 e ganharam força a partir de 1935, com o lançamento de uma campanha para a criação do Ministério do Ar, sob a influência de países como a França,<sup>226</sup> Itália, Alemanha.<sup>227</sup> A então, condição da aviação brasileira segundo Major Lysias Rodrigues, apresentava-se do seguinte modo:

*No Brasil, as aviações militar, naval, civil e comercial iniciam, apenas as suas organizações, e infelizmente sem unidade de doutrina, sem uma diretiva única.  
(...)*

*A criação do Ministério do Ar se impõe, entre nós, como o único meio de conjugar esforços, dar uma diretiva única, capaz de nos dar a colocação, há muito perdida, de primeira potência aeronáutica da América do Sul.*

*Um homem inteligente, enérgico e de boa vontade, nesse alto posto, poderia sulcar o Brasil de linhas aéreas, ligando-o, rapidamente a todas as nações vizinhas do continente, afastando as causas de tantos males, a dificuldade e a demora das comunicações. As serras, os pantanais, as florestas, enfim, todos os grandes obstáculos naturais que põem entraves tremendos ao desenvolvimento das vias férreas e rodoviárias no nosso país, nenhum embaraço trariam a aviação.*<sup>228</sup>

Portanto, a criação do Ministério da Aeronáutica justificou-se pela necessidade de sistematizar e monitorar o espaço aéreo, dando início a uma maior organização e centralidade militar para a aeronavegação brasileira. O Decreto-lei 2.961 de 20 de janeiro de 1941 determinava a criação do Ministério da Aeronáutica. Este foi instituído enquanto órgão principal sobre o planejamento, coordenação, controle e emprego do Poder Aéreo Brasileiro, a

<sup>225</sup> Nas discussões de sua criação, o nome provisório era Ministério do Ar. In: INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Da Criação do Ministério da Aeronáutica até o fim da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 19ss. (Coleção Aeronáutica. Série História Geral da Aeronáutica Brasileira, 03).

<sup>226</sup> “A Saga dos anos 40”. In: *Notaer*. Jornal da Força Aérea Brasileira. Ano XXXIV. Número 01. Janeiro, 2011, p. 07.

<sup>227</sup> INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). Op. Cit., p. 37.

<sup>228</sup> In: “O Jornal”. 07 de outubro de 1928. Apud. Idem, p. 38.

saber: A Força Aérea; a Aviação Civil; A Infraestrutura da Tecnologia da Aeronáutica; a Indústria Aeronáutica; os Estabelecimentos de Tecnologia da Aeronáutica e as Instalações e os Engenheiros Aeronáuticos.<sup>229</sup>

No ano de 2011, a Força Aérea comemora seus 70 anos, lançando inúmeros documentos que contam sua história e que foram utilizados nesta pesquisa. A própria instituição já apresentara, desde o final da década de 1980, pesquisas que tratam justamente desse histórico,<sup>230</sup> no qual se destaca a coleção “História Geral da Aeronáutica Brasileira”.

A Coleção “*História Geral da Aeronáutica Brasileira*” procurou dar ao público um maior conhecimento sobre a História da Aeronáutica em seus momentos mais importantes. Estudo altamente denso que contou com a participação de inúmeros pesquisadores, tanto militares como civis e que resultaram até o momento em quatro publicações – com mais de 400 páginas cada volume – e que chegou até meados da década de 1950. Esta coletânea traz diversas informações que datam desde “os primórdios” até a presidência de Juscelino Kubistchek.<sup>231</sup> Embora o período de cada coletânea seja específico, muitas de suas informações ultrapassam essas balizas temporais, remetendo-se a outros momentos de um determinado assunto. Segundo o Suboficial Alfredo Oliveira, um dos pesquisadores militares da história da Aeronáutica, há a produção do quinto volume da Coleção que abará as décadas de 1960-1970.<sup>232</sup>

Com a criação do Ministério da Aeronáutica em 1941, foi instituída a 1ª Zona Aérea, com sede em Belém, que tinha jurisdição sobre os estados do Amazonas, Pará, Maranhão e os então territórios do Acre, Rio Branco, Amapá e Guaporé, totalizando uma área correspondente a 49% do território nacional.<sup>233</sup>

Porém o início da aviação na Amazônia é anterior à criação do Ministério da Aeronáutica. Na década de 1920 a partir das atividades da Aviação Naval e de expedições particulares que por medida de segurança, esses voos realizavam-se por sobre os rios.<sup>234</sup>

<sup>229</sup> INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). Op. Cit., p. 69-70.

<sup>230</sup> Citemos como exemplos os estudos comemorativos dos 50 anos de Base Aérea, incluso a de Belém “*50 anos da Base Aérea de Belém*” (1994), os 60 anos ITA “60 Anos do Instituto Tecnológico da Aeronáutica” (2011); Projeto Memória do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (Disponível em: [www.incaer.mil.br](http://www.incaer.mil.br)); Livros “Senta a Pua” de Major-Brigadeiro Rui Moreira Lima que trata da participação da FAB na Segunda Guerra Mundial; modelos de aeronaves: ALAMINO, Aparecido Camazano. *Gloster Meteor: O Primeiro Jato do Brasil*. Rio de Janeiro: INCAER, 2010.

<sup>231</sup> Termos referentes aos subtítulos do primeiro e do quarto volume.

<sup>232</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. *Entrevista*. Ananindeua-PA, domingo, 03 de abril de 2011.

<sup>233</sup> Placa “História do I COMAR”. In: *Sala Histórica*. I COMAR (Primeiro Comando Aéreo Regional).

<sup>234</sup> INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Janeiro de 1946 a Janeiro de 1956*. Após o término da Segunda Guerra mundial até a posse do Dr.

Seguidamente a aviação civil possibilitou a ampliação das redes aéreas na Amazônia, com rotas para Belém e outras cidades (Manaus-AM, Santarém-PA), no qual serviriam para o futuro Ministério da Aeronáutica.<sup>235</sup>

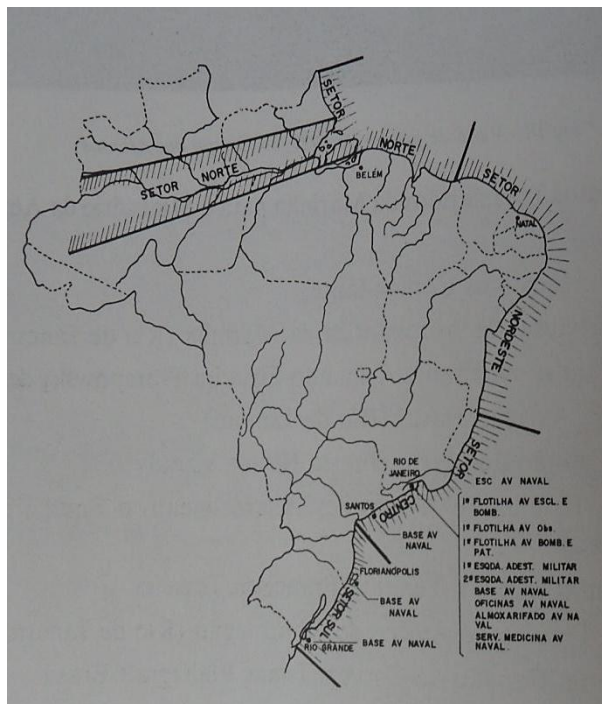


Imagem 8: Localização das Unidades da Aviação Naval quando foi criado o Ministério da Aeronáutica. 1941. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Da Criação do Ministério da Aeronáutica até o fim da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 78. (Coleção Aeronáutica. Série História Geral da Aeronáutica Brasileira, 03).

Na imagem notamos os quatro setores da Aviação Naval: Setor Norte, Setor Nordeste, Setor Centro e Setor Sul. No Norte visualizamos as rotas que os aviões seguiam, no qual corre justamente por sobre os rios – área em destaque no mapa. Cabe destacar também que além de uma medida de segurança para a aviação, pois caso se perdessem ou ocorresse algum acidente sua localização poderia dar-se mais rapidamente, a atuação por sobre os rios era de função da própria Marinha, enquanto que a aviação pertencente ao Exército lidava com as áreas mais densas, afastadas dos leitos dos rios, mas estes ainda eram seus principais pontos de referência. Com o decorrer dos anos, e o emprego de novas tecnologias, a dependência dos rios foi minimizada, pois se contava com outros meios de localização, de comunicação.

Juscelino Kubitschek como Presidente da República. Rio de Janeiro: INCAER; GR3 Comunicação & Design, 2005, p. 316-317.

<sup>235</sup> Maiores detalhes sobre a aviação civil, ver: INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). Op. Cit., Livro II, Parte II “Aviação Civil”, p. 289-330.

Temos como exemplo a ampliação das áreas monitoradas por satélites; comunicação via rádio, dispositivos de localização e acompanhamento nas aeronaves.

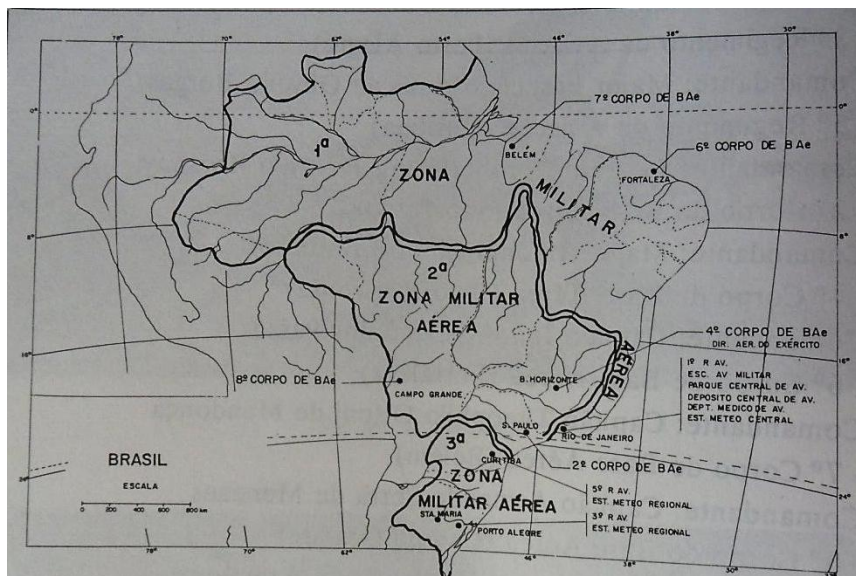


Imagem 9: Disposição das Zonas Militares de Aviação do Exército antes da criação do Ministério da Aeronáutica. (1941). Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Da Criação do Ministério da Aeronáutica até o fim da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 98.

Em 1935, Belém passou a ser abrangida pelo Correio Aéreo Militar (CAM) e no ano seguinte foi instituído o Sétimo Regimento de Aviação, responsável pela patrulha e defesa da aérea em questão. Ela localizava-se no bairro do Souza – atual Comando Geral da Polícia Militar – e, posteriormente, ocupou as instalações do Instituto Lauro Sodré, atual sede do Tribunal de Justiça do Estado.<sup>236</sup>

Na década de 1940, com a criação do Ministério da Aeronáutica foram realizadas várias ações de estruturação, nas quais os então, Corpos de Base, foram extintos e surgiram as Bases Aéreas, dentre elas e de Belém (1944) equipada com sete aeronaves PBY – 5 Catalina e Douglas C-47 que voaram respectivamente, de 1944 até 1982 e de 1950 a 1988 como aviões de transporte<sup>237</sup> e que se mostraram, inicialmente, ideais para as condições amazônicas, pois os Catalinas eram aviões anfíbios o Douglas C-47 já para as pistas de pousos construídas no decorrer dos anos.

<sup>236</sup> INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). Op. Cit., p. 109-110. (Vol. 04).

<sup>237</sup> Segundo o Suboficial Alfredo Oliveira os Catalinas inicialmente usados em atividades de combate, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial foram adaptados para transporte, retirando assim seus equipamentos de tiros, por exemplo.





Imagem 10: Aviões Catalina (década de 1950-1960), momento em que a Frota de Catalinas existente em Belém totalizava 15 unidades. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Janeiro de 1946 a Janeiro de 1956*. Após o término da Segunda Guerra mundial até a posse do Dr. Juscelino Kubitschek como Presidente da República. Rio de Janeiro: INCAER; GR3 Comunicação & Design, 2005, p. 110.



Imagem 11: C-47 Douglas em voo na Amazônia (1966). Arquivo pessoal do Suboficial Alfredo Oliveira. Segundo o Suboficial Davi Santana da Silva a frota de aviões C-47 Douglas na região também era de 15 unidades.

Devemos lembrar também que, neste período, ocorria a Segunda Guerra Mundial, e a sequência de ataques às embarcações brasileiras fez com que o Brasil declarasse guerra aos países do eixo, em agosto de 1942.<sup>238</sup> Os navios cargueiros oriundos dos Estados Unidos, vindos para o Brasil e vice-versa, necessitavam de escolta aérea e naval e convênios firmados entre as duas nações possibilitaram tal ação. Além disso, nas atividades de guerra, o Brasil recebeu equipamentos e treinamentos; unidades aéreas americanas foram enviadas ao país ficando algumas delas sediadas em Belém. Nesse momento, ocorreu a mudança da sede da Base Aérea de Belém para o bairro de Val-de-Cans em Belém.

<sup>238</sup> “Caçada aos submarinos inimigos no Atlântico Sul”. In: *Aerovisão*. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 08.



Imagem 12: Base Aérea de Belém em Val-de-Cans. 1943. Fonte: Acervo pessoal do Suboficial Alfredo Oliveira. Podemos ver o galpão e a rampa de aterrisagem dos aviões.



Imagem 13: Base aérea de Belém em Val-de-Cans. 2010. Fonte: Acervo pessoal do Suboficial Alfredo Oliveira. Observa-se que agora a aérea é cortada pela Rodovia Arthur Bernardes que dá acesso aos bairros Pratinha I e II, Tapanã e o Distrito Administrativo de Icoaraci.

Nesse momento, a Segunda Guerra Mundial exigiu a intensificação da estrutura da aviação brasileira, já que acelerou os investimentos e a formação de mão-de-obra qualificada.<sup>239</sup> O Ministério da Aeronáutica refundou as escolas de formação de pilotos e de especialistas, dando a diretiva única, pois como a aviação era de responsabilidade do Exército e da Marinha, suas matrizes doutrinárias eram distintas, manifestadas, por exemplo, no

---

<sup>239</sup> “A Saga dos anos 40”. *Notaer*. Jornal da Força Aérea. Ano XXXIV. Número 01, p. 07. Janeiro de 2011.

modelo estratégico de voo, que seguiam respectivamente a Americana e a Inglesa.<sup>240</sup> Concomitante a isso, Ministério da Aeronáutica criou normas para evitar a competição predatória entre empresas aéreas, inaugurou novas fábricas e escolas civis. O Brasil, então, passou a firmar acordos internacionais de transporte aéreos com outros países.<sup>241</sup>

O Correio Aéreo Militar (CAM), antes realizado pelo Exército, no interior, e pela Marinha, no litoral, é transformado em Correio Aéreo Nacional (CAN) sob responsabilidade da Força Aérea Brasileira. Ao longo de 1943, a Força Aérea Brasileira recebeu aeronaves para a preparação de seus pilotos, particularmente para o patrulhamento da costa e treinamento de aviadores, respectivamente.<sup>242</sup> No ano de 1953, foi implantada a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) com a atribuição de implantar a malha aeroviária da região. Neste plano, estavam previstos recursos para os setores de transporte aéreo, parte da Subcomissão de Transportes, Energias e Comunicações.

Muitas destas atividades foram desenvolvidas conjuntamente com a FAB, através da Comissão Mista FAB/SPVEA.<sup>243</sup> Em 1956, esta comissão foi transformada na Comissão de Aeroportos da Região Amazônica (COMARA), a qual deveria sanar os principais empecilhos a essa implantação no Norte: distâncias, climas, mão-de-obra especializada, principalmente àqueles fora da região, pois teriam que ficar meses longe de casa; doenças locais.<sup>244</sup> Inicialmente, sua incumbência, era construir, ampliar e pavimentar 56 pistas nas principais cidades da região, consideradas satisfatórias para a região. A partir da década de 1980, as pistas foram ampliadas e adequadas aos padrões internacionais.<sup>245</sup>

Nota-se que este plano foi oriundo do interesse de construção e efetivação da Força Aérea: tecnologia, engenheiros aeronáuticos, novas especializações em eletrônica,

<sup>240</sup> INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). Op. Cit., p. 37. (Vol. 03).

<sup>241</sup> “A Saga dos anos 40”. *Notaer*. Jornal da Força Aérea. Ano XXXIV. Número 01, p. 07. Janeiro de 2011.

<sup>242</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>243</sup> INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). Op. Cit., p. 317. (Vol. 04).

<sup>244</sup> “COMARA: a maior construtora de aeródromos da região Amazônica”. *Notaer*. Jornal da Força Aérea. Ano XXXIV. Número 01, p. 08. Janeiro de 2011.

<sup>245</sup> “COMARA: a maior construtora de aeródromos da região Amazônica”. *Aerovisão*. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 12. Nota-se que as duas matérias apresentam o mesmo título, pois ambas são de responsabilidade do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica, que na revista “Aerovisão” reapresentava algumas matérias publicadas anteriormente conjuntamente com novos textos que tratassem numa edição única com alguns momentos dessas sete décadas da Força Aérea Brasileira (FAB). O diferencial das reportagens citadas é que a primeira detém-se à década de 1950-1960. Já a segunda apresenta estas mesmas informações com o acréscimo das pertinentes às décadas posteriores (1970-2000).

mecânica, infraestrutura e computação.<sup>246</sup> Este seria o Centro Tecnológico de Aeronáutica (CTA). Em 1950, inicia o primeiro órgão voltado para este fim, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) com destino ao ensino superior; e em 1953, o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPD), proposto para pesquisa e desenvolvimento na área de aviação militar e comercial.<sup>247</sup>

Nas décadas subsequentes, com a implantação do Regime Militar, conjuntamente com a expansão da aviação comercial e militar, a Amazônia teve um aumento significativo das obras, pessoal e atividades ligadas e/ou oriundas, principalmente das transformações econômicas. Nota-se a importância da criação do Banco da Amazônia S/A (BASA), substituindo o antigo Banco de Crédito da Amazônia e a criação da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) em substituição à SPVEA.<sup>248</sup>

As décadas de 1970 para a Aeronáutica são muito importantes, pois os seus conceitos de Defesa Nacional, equipamentos e indústria ganham um destacado incentivo, melhora e ampliação.<sup>249</sup> No ano de 1969, segundo a Revista Veja, havia expectativa do aumento considerável da frota de aeronaves e assim explicitou em sua reportagem: “(...) Em 1966, a FAB tinha seiscentos aviões, sendo cerca de oitenta a jato; em 1971 deverá ter mil aviões, mais de trezentos a jato. A maioria está sendo equipada para a nova filosofia de guerra [inimigo interno]”.<sup>250</sup>

Os jornais da Força Aérea que tratam desses 70 anos de história enfatizam esse momento através das diversas reportagens que apresentam os seguintes títulos: “Anos 70: A integração da defesa aérea com o controle de tráfego aéreo no Brasil”; “A Força Aérea revoluciona seus conceitos de defesa”; “Começa a ‘era dos supersônicos’ no Brasil”; “Xavante: a indústria nacional produz seu primeiro jato”.<sup>251</sup> A década de 80 apresenta outros momentos que se dedicam à aviação civil e a programas de pesquisa aéreas, inclusive a espacial: “Anos 80: A hora e a vez da indústria aeronáutica brasileira”; “T-27 Tucano – um treinador pioneiro e de sucesso”; “Programa Espacial: Alcântara, no Maranhão, é escolhida

<sup>246</sup> “O Brasil cria uma ‘fábrica’ de cérebros para a engenharia aeronáutica”. *Aerovisão*. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 10.

<sup>247</sup> Ídem, p. 10-11.

<sup>248</sup> PETIT, Pere. “Políticas Públicas, Élités Económicas y Discursos Regionalistas en el Estado de Pará en Tiempos de la Dictadura y la Nova Republica”. In: PÉREZ, José Manuel Santos. PETIT, Pere. *La Amazonia Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca-España: Aquilafuente; Ediciones Universidad Salamanca, 2006, p. 130.

<sup>249</sup> “Década de 70”. In: *Aerovisão*. Op. Cit., p. 22-37.

<sup>250</sup> “Onde está o inimigo da Pátria?”. In: *VEJA*. São Paulo: Abril, 10 de Setembro de 1969, p. 35.

<sup>251</sup> Respectivamente: Notaer, fevereiro, p. 07, 08, 09, 10.

para ser o ‘trampolim’ para o espaço”.<sup>252</sup> Anos 1990 tidos como consolidação dos empreendimentos pensados para o Brasil somados a uma atenção maior para a Amazônia: “Anos 90: SIVAM – Os olhos avançados do Brasil sobre a Amazônia”; “Rede de equipamentos do SIVAM alimenta banco de dados para ações governamentais na região Amazônica”.<sup>253</sup>

O Ministério da Aeronáutica concluiu uma série de estudos e, em 1969, concebeu o Sistema Integrado de Controle do Espaço Aéreo, um projeto que previa a utilização conjunta de equipamentos de detecção, de telecomunicações e de apoio às atividades de defesa e controle de tráfego aéreo. Em 1972, entrou em operação a primeira unidade aérea de interceptação da Força Aérea Brasileira, o atual Primeiro Grupo de Defesa Aérea (I GDA), equipado com caças F-3 Mirage e, sob licença, a EMBRAER passou a produzir seu primeiro jato: AT-26 Xavante.<sup>254</sup>

No início dos anos 1970, o Ministério da Aeronáutica implementou no país a idéia de Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA), que previa um único sistema no controle das operações civis e militares. Uma rede de radares e centros de controle espalhados geograficamente forneceriam, em tempo real, o posicionamento das aeronaves em voo presentes no território nacional, conforme analisamos na imagem que segue.<sup>255</sup>

---

<sup>252</sup> Respectivamente. Notaer, março, 2011, p. 07, 08, 09.

<sup>253</sup> Respectivamente. Notaer, maio, 2011, p. 07, 09.

<sup>254</sup> “Nascem a defesa aérea e o controle integrado de tráfego aéreo no Brasil”. Fonte: *Aerovisão*. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 22.

<sup>255</sup> Idem, Ibidem.



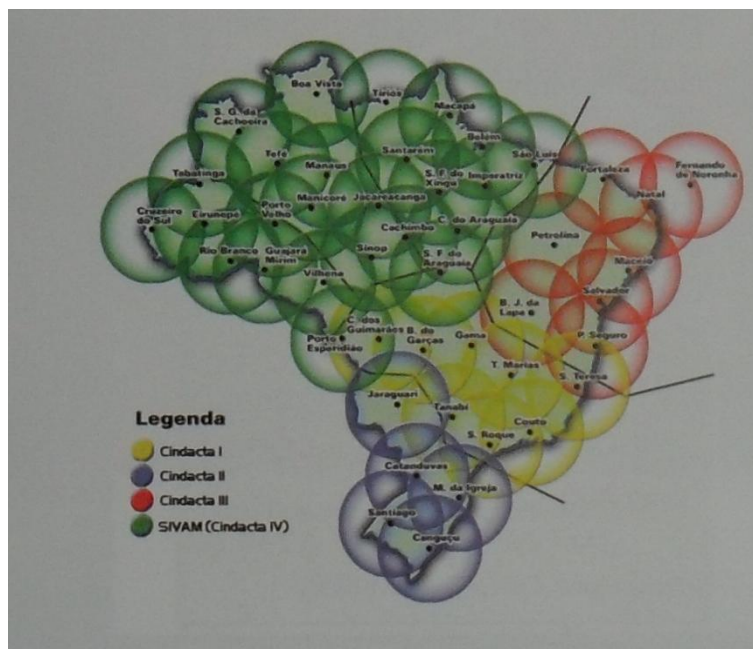


Imagem 14: CINDACTAs I, II, III e IV e suas respectivas áreas de atuação. In: “Nascem a defesa aérea e o controle integrado do tráfego aéreo no Brasil”. Fonte: *Aerovisão*. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229, p. 36.

Nela observamos todo o território nacional sob vigilância. Porém cabe ressaltar que esta vigilância completa não foi uniforme. Este quadro trata da atual situação do país. Os demais CINDACTAs demoraram anos para serem totalmente construídos e postos em pleno funcionamento.

O CINDACTA I, sediado em Brasília, foi o primeiro a ser terminado e posto em operações. Começaram as obras em 1973 e três anos depois foi terminado. O centro reunia, sob uma única estrutura, o controle do tráfego civil e a defesa aérea, no Distrito Federal, os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, que eram os principais centros populacionais. No início da década de 1990, parte significativa do espaço aéreo nacional estava coberta pelos CINDACTAs I (Brasília), II (Curitiba), III (Recife). A Amazônia, por meio do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM) teve as ações de cobertura a radar.<sup>256</sup>

Embora esse esforço da Aeronáutica tenha se concretizado na década de 1990, o projeto data das décadas de 1960-1970, o que implica na ciência de que este projeto de integração e defesa teve outras facetas além dos ligados ao CINDACTA. Nota-se que, como dissemos anteriormente, a presença da Força Aérea deu-se por outros meios.

<sup>256</sup> Idem, Ibidem.

### 2.3. Amazônia aos olhos de quem?

Para alguns militares, falar do trabalho na Aeronáutica não se limita à capital paraense. Muitos deles oriundos de outras localidades como Acre, Rio de Janeiro, interior do Estado, desempenharam uma parte significativa de suas atividades em Zonas Aéreas, ou mesmo, paragens distintas da Primeira Zona Aérea.

Isto pela própria função da Aeronáutica, no qual a Primeira Zona Aérea tinha jurisdição sobre os estados do Amazonas, Pará, Maranhão e os então territórios do Acre, Rio Branco, Amapá e Guaporé,<sup>257</sup> Tal divisão pode ser mais bem compreendida a partir da seguinte imagem.



Imagem 15: Respectivas Zonas Aéreas Brasileiras com suas designações numéricas (Primeira, Segunda, Terceira, Quarta e Quinta). Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Janeiro de 1946 a Janeiro de 1956*. Após o término da Segunda Guerra mundial até a posse do Dr. Juscelino Kubitschek

<sup>257</sup> Placa “História do I COMAR”. In: Sala Histórica da Aeronáutica – I COMAR (Primeiro Comando Aéreo Regional).

como Presidente da República. Rio de Janeiro: INCAER; GR3 Comunicação & Design, 2005, p. 102.

No ano de 1973, a Primeira Zona Aérea foi desativada, cedendo lugar ao Primeiro Comando Aéreo (I COMAR), ocorrendo o mesmo com as demais Zonas Aéreas. Na década de 80, foi feita a redistribuição da área de jurisdição do I COMAR que ficou com a alçada das Guarnições de Aeronáutica nos estados do Pará, Amapá e Maranhão, com responsabilidade sobre uma área de aproximadamente 20% do território nacional.<sup>258</sup> Os estados do Acre, Amazonas, Roraima e Rondônia tornaram-se o Sétimo Comando Aéreo Regional.<sup>259</sup> No decorrer dos anos, os outros Comandos Aéreos do Brasil também sofreram modificações e originaram novos Comandos Aéreos. A seguir, conferimos a atual divisão administrativa da Aeronáutica por Comando.

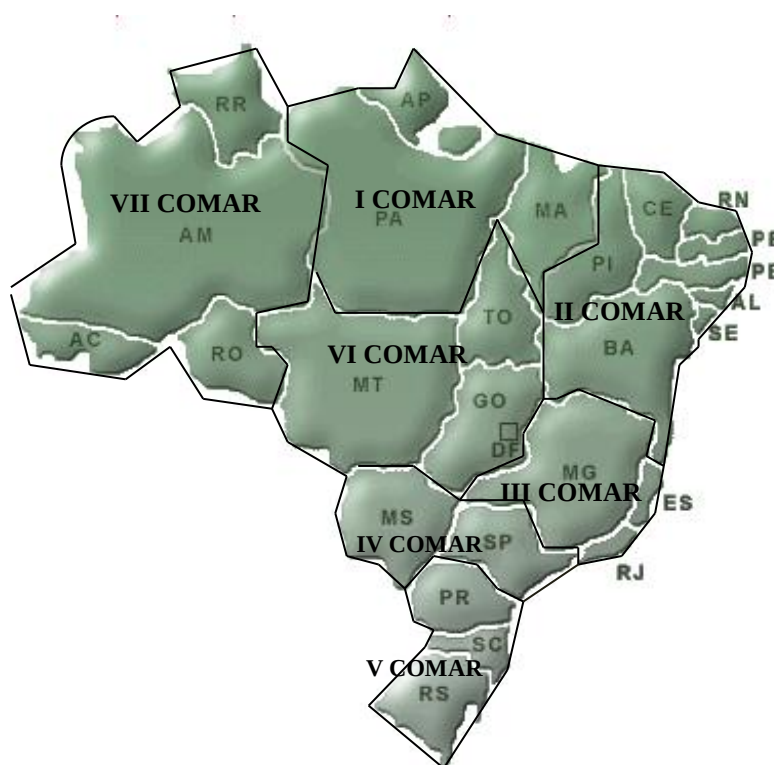


Imagem 16: Comandos da Aeronáutica. Observamos os sete Comandos Aéreos e suas respectivas áreas de atuação. I COMAR: Estados do Amapá, Maranhão e Pará. II COMAR: Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. III COMAR: Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. IV COMAR: Estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. V COMAR: Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. VI COMAR: Distrito Federal; estados de Goiás, Mato Grosso e Tocantins. VII COMAR: Estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima.

<sup>258</sup> Placa “História do I COMAR” na Sala Histórica da Aeronáutica – I COMAR (Primeiro Comando Aéreo Regional).

<sup>259</sup> Comandos da Aeronáutica. [www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=qocon](http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=qocon). Acessado em quarta-feira, 30 de julho de 2011.



Disponível em: [www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=quocon](http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=quocon). Acessado em quarta-feira, 31 de julho de 2011.

Assim como os militares entendem esta parte do Brasil como um território amplo – Amazônia –, instituições, pessoas, governos também têm distintas visões territoriais sobre a mesma. Somam-se a isso, as políticas públicas de integração; o desenvolvimento e aumento demográfico ocorrido a partir da instauração do Regime Militar no país em 1964. Isto faz com que haja uma concordância e confusão acerca de que local estamos falando: Amazônia ou Região Norte.

Ao tratar dos grupamentos e das áreas de atuação dos militares sediados no I COMAR, parte do território do Maranhão estava incluso. Caso se adotasse a divisão por regiões seria alijada. Partes significativas da Região Norte, a partir da Divisão Político-Natural adotada pelo IBGE era de responsabilidade direta da União, a exemplos dos territórios federais e de diversos projetos serem de cunho federal, como o Serviço de Proteção ao Índio (SPI)<sup>260</sup> e posteriormente substituído pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio).<sup>261</sup>

Os militares entrevistados sempre se reportaram ao termo “Amazônia”, posto que muito deles aeronavegadores deslocavam-se para regiões muito distantes da Base Aérea de Belém, como nos fala o Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama: “Eu viajei por toda a Amazônia, Porto Velho, Tefé, fui bater na Cabeça do Cachorro<sup>262</sup> e outros lugares que não me lembro do nome.”<sup>263</sup>

Sérgio C. Buarque, Antero Duarte Lopes e Teresa Cativo Rosa<sup>264</sup> ao estudar a região Norte atentam justamente para a confusão existente entre “Norte” e “Amazônia”. Esta distinção não é simples, pois se questiona primeiramente, quais critérios serão utilizados. Isto implica numa série de considerações quando focalizamos a Região Norte como, por exemplo, a regionalização das ações, a questão política, a ação de desenvolvimento da região, sua importância no cenário nacional, a presença de Tocantins pós-1988 como integrante da região, dentre outras frentes de análises. O sentido de “Amazônia” traz outras demandas como

<sup>260</sup> O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi um órgão público criado durante o governo do Presidente Nilo Peçanha, em 1910, com o objetivo de prestar assistência à população indígena do Brasil, findado em 1967.

<sup>261</sup> A Fundação Nacional do Índio é o órgão do Governo Federal brasileiro que estabelece e executa a política voltada aos indígenas do Brasil.

<sup>262</sup> Região localizada a noroeste do Estado do Amazonas que se assemelha a uma cabeça de cachorro. Cf. Imagem 16, p. 95.

<sup>263</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. Op. Cit.

<sup>264</sup> BUARQUE, Sérgio C. LOPES, Antero Duarte. ROSA, Teresa Cativo. Op. Cit.

as fronteiras, integração, migração e densidade demográficas concomitante à mudanças significativas e brutas, em certos momentos.

Os autores expõem que a região Norte tem uma área de 45% do total nacional, florestas tropicais, bacias hidrográficas, biodiversidade, reserva de minérios tradicionais e outros com aplicações tecnológicas, cuja marca principal é esta diversidade interna. Nos últimos anos enfatiza-se a variabilidade dos seus ecossistemas, a região Norte ganhou destaque nas últimas décadas e se transformou numa área de fronteira, tornando-a um posto de interesses e disputas geopolíticas.<sup>265</sup>

Quando se trata de Amazônia há uma ampliação desta área, pois também passam a ser considerados o estado do Mato Grosso e do Maranhão, que têm outras características histórico-culturais, isso quando nos restringimos ao território nacional – Amazônia Legal. Tais diferenças a partir de suas áreas podem ser percebidas conforme as imagens que seguem.



Imagem 17:  Amazônia Continental. Observamos a Amazônia continental que abrange grande área do continente sul-americano, inclusive países como Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Fonte: Debates Divulgue. Disponível em: [http://debataesvendeedivulgue.comblogwp-content/uploads200809AmazoniaInternacional\\_1.jpg](http://debataesvendeedivulgue.comblogwp-content/uploads200809AmazoniaInternacional_1.jpg). Acessado em 29 de agosto de 2009.

<sup>265</sup> BUARQUE, Sérgio C. LOPES. Antero Duarte. ROSA, Teresa Cativo. “Integração Fragmentada e Crescimento da Fronteira Norte”. In: AFFONSO, Rui de Britto Álvares. SILVA, Pedro Luiz Barros. (Organizadores). *Desigualdades Regionais e Desenvolvimento*. São Paulo: FUNDAP; Editora UNESP, 1995, p. 96.

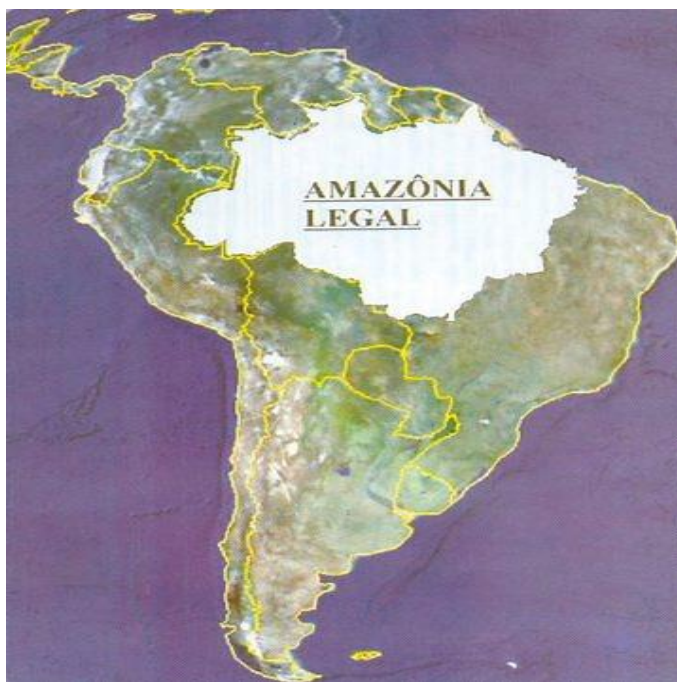


Imagem 18:  Amazônia Legal. Nesta segunda imagem temos a Amazônia sob o poder do Estado Brasileiro, compondo assim o território nacional. Fonte: MatoGrosso. Disponível em: <http://www.matogrosso.br.com/images/preservacao.jpg>. Acessado em 29 de agosto de 2009.

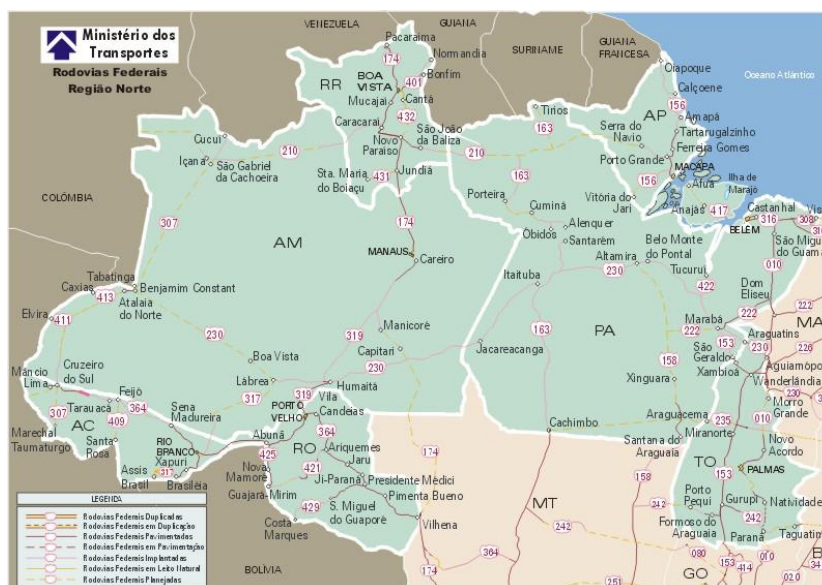


Imagem 19:  Região Norte e seus respectivos estados. Estados de outras regiões. Área da Região Norte que se detêm às divisões político administrativas do Brasil (Rodovias Federais Região Norte). Fonte: Porto Castelo. Disponível em: <http://www.postocastelo.com.br/images/mapas/rodFedNorte.jpg>. Acessado em 29 de agosto de 2009.

A demarcação desta parcela do território nacional como Região Norte, Amazônia, e as correlações com as administrações dos governos estaduais e municipais sofreu

interferências de vários órgãos, instituições, em tempos distintos ou concomitantes. Isto é percebido pelos diversos discursos a respeito do território nacional.

Mas qual território e o que se entende por território? Gilberto Rocha<sup>266</sup> mostra-nos que território está ligado a diversos entendimentos que recaem na relação entre Sociedade e Meios Naturais de sobrevivência (concepção de Território Natural); unidade política oriundo do espaço apropriado pelo Estado em seus diversos níveis de governo – União, estados e municípios (concepção Jurídico-Política) ou mesmo como Identidade e Cultura a partir da valorização de aspectos da existência humana símbolos, relacionamentos que os grupos sociais mantêm.

Conceituar ou ter conclusões que tenham algo em comum é algo bem distinto quando lidamos com a Amazônia, cujo primeiro entendimento, num pressuposto naturalista é:

*(...) designa-se por território uma porção da natureza, e portanto, do espaço, sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que a ela deseja e é capaz de explorar.*<sup>267</sup>

Nisso há diferentes modos de construir a territorialidade com bases nos recursos, pelo qual o território, na concepção tradicional, é o fundamento do Estado. Compreendemos que o território é construído pelo processo histórico-político, uma vez que o mesmo é movimento, fluidez “dado que na abordagem dialética o movimento, a transformação, que é a dimensão fundamental da realidade”.<sup>268</sup> Este entendimento surge quando partirmos de uma visão relacional, o que implica na diferenciação da Amazônia com o Nordeste e o Centro-Sul, que consideram ainda as esferas socioeconômicas; o que nos leva a afirmar:

*(...) o território, relacionalmente falando, ou seja, enquanto **mediação espacial do poder**, resulta da interação diferenciada entre as múltiplas dimensões desse poder, desde sua natureza mais estritamente política até seu caráter mais propriamente simbólico, passando pelas relações dentro do chamado poder econômico, indissociáveis da esfera jurídico-política (...).*<sup>269</sup>

<sup>266</sup> ROCHA, Gilberto. Et Ali. Mesa-Redonda “O Território e suas Múltiplas Abordagens na Geografia”. In: Semana de Geografia. UFPA, Belém, Março de 2005.

<sup>267</sup> GOLDELIER Apud HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 56.

<sup>268</sup> HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006, p. 102.

<sup>269</sup> HAESBAERT, Rogério. Op. Cit., p. 93. Grifo do autor.

Outro fator é o aspecto indenitário e cultural, posto que além de delimitar uma área, gesta-se uma identificação de uma sociedade ou grupo como Amazônidas, Nordestinos e Sulistas. Proposição que defende um pertencimento à um território, não correspondendo somente às funções ou ao ter, mas ao ser. Assim o conceito de território e territorialidade expressa, nesse sentido, a existência geográfica de uma sociedade.<sup>270</sup>

Ao não limitar, ou melhor, restringir o território a um espaço de uma única escala como o do Estado-Nação, não implica descartar seus pormenores, sua diferenciação de acordo com os contextos históricos e geográficos em que é construído, mas ampliar o leque que o território poder ser compreendido à medida que ele é vivenciado, no caso amazônico, por inúmeros sujeitos, que criam mediações na qual o território para uns “(...) é construído muito mais no sentido de uma área-abrigo e fonte de recursos, a nível predominantemente local; para outros, ele interessa enquanto articulador de conexões ou redes de caráter global, entre outras acepções (...)”.<sup>271</sup>

As possibilidades de entendimento conjuntamente com as derivações do conceito de território, imprimem um entendimento muito particular, nem por isso desprezível da experiência de ser um militar, militar da Aeronáutica, militar da Aeronáutica na Amazônia (termo pelos quais sempre se referem, de maneira geral, a esta localidade). Entendimento que considera várias localidades, tais como municípios, lugarejos, tribos, destacamentos, pouco se referindo aos estados aos quais pertencem.

#### **2.4. Catalina e Catalineiros: um efetivo militar específico na Amazônia.**

Parte significativa dos militares entrevistados estava ligada diretamente à aviação. Pode soar estranho em se tratando da Força Aérea, mas outros membros da referida força ocupavam-se em cargos administrativos ou de outra ordem, como o Suboficial Cruz Soares (tesouraria), Suboficial Ivaldo Pereira (cozinheiro), Sargento Jarnélio Vital (infantaria). Os suboficiais Ferdinando Duarte Ogorodnik, Davi Santana da Silva e Alfredo Oliveira eram aero-navegantes, desempenhando, respectivamente, as funções de mecânico de avião, radiotelegrafistas. Com isto as experiências vividas por eles, além do elo “militar da Aeronáutica”, destaca-se a aviação como parte de sua vida militar.

---

<sup>270</sup> ROCHA, Gilberto. Op. Cit.

<sup>271</sup> Idem, p. 97.

Como citado anteriormente, os aviões PB-Y Catalina e Douglas C-47 foram os mais usados nas décadas de 1950-1980, por suas condições se adequarem as existentes na Amazônia. O Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik, quando indagado sobre sua vida na Aeronáutica, destaca a participação nas missões do Catalina, os serviços por ele realizados e as condições para isto:

*Na Base Aérea de Belém eu fiquei de 1965 até 1983 quando eu fui para a Reserva. Aqui eu voava o C47, Douglas e o avião Catalina. Um avião que pousava na água e que era muito útil na época, aqui para essa região que ainda tinha poucas pistas de pouso. E nós fizemos um trabalho muito bom com esses aviões aí, com o C47 aqui na Amazônia. Nós atendíamos os pelotões de fronteira, atendíamos as prefeituras nos lugares onde a gente ia, os governos do estado, as populações ribeirinhas, as missões religiosas, levávamos médicos a bordo, atendíamos as populações ribeirinhas lá com atendimento odontológico. Atendimento médico e odontológico. Fazíamos missões de salvamento – MMI – missões de salvamento para as pessoas enfermas que estavam com picadas de cobras, queda de árvore, enfim.*<sup>272</sup>

Na opinião dos entrevistados, o transporte aéreo na região é de fundamental importância, principalmente pela carência de rodovias e pelo regime de águas dos inúmeros rios, navegáveis apenas em determinados períodos de inverno, quando a quantidade de água aumenta significativamente.

Neste sentido, observamos não somente a instituição em ação, mas os indivíduos e suas peculiaridades, posto que, são àqueles que levam os materiais, que materializam a integração. E aquilo foi importante pra eles que são militares da Aeronáutica, desenvolvendo as atividades que cabiam a ele. Então criar o grupo dos Catalineiros<sup>273</sup> não era reunir os amigos que eles conheceram naquele momento, mas promover uma reunião em torno de uma vivência importante que foi comum pra eles. No decorrer dos anos tanto uma memória quanto uma identidade é formada a partir destas experiências, como afirma o Suboficial Davi Santana da Silva quando da criação da Associação Brasileira dos Catalineiros:

*(...) Na ocasião que nós criamos isso, o objetivo era exatamente entrelaçar mais nossas amizades e o que nós fazíamos nessas reuniões? Nos reuníamos em algum lugar, contava nossos “causos”, contava nossas aventuras, confidenciávamos uns aos outros nossas queixas, emitíamos nossas opiniões e aí bebericávamos uma cerveja ou outra, e você sabe que a cerveja solta mais a língua da gente. Então um ou outro se queixava de pares ou superiores, (...). E na ocasião de nossas reuniões, muito legais, amigas, a gente comentava essas coisas e coisas boas que também nos*

<sup>272</sup> Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. *Entrevista*. Belém-PA, segunda-feira, 11 de Outubro de 2010.

<sup>273</sup> Como dissemos anteriormente, na Amazônia, voaram predominantemente dos aviões Catalinas (anfíbios) e Douglas C-47 (terrestre), mas como o Catalina atendia muito mais às particularidades da Amazônia muitos se referem às atividades de avião desenvolvida na época como Catalina e derivados – Catalineiros – mesmo utilizando-se de outras aeronaves.

*aconteciam (...) e deu-se a ideia de transformar essa reunião em associação e temos a Associação Brasileira dos Catalineiros. (...).*<sup>274</sup>

De acordo com os suboficiais Davi Santana da Silva e Ferdinando Duarte Ogorodnik, muitos militares que participaram das missões do Catalina e que residem fora de Belém ou mesmo em outros estados, retornam para a capital paraense sempre que há algum evento relacionado aos Catalineiros e ficam hospedados em suas residências.

O suboficial Alfredo, hoje secretário da Associação Brasileira dos Catalineiros nos expõe a importância dada aos aviões catalinas na região amazônica, no qual como um dos aviadores do catalina, explana também sua passagem como catalineiro:

*Eu cheguei na FAB em 1969, mas a aviação do CAN da Amazônia, no final da década de 50 era primordialmente feita em catalina e foi na década de 1960 que houve uma expansão muito grande do Correio Aéreo da Amazônia, voava toda a Amazônia. Pois já na década de 50, os catalinas integraram a Amazônia, atingindo a fronteira oeste, e já em 1957, esse esquadrão passou a receber aviões C-47, o Douglas! Então o correio aéreo amazônico foi enriquecido com a chegada do C-47. Em 1956 foram sendo construídos aeroportos pela Amazônia, e foi dada a possibilidade de pouso para o C-47, que só pousava em terra. E eu considero essa década, a década de ouro do CAN da Amazônia, a década de 60, aonde tínhamos muitos aviões. E, na década de 1970 que eu já comecei a aviar, já tinha muito C-47, fazíamos viagens cobrindo a região amazônica todinha, íamos até a fronteira da Cabeça do Cachorro, na fronteira da Colômbia, na fronteira do Peru, Bolívia, (...) para a tristeza de muitos reclusos ribeirinhos, que até hoje ainda sentem falta do catalina, tá faltando um catalina lá! O catalina pousava em qualquer lugar ao longo do rio.*<sup>275</sup>

Ressalta-se que uma das formas de conceber os Catalineiros perpassa pela identidade da Força Aérea na Amazônia. Muitos militares, segundo o depoimento dos Suboficiais Ferdinando Duarte Ogorodnik e Alfredo Oliveira, ingressam na Associação tendo como argumento os Catalineiros ser o elemento da identidade da Aviação na Amazônia, mesmo ele não terem voado em aviões Catalina.<sup>276</sup>

Quando indagado sobre o que é ser catalineiro, o suboficial Alfredo Oliveira expõe que “é um honra, uma felicidade. Pago para trabalhar e é gratidão pelo passado”.<sup>277</sup> O suboficial Davi Santana da Silva, um dos idealizadores e que sugeriu o termo “Catalineiro”, assim define o que é um catalineiro:

<sup>274</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. *Entrevista*. Belém-PA, terça-feira, 12 de outubro de 2010.

<sup>275</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. *Entrevista*. Ananindeua-PA, domingo, 03 de abril de 2011.

<sup>276</sup> Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. Op. Cit. Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit

<sup>277</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit.

*Todas as pessoas, civil ou militar, que trabalharam na época do Catalina e Douglas C-47. E podemos ir mais adiante. Pessoas que andaram de Catalina, voaram de Catalina, conheceram o Catalina, que quiser se associar à Associação criada, pra mim, esse é catalineiro. Esse é meu espírito de não querer eliminar ninguém.*<sup>278</sup>

Essa ligação com o Catalina, instrumento de trabalho desses militares. O suboficial faz a seguinte avaliação quando analisa os empreendimentos realizados no serviço militar na região: “Nós fizemos um trabalho muito bom com esses aviões aí, com o C-47e Catalina aqui na Amazônia”.<sup>279</sup> Na rememoração das atividades dos Catalineiros, criação da associação e reconhecimento de sua contribuição no desenvolvimento da região, percebemos essa valorização dos diversos aspectos que circundavam o trabalho de aero-navegante na Amazônia. Ressaltamos que as atividades de aviação da Aeronáutica na Amazônia como no restante do território nacional podem ser divididas em duas frentes: a primeira com ações de transporte fossem elas de cunho militar ou civil; e o segundo na área de combate que envolve o patrulhamento do território, defesa, vigilância, etc.

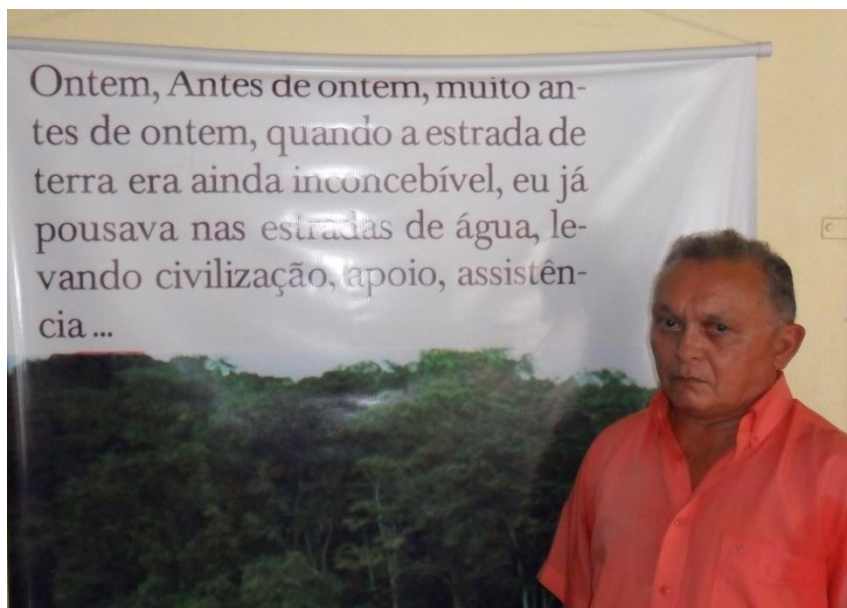


Imagem 20: Foto do Suboficial Alfredo Oliveira ao lado de um banner expondo um das marcas do trabalho dos Catalineiros. Ananindeua-PA, domingo, 03 de Abril de 2011. Acervo Pessoal do Autor.

Nessa imagem observamos algumas dessas características da atuação da Aeronáutica na Amazônia, como o uso dos rios no serviço aéreo. Além disso, notamos o

<sup>278</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

<sup>279</sup> Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. Op. Cit.



caráter integrador desse processo, posto que no mesmo banner há a referência ao processo de socialização e assimilação das culturas locais ao modelo nacional, uma vez se reitera a chegada da civilização como parte dessa ação. Na imagem seguinte, brasão da Associação dos Catalineiros acentua a participação e importância dos serviços realizados por esses homens na Amazônia através da afirmação: “Na Amazônia, nós os Catalineiros fizemos a diferença.”



Imagem 21: Banner com o emblema da Associação Brasileira dos Catalineiros. Ananindeua-PA, sábado, 19 de novembro de 2011. Acervo Pessoal.

Esse reconhecimento não é dado somente pelos militares, mas também pelos grupos e populações locais que de alguma forma se utilizaram dos serviços de aviação da Força Aérea na Amazônia, no qual se ressalta não exclusivamente com objetivos militares. Estavam sujeitos a diversos imprevistos e situações, considerando a vastidão do território da Primeira Zona Aérea – hoje Primeiro Comando Aéreo Regional – que muitas vezes, não tinha uma relação direta com o que pensamos sobre missões e atividades militares.

Exemplo disso são as missões de salvamento e socorro prestados pelos catalineiros como nos relata o suboficial Alfredo Oliveira:

*(...) Então tinha o transporte fluvial, mas era muito demorado, o embarque levava 30 dias de Rio Branco para Belém, e levava 15 dias de Rio Branco para Manaus, então quando passava o catalina, todo mundo queria embarcar no avião! Inclusive, tem uma missão no vale do rio Curulins, que no nosso retorno de Rio Branco, pousando em várias cidades ao longo do rio Curulins com a Boca do Acre, Lábia, Paumitânia, Taupauá, nós saímos de Tapauá com 65 pessoas a bordo dentro do catalina, detalhe: o catalina tinha acomodações, banco para 20 passageiros, nós saímos com 59 passageiros dentro de um catalina e 6 tripulantes, isso porque aonde*

*o catalina pousava ao longo do rio, mas a pista era de terra, apareciam muitos passageiros porque eles não tinham outro transporte. Então quando ele passava, todo mundo tinha um artifício, um argumento para embarcar no avião: - Minha mãe tá morrendo em Manaus! - Meu filho morreu! E quando o comandante era de muito bom coração, as pessoas iam subindo, e nesse dia o coronel Santos autorizou o embarque de todos que chegaram nas suas canoas, o avião pousava na água, chegavam as canoas e as pessoas iam subindo no avião. Então na hora da decolagem, eu ia contando as pessoas para passar o plano de voo, aí tinha 65 pessoas a bordo do catalina. Essa foi a missão mais importante que eu cumpri na Amazônia.*<sup>280</sup>

Este mesmo tipo de ação é exposto pelo suboficial Gama que ao se dirigir para uma localidade próxima da fronteira do Amazonas com o Peru transportaram uma mulher indígena picada por uma cobra para um hospital desviando um pouco da rota e ao retornarem da missão ficaram sabendo que ela sobreviveu graças à ajuda imediata que eles proporcionaram. E nas palavras dele “isso eu não me esqueço, tanto é que estou contando a você!”<sup>281</sup>

Exemplo disto são as missões religiosas, transporte e socorro que contavam com o apoio logístico (transporte), reiteradas vezes foram expostas pelos militares entrevistados. Nisso fazemos uso do relato do Suboficial Davi Santana que nos conta como era essa atividade.

*(...) A gente através das missões<sup>282</sup> que nós cumpríamos, nós às vezes não tínhamos horários de almoço, horário de café, horário pra dormir, horário pra acordar. Nosso serviço era intenso, mas era um serviço agradável por que você se sentia útil pra comunidade carente aqui da Amazônia e através disso eu conheci muitos buracos aí, tribos indígenas, Pelotões de Fronteira, ministradas pelo Exército, que nós levávamos pra ele a alimentação, a própria cultura, professores pra ensinarem os filhos, transportávamos eles quando eram transferidos. Todo esse apoio a Aeronáutica dava e eu tive essa oportunidade de participar de tudo isso (...).*<sup>283</sup>

O suboficial Alfredo Oliveira também se reportou a esse contato com indígenas, pessoas de várias localidades, no qual muito desses encontros eram seguidos, pois ao fim de uma missão já iniciava.

<sup>280</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit.

<sup>281</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. Belém-PA, segunda-feira, 06 de novembro de 2010.

<sup>282</sup> Segundo o Suboficial Ivaldo Pereira, os termos missões usado pelas Forças Armadas dizem respeito às atividades militares como viagens, treinamento, resgate, etc. Ananindeua-PA, sexta-feira, 11 de março de 2011.

<sup>283</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.



Imagem 22: Suboficial Alfredo Oliveira numa tribo indígena. (Década de 1970). Acervo Pessoal.

A seguir, o suboficial Alfredo Oliveira que conta como foi difícil se organizar dentro das constantes viagens e de estar em Belém:

*(...) a gente voava muito, era difícil estar aqui em Belém, agente chegava de uma viagem, já estava escalado em outra. Eu conto até, a minha mulher não gosta, que eu dormia até fora do quartel, porque se fosse para o alojamento era escalção na certa, de madrugada agente era acordado dizendo que tinha avião saindo e agente estava escalado! Porque tinha muita viagem e agente estava sempre dentro de avião, até porque recebíamos uma boa diária, de pousada e alimentação, e valia a pena voar porque até compensava financeiramente. Então foi sete anos até 77, eu não tinha tempo para nada, nem para estudar, tanto que só em 1977 que eu terminei o segundo grau.<sup>284</sup>*

Assim, podemos entender que por mais que os militares da cúpula governamental estivessem com objetivos específicos sobre a região, outras atividades, no quais algumas delas antes de 1964 ocorriam em concordância com essas atividades. Dadas as distâncias existentes entre uma localidade e outra no vale amazônico, a Força Aérea de apoio incontestável e primordial às diversas instituições, como a Igreja Católica nas ações de evangelização, quando Clérigos de Belém visitam as comunidades ribeirinhas, como vemos a seguir.

<sup>284</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit.

Apoio centrado, entre outros princípios, na Doutrina de Segurança Nacional, no qual o lema “Integrar para não entregar” foi posto em prática em diversas situações. Na ajuda às instituições importantes da sociedade se fortalecia os laços entre o governo e essas instituições, assim como promove o maior contato entre os distintos indivíduos do Brasil e garantindo a presença nas distantes localidades do Brasil, principalmente na Amazônia.

Nas décadas de 1960-1980 a Igreja Católica tinha uma predominância significativa na região, oriundo de um longo e intenso processo de catequização, datado desde o século XVII. Diversas localidades contavam com os referenciais católicos (Igrejas e pequenas comunidades católicas), cujos entrevistados, ao abordarem as atividades exercidas pelo catalina sempre citaram a evangelização e/ou missões religiosas sendo praticadas. E muita delas contava com o apoio das Forças Armadas, em especial a Aeronáutica para sua efetivação, pois distâncias enormes e longos períodos de viagens eram minimizados com o transporte aéreo.



Imagem 23: Visitas de Religiosos às comunidades ribeirinhas na Amazônia com apoio logístico da Força Aérea Brasileira (1966). Fonte: *Sala Histórica*. I COMAR (Primeiro Comando Aéreo Regional).



Imagem 24: Presença de clérigos e militares à comunidades ribeirinhas na Amazônia. (1966).  
Fonte: Sala Histórica. I COMAR (Primeiro Comando Aéreo Regional).

Neste momento as atividades desenvolvidas por eles, conjugaram-se aos esforços do Ministério da Aeronáutica nas ações de desenvolvimento da aviação na região, integração e assistência, posto que o Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik assim resume as suas funções como militar aero-navegante:

*(...) As situações críticas eles chamavam o avião, em caso de urgência, nós íamos com bastante agilidade porque nós levávamos os mantimentos, levávamos as correspondências, no Correio Aéreo Nacional na Amazônia e levávamos também o pessoal que queria viajar, tanto o pessoal que era do Exército, como o pessoal do governo do Estado, das missões religiosas e a população ribeirinha que nós atendíamos também levando e transportando essa gente dávamos um importante atendimento, vamos dizer assim, para manter a Amazônia coesa e vigiada pela nossa Força Aérea.*<sup>285</sup>

Posto isso, verificamos como o serviço de aviação para uma atividade “civil” também foi constituinte do universo dos catalineiros e das próprias funções militares, pois como afirma o suboficial Ferdinando Duarte Ogorodnik, isso contribuiu para a coesão e vigilância da Amazônia pela Força Aérea. Além desses contatos entre religiosos e residentes locais, houve numerosos contatos com indígenas, no qual parte significativa mantinha relações com as Forças Armadas e outros grupos e/ou setores sociais que poderiam ser intermediados pela Força Aérea e FUNAI.

O suboficial Davi Santana da Silva ao recordar o momento em que o avião atolou na pista de decolagem, conta-nos como o contato e desconhecimento da língua daquela tribo se juntaram àquela situação e como ocorreu o entendimento entre militares e indígenas.

*Uma vez nós atolamos numa tribo indígena e nós não falávamos a língua deles e tínhamos que nos comunicar por gestos pra tirar o avião do atoleiro. Isso aí me marcou muito, logo no início de minha carreira em Belém. Eles tinham uma*

<sup>285</sup> Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. Op. Cit.

*língua própria que não entendia. Depois eu comecei a gravar o vocabulário deles lá. A gente queria fazer força e não sabíamos como extrair deles essa força. Aí eu vi eles falando “aité, aité”. E na língua deles “aité” quer dizer “força” e conseguimos sair. Isso em... 1972 por aí.<sup>286</sup>*

Na imagem que segue, observamos o contato entre os membros das Forças Armadas com diversas tribos indígenas que mantinham uma relação de ajuda mútua e de grande receptividade.



Imagem 25: Douglas C-47 desembarcando equipamentos em aldeia indígena. Década de 1960. Neste registro fotográfico observamos a atuação conjunta entre membros da Força Aérea, indígenas e alguns civis que compunham muitas dessas viagens. Acervo pessoal.

Neste capítulo tratamos de apresentar sucintamente a história da Aeronáutica no Brasil, sua presença e atuação na Amazônia. Observamos como concepções desse território foi compreendido tanto pelas balizas militares quanto governamentais (área de fronteira e com potencial de desenvolvimento). Destacamos ainda os Catalineiros, grupo de aero-navegadores que com a singularidade amazônica puderam participar de diferentes ações da FAB e construir uma memória própria sobre a Amazônia e a Força Aérea Brasileira.

No capítulo seguinte olharemos mais detalhadamente essa participação e inserção desses sujeitos como militar de carreira da Aeronáutica no Regime Militar. Tratar-se-á de uma busca e entendimento das vivências cotidianas rememoradas por eles que se erigiram ao longo dos anos de serviço e pós-entrada na Reserva e fim do regime de exceção.

<sup>286</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

### CAPÍTULO III: MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DE UM MUNDO MILITAR.

*(...) a vida cotidiana não está 'fora' da história, mas no 'centro' do acontecer histórico (...).*

*Agnes Heller. (O Cotidiano e a História. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 20).*

#### 3.1. Militares e seu Cotidiano: Primeiras Questões.

Neste terceiro capítulo nos propomos a discutir as formas como determinados militares vivenciaram a experiência de ser membro das forças armadas no período em que os militares estiveram na direção executiva do país. A partir de documentação oriunda de fontes impressas como jornais locais de Belém, periódicos de circulação nacional, documentação interna de instituições e da memória de militares e seus familiares, traçamos um entendimento deste momento circunscrito às reminiscências e impressões (do momento ou mesmo posteriores) dos sujeitos contatados.

Falar sobre o Regime Militar e suas diversas temáticas tornou-se mais significativo nestes últimos anos. Isto se dá por diversos motivos: abertura da documentação das Forças Armadas;<sup>287</sup> novas abordagens historiográficas. E falar especificamente dos militares ainda é difícil, e deles no período da ditadura, torna-se uma árdua tarefa. Muitos militares preferem o silêncio sobre aquele período. Outros falam deste momento, principalmente àqueles que desempenharam importante papel na estrutura do Regime Militar, como é o caso do General do Exército Jarbas Passarinho, que foi governador do Estado em 1964 e posteriormente Ministro do Trabalho e Previdência Social (1967-1969) e Ministro da Educação (1969-1974).

Na década de 1970-1990 predominantemente houve uma produção consistente acerca do momento presente brasileiro e dos próprios militares, embora ainda tenhamos estudos posteriores, mesmo que pautados na avaliação e perspectivas da transição da ditadura para a democracia.<sup>288</sup> No decorrer das décadas seguintes houve um distanciamento destes

<sup>287</sup> Exemplo disto é o Projeto Memórias Reveladas. Disponível em: [www.memoriasreveladas.gov.br](http://www.memoriasreveladas.gov.br) e os documentos da Aeronáutica doados ao Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).

<sup>288</sup> Sobre os estudos das décadas de 1960-1990 Cf. Nota de Rodapé 216. Citamos também alguns estudos posteriores que tratam tanto do período de redemocratização quanto de outras abordagens sobre o Regime Militar: FAUSTO, Boris. "O Regime Militar e a Transição para a Democracia (1964-1984)". In: *História Concisa do Brasil*. 2ª Edição. 2ª Reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 257-310. MAFFESOLI, Michel. A



assuntos, a partir do momento em que, segundo os autores Maria Celina D'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, houve uma opção pelo estudo da consolidação da democracia e a retirada política dos militares.<sup>289</sup>

Nesse mesmo estudo os autores apontam como os militares ligados ao poder executivo recordam sua participação no Governo Militar. Com isto verificamos as muitas facetas que a instituição militar através de seus membros assumiu no transcorrer dos tempos. Se numa perspectiva mais abrangente o Exército obteve um maior destaque, na Região Amazônica, a Aeronáutica desempenhou um importante papel. Segundo o depoimento do Suboficial da Reserva Ferdinando Duarte Ogorodnik, a atuação da Força Aérea foi importante à medida que desempenhava inúmeras funções na região:

*(...) nós íamos com bastante agilidade porque nós levávamos os mantimentos, as correspondências, no Correio Aéreo Nacional na Amazônia e levávamos também o pessoal que queria viajar, tanto o pessoal que era do Exército, do governo do Estado, das missões religiosas e a população ribeirinha que nós atendíamos, levando e transportando essa gente dávamos um importante atendimento, vamos dizer assim, para manter a Amazônia coesa e vigiada pela nossa Força Aérea.*<sup>290</sup>

Este depoimento nos possibilita o entendimento das muitas atividades desenvolvidas pelas Forças Armadas. O Sargento Bitencourt afirmou em entrevista que a finalidade das Forças Armadas é a manutenção e preservação dos três poderes constitucionais, de modo que toda a nação continue em ordem e que a sociedade possa “continuar com sua vida em paz”.<sup>291</sup> Observa-se que estamos regidos pela Constituição de 1988, posterior ao Regime. Entretanto os artigos que tratam dos desígnios das Forças Armadas, em sua maioria, foram mantidos da constituição anterior (1967) e suas emendas.<sup>292</sup>

A partir do olhar debruçado no cotidiano busca-se observar as experiências de um militar e/ou do ambiente militar compartilhado<sup>293</sup> e assim outras formas de inserção deles no Regime Militar ou como esses militares encaram e refletem sobre sua vida neste período

---

*Violência Totalitária*. Porto Alegre: Sulina, 2001. NUNZIO, Mario di. *A Democracia Americana e a Tradição Autoritária do Ocidente*. São Paulo: Nórdica, 1992. STEPAN, Alfred. *Os Militares: Da Abertura à Nova República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>289</sup>D'ARAUJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso. (Organizadores). “Introdução”. In: Op. Cit., p. 07.

<sup>290</sup>Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. *Entrevista*. Belém-PA, segunda-feira, 11 de outubro de 2010.

<sup>291</sup>Sargento Luís Alberto Santiago Bittencourt. *Entrevista*. Belém-PA, domingo, 06 de fevereiro de 2011.

<sup>292</sup>Cf. DANTAS, Romeu Teixeira. (Organizador). *Coletânea de Legislação da PMPA*. Belém: CEJUP, 1997.

<sup>293</sup>Entende-se como ambiente militar compartilhado o momento em que pessoas que não eram militares estavam inseridas no meio militar, seja por laços de parentesco (esposa, filhos) ou por trabalho (civis que desempenhavam suas atividades no quartel), ou mesmo em situações solenes (posse de um cargo, formatura, promoções, desfiles, festejos militares e /ou civis).



específico. Ressalta-se que embora seja clara a forma como pensamos em prosseguir esse estudo, José Machado Pais<sup>294</sup> tem a seguinte consideração acerca do cotidiano como fio condutor do conhecimento social:

*A vida quotidiana não se constituiu num objeto unificado por qualquer sistema conceitual e teórico coerente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitudes e discursos. Por outro lado, o quotidiano é um lugar privilegiado da análise (...) na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam..*<sup>295</sup>

Percebe-se então, que dadas as particularidades e complexidades existentes numa análise do cotidiano, há que se ter claro tais limites e perigos, assim como de sua recompensa no final do estudo. Porém não se podem desconsiderar os caminhos dessa investigação.

A percepção de atividades do dia-a-dia remeteu-nos a optar pela História de Vida destes indivíduos, quando das entrevistas. Segundo Verena Alberti,<sup>296</sup> a História Oral deixou de ser vista como produção do entrevistado, ou mesmo do entrevistador (historiador). Tornou-se um veículo de transmissão da experiência coletiva, uma visão de mundo de uma dada configuração histórica,<sup>297</sup> entendendo como as pessoas e grupos experimentam o passado e assim questionar as formas de compreensão do mesmo.<sup>298</sup> Com isso, ampliam-se as possibilidades de interpretação dos pontos de vistas dos interlocutores, com as pessoas a quem entrevistamos e entre quem entrevistamos,<sup>299</sup> posto que: (...) histórias de vida, além do mais, relaciona-se a memória com as mudanças vividas, já que as vivências do passado e do presente se entremesclam com o desenvolvimento do tempo presente no espaço interior de cada personalidade”.<sup>300</sup>

Como é sabido, os militares entrevistados estabeleceram uma carreira de três décadas dentro da Força Aérea. E nestes 30 anos ocorreram diversos acontecimentos tanto de ordem pessoal como de profissional da Aeronáutica que influenciam diretamente suas ações.

<sup>294</sup> PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações*. São Paulo: Cortez, 2003. Observa-se que a presente edição brasileira mantém a linguagem portuguesa, portanto no decorrer das citações adotar-se-á a escrita portuguesa do autor “quotidiano” que é distinta da brasileira “cotidiano”, assim como outros termos.

<sup>295</sup> Idem, p. 72.

<sup>296</sup> ALBERTI, Verena. “Fontes Oraís. Histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Organizadora). *Fontes Históricas*. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>297</sup> Idem, p. 163.

<sup>298</sup> Idem, p. 165.

<sup>299</sup> VILANOVA, Mercedes. “A História Presente e a História Oral: Relações, Balanço e Perspectiva”. In: *PÁGINAS DE HISTÓRIA*. Belém: Departamento de História da UFPA, 1998, p. 05. Volume II. Número 02.

<sup>300</sup> Idem, p. 07.

Deste modo, o Sargento Bittencourt faz o seguinte comentário sobre sua trajetória dentro da Aeronáutica:

*(...) A minha experiência na Aeronáutica em principio seria só em cumprir com o serviço militar obrigatório, né? Aquele que a gente tirava só um ano e depois... Mas houve a possibilidade eu realizar o curso de formação de cabo. (...) Depois continuei, continuei e fui embora. E no final eu concluí 32 anos de serviço dentro da Força Aérea. E teve muitas experiências nesse período. Não foram 32 dias, 32 horas. Foram 32 anos! (...).*<sup>301</sup>

Astor Antônio Diehl,<sup>302</sup> a respeito das novas categorias e metodologias existentes no estudo de acontecimentos recentes, destaca o da “experiência” no campo histórico. Esta categoria também ganhou um destaque enorme a partir de 1970, pois “na história, mundo da vida pode representar experiência humana (...)”.<sup>303</sup> Tal assertiva ressalta que a experiência é uma ação pessoal, enquanto que observação científica é natural e objetiva, portanto distintas. Astor Antônio Diehl atenta para este conceito, ou melhor, os conceitos, entre os quais sublinha:

*Como experiência compreendem-se situações vividas e representadas no mundo que nos rodeia, no qual nós fazemos dos outros a base quase natural das nossas expectativas, entendendo que cada indivíduo partilha e se assegura nesse movimento. (...) A experiência, entretanto, não é única realidade a qual vive o indivíduo. Ele também poderá, com o passar do tempo, aproximar-se de realidades como a religião, a ciência, a arte, o sonho, etc. (...).*<sup>304</sup>

Outra definição afirma que a experiência “(...) é o espaço de compreensão das normas sociais, da convivência coletiva e da formação de identificações e identidades (...) é o espaço da prática política.”.<sup>305</sup> Essas construções perpassam pela subjetividade o que não implica na falta de critérios ou ausência de um corpo analítico-crítico formado. E na História Oral, um dos objetivos da entrevista é “(...) fazer um registro ‘subjetivo’ de como um homem, ou uma mulher, olha para trás enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes (...)”.<sup>306</sup>

Por sua vez, o relato construído dessas vozes, vinda da História Oral, infligem questões que poderão ser repensadas e postas em debate novamente pelo historiador e os

<sup>301</sup> Sargento Luís Alberto Santiago Bittencourt. *Entrevista*. Belém-PA, domingo, 06 de fevereiro de 2011.

<sup>302</sup> DIEHL, Astor Antônio. “Considerações Finais: Limites e possibilidades da ‘nova’ cultura historiográfica”. In: *A Cultura Historiográfica Brasileira nos anos de 1980: Experiências e Horizontes*. 2ª Edição. Passo Fundo: UPE, 2004.

<sup>303</sup> Idem, p. 335.

<sup>304</sup> Idem, Ibidem.

<sup>305</sup> Idem, p. 335-336.

<sup>306</sup> THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 258.

interlocutores que vão além daquele que foram verbalizadas, no qual são expressas dúvidas sobre dúvidas, pois duas subjetividades imediatas se conjugam, tanto para esclarecer como para confundir as pistas.<sup>307</sup>

Muitos dos momentos de conversa com militares ao rememorem suas vidas atentaram ou repensaram determinados posicionamentos acerca do passado. Nas avaliações feitas desse passado o sentimento de gratidão à Força Aérea foi corrente, mesmo que algumas delas tenham sido dadas com ressalvas ou sofreram algumas críticas.

O Sargento Davi Santana da Silva atribui o ingresso na Aeronáutica e, por conseguinte, das normas militares o melhoramento pessoal, quando diz: “eu aprendi na Aeronáutica, por exemplo, o grande princípio de amor à pátria, civilidade propriamente dito”.<sup>308</sup> Destaca também oportunidade advindas com a Força Aérea que não seriam possíveis por outros modos, tais como viajar e conhecer novos lugares:

*Após a conclusão<sup>309</sup> você se forma. Pautado na sua colocação mediante as notas que você tira nas provas, você, então se forma num nível de colocação, porque são muitos alunos. E dependendo da tua colocação você é alocado em diversos estados do Brasil, onde haja a necessidade daquele seu serviço. (...) me coube dois: São Paulo e Belém. Mas eu preferi Belém por uma questão de ampliar mais meu conhecimento. Gostaria muito de conhecer o norte, essas coisas que a gente via nos estudos de História quando a gente era jovem, no curso primário, naquela época. (...) Então eu via tudo ali e me imaginava a conhecer. E quando apareceu a oportunidade de vir pra cá pro norte, não me arrependi e aqui estou até hoje, desde 1970.*

*(...) através da minha profissão (...) conheci lugares no Brasil que poucos terão a oportunidade de conhecer e muitos não conheceram.<sup>310</sup>*

A partir das atividades militares, como reitera o suboficial Davi Santana da Silva, há em seus documentos pessoais, diversas fotografias que o apresentam em diversos lugares na Amazônia e em contato com várias outras pessoas como indígenas, ribeirinhos.

<sup>307</sup> VOLDMAN, Daniele. “Definições e Usos”. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. Cit., p. 37.

<sup>308</sup> Suboficial David Santana da Silva. Op. Cit.

<sup>309</sup> Conclusão dos Cursos de Especialistas da Aeronáutica em Guaratinguetá, São Paulo.

<sup>310</sup> Suboficial David Santana da Silva. Op. Cit.



Imagem 26: Militar Davi Santana da Silva em missão. 1975. Neste registro pessoal observamos a presença de religiosos, indígenas e militares da FAB. Dentre os sujeitos agachados, o suboficial Davi S. da Silva é primeiro da esquerda para a direita.

Porém o Suboficial Emanuel Gama e Sargento José Rodrigues Canella destacam alguns aspectos negativos na vida militar como explicitam respectivamente:

*Eu vivia 'aquartelado'. Tinham vários tipos de militares. Militares de tropas, militar de esquadrão de voo. Era uma vida rançosa, num regime autoritário, além das injustiças no rancho. Mas o que tenho hoje foi parte proporcionada pela Força Aérea.*<sup>311</sup>

*Eu não gostava era das injustiças que ocorriam lá dentro. Gostava dos meus pares, mas às vezes isso acontecia.*<sup>312</sup>

Embora não unânime, o espírito de fraternidade e camaradagem são outros dois elementos latentes no ambiente militar, uma vez que a convivência dentro do quartel ou em missões exigia a convivência e pelo sentimento de unidade desenvolvido ao longo do serviço. Se quando entrevistados a corpo militar é identificado como uno, deve-se às atividades de interação correntes em vários momentos e que foram lembrados como as confraternizações, aniversários, reuniões (formais e informais) dos membros ou situações específicas de um grupamento.

O sentimento de união e solidariedade é explicado, dentre outros motivos, pelo fato de manterem um contato frequente e compartilharem as mesmas situações, como vemos nas palavras do sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik.

<sup>311</sup> Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama. Op. Cit.

<sup>312</sup> Sargento José Rodrigues Canella. Quanto às injustiças trataremos mais adiante.

*Com colegas de turma esse relacionamento era muito fraterno. (...) o tempo vai passando e a amizade vai se consolidando cada vez mais, por que amizade que a gente tem verdadeira do tempo de estudante da escola. A gente vai, as vivências, a vida de aero navegante é uma vida cheia de riscos, cheia de perigos, provas e um sempre dando pro outro ajudando quando há necessidades. Um sempre tá defendendo o outro. Então, é sempre uma amizade muito bonita, satisfatória. Quanto aos oficiais, (...) alí dentro o aviões na dependência um do outro, um vai pilotando, outro vai cuidando da máquina, cuidando da telegrafia; todo mundo tem função a bordo formando naquela equipe um ambiente muito fraterno, embora eles como oficiais mantenham a posição deles de oficiais e nós de subalternos.*<sup>313</sup>

Nota-se, entretanto o distanciamento existente entre os membros, a partir da hierarquia – um dos pilares das Forças Armadas – que procura manter a organização e cumprimento de deveres acima de outras questões que pudessem interferir no cumprimento das atividades, diferenciando os pares (membros da Força Aérea com mesma patente) dos oficiais (membros da Força Aérea com patente mais alta).

Gratidão, camaradagem e fraternidade reforçam sua ligação com a Aeronáutica sendo um representante e membro dela, nos quais afirmam manter muitas de suas atitudes atualmente, mesmo estando na reserva.

Nesse sentido, quando nos deparamos com as entrevistas dos indivíduos citados é importante ter ciência de que ao rememorem o tempo em que estes se encontravam no Regime Militar, esta lembrança passa por inúmeras interferências, seja a do tempo que transcorreu, ou das experiências que foram somadas a sua vida, além dos significados da sua própria vivência que foram construídos e reconstruídos e que terão um novo aspecto ao serem abordadas a partir dos objetivos da pesquisa atual.

Em se tratando especificamente em torno da memória sobre o Regime Militar, Daniel Aarão Reis<sup>314</sup> afirma que a mesma é movediça ao discutir a construção dessa memória na sociedade brasileira. Sustenta que ela é solerte, portanto, que as apreensões obtidas no período foram modificadas com os anos subsequentes, quando muitas apreensões tomaram o lugar daquela do momento presente. Nisso o que é falado sobre o regime militar e seus constituintes (contexto, economia, sujeitos) tem matizes, concepções dadas que ora são questionadas, alijadas ou confirmadas por seus participantes. Impõe-se com isso, por vezes, uma única versão às mesmas, restringindo e desconsiderando as artimanhas da memória,

<sup>313</sup> Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. Op. Cit.

<sup>314</sup> REIS, Daniel Aarão. Op. Cit.

posto que ela “(...) de modo solerte, ou inconsciente, desliza, se faz e refaz em virtudes de novas interpretações, ou inquietações e vivências, novos achados e ângulos de abordagem”.<sup>315</sup>

Memória é autônoma, mas não dissociadas, pois ela...

*(...) só ganha sentido quando referido aos grupos sociais restritos ou amplos que compartilharam experiências comuns, que vivenciaram a mesma atmosfera de outrora, que guardam pontos de contato da mesma memória (...). Assim, cada memória pessoal é uma perspectiva da memória coletiva. Tal apreensão diz respeito ao lugar social do qual se fala – um ponto que varia, segundo a multiplicidade de relações com os inúmeros grupos sociais que compõem o mosaico de uma vida.*<sup>316</sup>

Isso não implica na mudança de opinião quanto a importância da instauração de um governo em 1964 ou às decisões tomadas posteriormente, mas a consideração das diversas possibilidades existentes naquele momento e o porque se optou por uma.

Observa-se que nas experiências pessoais, as lembranças manifestadas, por exemplo, nas marcações cronológicas são diferentes: o historiador marca o ano de 1964 como o ano do Golpe Militar, mas nas entrevistas momentos marcantes não estavam ligados a esta data. O Regime Militar só vinha a ser discutido a partir de uma pergunta ou de um assunto anterior que levou a falar dele. É o caso do Sargento Reformado da Aeronáutica Jarnélio Gomes Vital que em 1966 em decorrência da “Revolução de 1964” – termos dele – teve um aumento salarial de 21.000 para 40.000 cruzeiros, pois uma das medidas implantada foi o aumento do soldo.<sup>317</sup>

Marina Maluf pondera que o ato de rememoração é uma ação complicada, balizada pela intervenção e organização, pois ela sublinha:

*O trabalho de rememoração é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas. E é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar (...).*<sup>318</sup>

Diante disto entendemos inicialmente que as lembranças estão “depositadas” na mente e quando passamos a buscá-la é que nós a organizamos. Para localizá-las necessitamos de certa associação lógica. E este arranjo será o sentido atribuído pelas experiências, sentimentos, convicções e pelo tempo que mudou certas apreensões sobre o período vivido. Com isto a memória fica mais dependente do hoje, do que propriamente do passado, uma vez

<sup>315</sup> MALUF, Marina. Op. Cit., p. 29.

<sup>316</sup> Idem, p. 40.

<sup>317</sup> Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital. Op. Cit.

<sup>318</sup> MALUF, Marina. Op. Cit., p. 29.

que as questões que farão certos momentos pretéritos virem à tona é justamente as do tempo atual.

Em sua autobiografia, Benedicto Monteiro<sup>319</sup> passa a analisar a sua vida tendo como marco o ano de 1964 por tratar-se de uma grande mudança que ocorrera em sua vida: prisão, cassação, perseguição política. Ele relata em seu livro alguns momentos do golpe, porém observamos que se trata predominantemente de uma visão e narração de fatos ocorridos pós 1964, centrando mais a como foram sucedidos os processos, embora ele descreva como ocorreu a sua fuga de Belém no momento da implantação do golpe. Ressalta-se que esta compreensão de 1964 de “divisor de águas” fora imbuída nas concepções obtidas com o passar dos anos, configuradas com o pleno conhecimento dos fatos estando eles já concluídos, passando então a ser feita esta avaliação predominantemente no momento da escrita do livro (1993) e não na ocasião dos fatos em curso (1964).

Possibilidade esta que Marina Maluf avalia que o “dono” das lembranças acaba recortando, ordenando e editando certas imagens, idéias de acordo com o presente, inclusas as situações – contexto – mais específicas e, de alguma maneira, limitadores, uma vez que pressupõe que para qualquer indivíduo que relate uma história, o mesmo é o personagem principal, a qual impossibilita uma depreciação de todas as suas atividades, pois a

*Reconstrução do passado, relembração se serve de inúmeros pontos de referência, de campos de significados, porque o fundamento da recordação é dado por um “sentimento de realidade” que se origina em contingências existenciais, pois está subordinado ao tempo e ao espaço, imbricado na ordem dos acontecimentos físicos e sociais, em estreita relação com a família, com os grupos sociais, com a comunidade de convívio, com um universo, enfim, de pessoas, de coisas e imagens que são reconhecidos pelo homem em sociedade.”<sup>320</sup>*

Quando estas memórias quando postas em contato, apresentam tensões, contradições, distinções que muitas vezes levam a um debate acerca de qual é verdadeira. O principal fato é que elas são pontos de referência diante de um quadro maior que é a própria memória social que justamente estabelece os locais de intercessão entre uma perspectiva e outra.

Os relatos dos interlocutores demonstram como um período é vivido de diferentes formas, e com significados distintos, além de poderem se basear em parâmetros que não

<sup>319</sup> MONTEIRO, Benedicto. *Transtempo*. Belém: CEJUP, 1993.

<sup>320</sup> MALUF, Marina. Op. Cit., p. 30-31.

correspondam necessariamente aos nossos, como na temporalidade e ano de 1964, discutido a pouco.

Nas entrevistas, os militares ao rememorarem suas experiências passadas se deparavam com uma nova forma de lembrar, baseada numa perspectiva de fora, alguém que faz uma pergunta. Geralmente iniciava com o pedido de que falasse – maneira livre, sem um assunto específico – sobre sua experiência na Aeronáutica. Desse momento foram falados momentos marcantes, a lembrança de uma vida, por vezes enfatizada, já que passaram três décadas servindo a Força Aérea Brasileira. Da possibilidade de um relato mais amplo – experiência na Aeronáutica – as perguntas foram pensadas e apresentadas a partir de um conhecimento mínimo da trajetória de vida destes e como elas se relacionavam à história da instituição à qual eram membros.

Durante as entrevistas ao perguntarem-me sobre objetivos, motivos de minha escolha pelos militares, havia a enaltecimento da necessidade de se conhecer a história dos militares, posto que pouco de sabe das experiências e “causos” por que passaram os militares, ainda mais no período estudado.<sup>321</sup>

Marina Maluf enfatiza a grande e importante relação entre a memória pessoal e a coletiva, no qual existe uma reciprocidade entre elas. Isso acarreta na intervenção de uma em relação à outra, além de sua própria “validade”, pois elas se constituem de fatos que infundem formas a elas à medida que o depoimento mesmo sendo pessoal deve ser referendado em um dado comum, geral, como sublinha a autora:

*(...) a memória pessoal só ganha sentido quando referido aos grupos sociais restritos ou amplos que compartilharam experiências comuns, que vivenciaram a mesma atmosfera de outrora, que guardam pontos de contato da mesma memória (...) Assim, cada memória pessoal é uma perspectiva da memória coletiva. Tal apreensão diz respeito ao lugar social do qual se fala – um ponto que varia, segundo a multiplicidade de relações com os inúmeros grupos sociais que compõem o mosaico de uma vida”.*<sup>322</sup>

Diante disto, observamos uma confecção entre os fatos gerais e a particularidade individual presente nos vários agentes e suas respectivas origens, que possibilitam apreensões distintas entre estes sujeitos que se encontram quanto requeridas sobre um determinado dado e

---

<sup>321</sup> Observações feitas pelos suboficiais Davi Santana da Silva, Alfredo Oliveira, Emanuel Gama e Sargento Bittencourt.

<sup>322</sup> Idem, p. 40.



as suas repercussões diante da sociedade de que é oriunda e mais especificamente do ambiente cotidiano: militar.

### 3.2. Reflexões sobre o Cotidiano.

O cotidiano, em suas distintas, matrizes discursivas apontam pra uma ampla esfera de estudo e intrincados modos de ser executados e/ou percebidos. Figura sobre um cenário de costumes tradicionais ou modernos, cultura, percepção social, atuação das classes populares, elites, interações sociais e tantas outras formas de pensar as relações humanas. Por se deter numa perspectiva de ação do dia-a-dia, portanto de todos os dias, a realidade que nos é familiar e os momentos extraordinários, mergulhamos numa complexa zona de questionamentos e procura de respostas, no qual ambas se fazem e refazem.<sup>323</sup>

O cotidiano vislumbrado por esta pesquisa aponta para compreensão do cotidiano que se manifesta para além da política, da economia, que é compreendido como um dos aspectos constituintes das atividades diárias. E os aspectos da sociedade relativos ao trabalho, lazeres, também se somam às primeiras, cujas realidades e instâncias são vivenciadas e adquirem um sentido, um significado no dia-a-dia de formas variadas.

Assim, uma compreensão e uma conceituação do cotidiano tornam-se difíceis à medida que delimitá-lo e expô-lo pressupõe sua a clara demarcação. Demarcação que implica numa posterior separação entre um e outro aspecto estudado, naquele que pertenceria e não pertenceria ao cotidiano. Posto isto, numa conceituação inicial o cotidiano corresponde a ações realizadas dia-a-dia. Nesse sentido, uma idéia mais simples sobre o cotidiano seria tudo que é normal, habitual; o que abrange uma infinidade de situações corriqueiras acarretando num intrincado estudo.

Posto isto, José Machado Pais afirma:

*O quotidiano (...) é o que se passa todos os dias: no quotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o quotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar.*<sup>324</sup>

Ao pensar no cotidiano e sua conceituação, mostra-se um exercício reflexivo complexo. Porém ao se trabalhar diretamente com memória do cotidiano de indivíduos cuja grande parte dela esteve na realização de um mesmo serviço, por exemplo, sua análise torna-

<sup>323</sup> PAIS, José Machado. Op. Cit., p. 16. Uma interessante análise sobre essa multiplicidade do cotidiano pode ser observada na introdução desta obra (p. 11-21).

<sup>324</sup> Idem, p. 28.

se mais fácil. Quando investigamos a realidade amazônica existente para os militares da Aeronáutica na década de 1960-1980, suas memórias a respeito de sua vida dentro da caserna causara surpresa tanto para pesquisador quanto para entrevistados, pois se lidou com situações que diz respeito diretamente a quem eles foram, são; fizeram e fazem.

Nos primeiros contatos e penetração das memórias e, por conseguinte, da vida desses indivíduos requeriu um melhor entendimento do que seria esse cotidiano. Como primeiro passo, atentamos que a estruturação da vida cotidiana segundo José Machado Pais se dá na percepção do “nada de novo” <sup>325</sup> a partir das formas de condutas com os marcos “rotina” e “ruptura”. <sup>326</sup> Em outras palavras o quê se mantém e o que muda; quais as situações que se mantiveram após um determinado evento, assim como suas diversas relações (significados, consequências, perspectivas, avaliações, etc.) oriundas desta.

Os militares entrevistados a partir da inserção deles no ambiente militar falaram desse tempo de rotinização, no qual se acostumavam com o ambiente militar e deles faziam parte. Com o decorrer dos anos não somente estavam mais imersos na rotina militar como as reproduziam, considerando suas funções dentro da Força Aérea, como sublinha o Sargento Jarnélio Vital a respeito dos mais jovens: “Eu gostava de tá lá com o pessoal iniciante. Era responsável por doutrinar os mais jovens”. <sup>327</sup>

Estudar o cotidiano cuja base de percepção (imobilidade e mudança) sugerem a averiguação de atividades simples, comuns, que a princípio, não têm importância no momento de sua realização ou mesmo posteriormente. O cotidiano revela-se, entretanto num emaranhado de situações, motivações e percepções humanas. Filtrar esse cotidiano numa pesquisa histórica e no presente estudo cercou-se de estabelecer as bases de avaliação e análise de feitos, de modos com os quais podemos entendê-lo.

Ao falarem de suas vidas e do serviço militar, os militares enveredavam por assuntos que dizia respeito às questões pessoais, relacionamento com a família, dúvidas e incertezas diante das atividades exercidas, como os catalineiros que ao estarem em lugares que tinham condições de voo ou pistas adequadas para aterrissagem contavam com a sorte e com a ajuda de Deus, sua participação em projetos e momentos políticos, sociais importantes como Projeto Rondon, Guerrilha do Araguaia e as atividades de proteção, vigilância do território.

---

<sup>325</sup> Idem, Ibidem.

<sup>326</sup> Idem, p. 29.

<sup>327</sup> Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital. Op. Cit.

O próprio autor José Machado Pais que o entendimento do cotidiano como “rotina” ou “monotonia” deve ser apenas para o seu início. O cotidiano a partir de uma reflexão teórico-metodológica de qualquer estudo (sociológico, antropológico, histórico) implica numa consideração aos inúmeros condicionantes individuais, pois Michel de Certeau perpassa pela individualização das normas e acontecimentos da sociedade.<sup>328</sup>

Segundo Agnes Heller a organização da vida cotidiana dá-se em dois aspectos principais: a heterogeneidade e a ordem hierárquica. Esta heterogeneidade é compreendida como os campos de atuações do indivíduo e/ou do grupo social na vida cotidiana, que vem a ser a materialização deste cotidiano como o trabalho; a vida privada; os lazeres e o descanso; a comunicação social.<sup>329</sup> O segundo aspecto, a hierarquia, é importante uma vez que as esferas heterogêneas se mantêm em movimento simultâneo, explicado se atentarmos que nós realizamos várias atividades ao mesmo tempo e de modo geral não as percebemos, pois elas são comuns, acarretando no “privilégio” de umas funções do dia-a-dia em detrimento de outras, onde nos preparamos e mantemos a estabilidade de todos os nossos afazeres, imprimindo regras a nós mesmos limitando e interagindo estas mesmas tarefas.<sup>330</sup>

A relação cotidiana desses sujeitos com a comunidade, a família, a escola, e outros grupos menores para então ser história da humanidade, uma vez que pressupõe uma atuação deste em âmbito maior nas esferas de relações da sociedade, pois o movimento dessa sociedade terá um resultante: História.<sup>331</sup>

Na investigação de uma dada realidade pelo viés do cotidiano, sendo este o foco capital, José Machado Pais afirma que nos depararemos com dois pilares e problemas primordiais: temporalidade e fontes. Tal dificuldade surge, pois

<sup>328</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. 10ª Edição. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 58.

<sup>329</sup> HELLER, Agnes. Op. Cit., pp. 18. A heterogeneidade é primordial devido a uma demonstração de uma normalidade, uma vez que no nosso cotidiano realizamos várias ações de maneira “natural”, na qual não a submetemos a uma avaliação ou disponibilizamos tanta atenção a este mesmo processo, seja em plena realização deste ou não, fazendo com que este cotidiano não tenha “passado” por um ato analítico-crítico propriamente dito. Esta não aplicação de análise é justificada por ser ela mesma coloquial, e a atenção dispensada a ela resultaria numa não execução da mesma, pois tais atos são acontecimentos corriqueiros na nossa vida.

<sup>330</sup> Tarefas, afazeres podem ser considerados todos os compromissos, ações e atos humanos realizados por ele, desde os mais corriqueiros como, por exemplo, se alimentar, falar; até os mais importantes como entrevista para um emprego, casamento (que ocorrem em momentos específicos). E lidar com isto requer uma organização, consciente ou não, baseada na “manipulação das coisas” que é assimilação das relações sociais oriundas dos grupos que convivemos. Estas manipulações ou assimilações das coisas são as relações sociais que estabelecemos na qual promovemos mediações entre os indivíduos e as normas sociais manifestadas por exemplo: indivíduo e costumes; normas e ética (sejam estes dos outros indivíduos, grupos, mesmos que eles não sejam especificados), tradições e convicções pessoais, que resultam no nosso comportamento na sociedade, assim como a nossa aceitação pela mesma.

<sup>331</sup> HELLER, Agnes. Op. Cit., pp. 19.

*(...) a temporalidade do cotidiano não se reduz a uma temporalidade cíclica, repetitiva, vivida exclusivamente no presente; há lugar para uma história da vida cotidiana que, naturalmente, não deve ser encarada como uma história de tudo aquilo que se gera de uma forma repetitiva, banal, efêmera, fugaz. Em segundo lugar (...), vemo-nos a braços com a dificuldade de localizar fontes precisas que documentem essa vivência social tida como marginal que é a vida cotidiana..*<sup>332</sup>

Conjuntamente com essa – e em determinados momentos conflitantes – ocorrem outras temporalidades, que são estabelecidas por diferentes matizes e que podem gerar complicações. É o caso de temporalidade do Regime Militar brasileiro pensada por Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis (1964-1985) a partir do exercício da Presidência da República por militares oficiais generais. Esta se subdivide em três períodos de acordo com a possibilidade/existência do espaço para competição política e o exercício das liberdades públicas e individuais,<sup>333</sup> ficando assim compreendido: 1) 1964-1968 que vai do AI-01 ao AI-05; 2) 1969-1974 compreendendo o período que vai do AI-05 ao início da abertura, sendo “(...) por excelência, o tempo da tortura, dos alegados desaparecimentos e das supostas mortes acidentais em tentativas de fuga. É também para a classe média, o tempo de melhorar de vida. (...)”,<sup>334</sup> evidenciando as diversas realidades existentes no país neste período; 3) 1974-1984/1985 que se caracteriza pela longa transição rumo ao governo civil.<sup>335</sup>

Tal cronologia se adéqua à realidade paraense quando as ações governamentais, a partir do segundo período (1969-1974), são mais intensas decorrentes dos projetos de imigração e de integração dos Grandes Projetos. Quando conversávamos sobre os projetos, o suboficial se remete à Guerrilha do Araguaia e como estava inserido naquela situação e as formas de manutenção do território amazônico desenvolvido pela FAB.

*Minha participação na Guerrilha [do Araguaia] era somente de transporte. Transportávamos os materiais que o Exército usava, os soldados e muitos corpos. Muitos soldados morreram lá. O mais próximo que chegamos da Guerrilha foi quando o avião atolou e não pudemos decolar e tivemos que passar a noite lá. De noite a gente só escutava o barulho dos tiros. Quem consegue dormir assim? E a gente tava preocupado que conseguirem chegar ao avião e eu só tinha uma arma. Aquela ali<sup>336</sup>. Se conseguissem, acabou... No dia seguinte conseguimos tirar o avião e decolamos.*<sup>337</sup>

<sup>332</sup> Idem, p. 147.

<sup>333</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. Op. Cit, p. 328.

<sup>334</sup> Idem, p. 332.

<sup>335</sup> Idem, p. 335.

<sup>336</sup> Nesse momento o Suboficial indicou uma arma antiga que estava sobre uma mesa. Essa nossa conversa foi no seu acervo. Cf. Imagem 5, p. 38.

<sup>337</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. *Entrevista*. Ananindeua-PA, sexta-feira, 11 de novembro de 2011.

Quanto às atividades de patrulha e manutenção do território, realizadas quinzenalmente em algumas localidades de fronteira do Brasil com outros países, o militar Alfredo cita uma missão efetuada na área fronteira do Brasil, Guianas e Venezuela e as localidades de Normandia e Surumu em 1978.

*Nós realizávamos missões só pra marcar território. Era só pra isso, marcar território. Nisso de integração, os aviões tinham que tá presente para mostrar que aquele território era nosso. Voamos de Boa Vista para Bonfim, Normandia, Surumu, Marco BV-8, Tepequem, Maloca da Raposa, Maracanã (Roraima), Uiramutã, Oriundique, Puxa-faca, Campo Grande, e depois fizemos o caminho de volta à Boa Vista. Ficávamos lá poucos minutos.*<sup>338</sup>

A seguir observamos a caderneta do militar no qual fez o registro dessa missão e notemos que o tempo de estadia em cada localidade é diminuto. Segundo o suboficial eles passavam numa noite inteira fazendo esse percurso, ou mesmo 24 horas, considerando o tempo de descanso.

MES

JANEIRO

DE 1978

48

| Data    | Função a bordo | Plano, nome e função dos outros tripulantes | Tipo e número da aeronave | Altitude máxima | Número de circuitos | Tempo de voo          |          |        | CBS                    |
|---------|----------------|---------------------------------------------|---------------------------|-----------------|---------------------|-----------------------|----------|--------|------------------------|
|         |                |                                             |                           |                 |                     | Diurno                | Nocturno | P.S.V. |                        |
| 03      | RT             | TCEL VALDO                                  | CY4 2095                  | VERD            | 1                   | 01:35                 |          |        | BE/472                 |
| 03      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 01:10                 |          |        | MZ/54                  |
| 03      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 02:10                 |          |        | SN/44                  |
| 03      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 01:15                 |          |        | AN/ALAU                |
| 03      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 01:10                 |          |        | ALAU/NOVO PARAIPO      |
| 03      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:50                 |          |        | NOVO PARAIPO/BV        |
| 04      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:35                 |          |        | BV/BONFIM              |
| 04      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:25                 |          |        | BONFIM/NO              |
| 04      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:40                 |          |        | NO/SU                  |
| 04      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:20                 |          |        | SU/MARCO BV-8          |
| 04      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:25                 |          |        | MARCO BV-8/TEPEQUEM    |
| 04      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:45                 |          |        | TEPEQUEM/BV            |
| 05      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:40                 |          |        | BV/MALOCA RAPOSA       |
| 05      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:25                 |          |        | MALOCA RAPOSA/MARACANÃ |
| 05      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:15                 |          |        | MARACANÃ/UIRAMUTÃ      |
| 05      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:10                 |          |        | UIRAMUTÃ/ORIUNDIQUE    |
| 05      | "              | "                                           | "                         | "               | 1                   | 00:20                 |          |        | ORIUNDIQUE/PUXA-FACA   |
| SOMA 13 |                |                                             |                           | HS. 10          | MS.                 | GRANDE TOTAL HS. 3241 |          |        | MS. 40                 |

Imagem 27: Registro de Voo do Suboficial Alfredo (Folha 48). Janeiro de 1978. Acervo Pessoal. Da esquerda para direita foram notadas a data do voo; a função a bordo, no caso do suboficial a de Radiotelegrafista (RT); Tipo de número da Aeronave; números de pousos; hora e na última coluna as localidades a que se destinavam e partiam.

<sup>338</sup> Idem.

| MES <u>JANEIRO</u> DE <u>1978</u> |                |                                             |                           |                 |        |                       |                              |          |        | 49                         |
|-----------------------------------|----------------|---------------------------------------------|---------------------------|-----------------|--------|-----------------------|------------------------------|----------|--------|----------------------------|
| Data                              | Função a bordo | Plata, nome e função dos outros tripulantes | Tipo e número da aeronave | Altitude máxima | Mês    | Número de observações | Tempo de voo                 |          |        | OBS.                       |
|                                   |                |                                             |                           |                 |        |                       | Diurno                       | Nocturno | P.E.V. |                            |
| 05                                | AT             | TCCL 14100                                  | CY 2015                   | 4700            |        | 1                     | 00:20                        |          |        | PURA FACA/CAMPO GRANDE     |
| 05                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:55                        |          |        | CAMPO GRANDE/BV            |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 01:10                        |          |        | BV/CAMPO GRANDE            |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:45                        |          |        | CAMPO GRANDE/SETORE        |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:15                        |          |        | SETORE DO SOL/PURA FACA    |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:20                        |          |        | PURA FACA/REINQUILME       |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:10                        |          |        | REINQUILME/VIÇAMUTA        |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:15                        |          |        | VIÇAMUTA/MAECARÁ           |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:20                        |          |        | MAECARÁ/MAECARÁ GRANDE     |
| 06                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:30                        |          |        | MAECARÁ GRANDE/BV          |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 01:05                        |          |        | BV/PURA FACA               |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:20                        |          |        | PURA FACA/SETORE DO SOL    |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:15                        |          |        | SETORE DO SOL/CAMPO GRANDE |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:50                        |          |        | CAMPO GRANDE/BV            |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 02:40                        |          |        | BV/MN                      |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 02:15                        |          |        | MN/DB                      |
| 07                                | "              | "                                           | "                         | "               |        | 1                     | 00:25                        |          |        | DB/SN                      |
| SOMA 12                           |                |                                             |                           |                 | HS. 20 | MS.                   | GRANDE TOTAL HS. 3254 MS. 00 |          |        |                            |

Imagem 28: Registro de Voo do Suboficial Alfredo (Folha 49). Janeiro de 1978. Acervo Pessoal. Nesta folha temos a continuação dos registros de patrulha contendo o mesmo tipo de informação citadas na imagem anterior, assim como sua disposição.

O sargento Bittencourt ao analisar o período em que os militares estiveram no poder, afirma esse desenvolvimento e direcionamento das ações repressivas do governo, nos quais não eram destinados a todos os indivíduos, como vemos a seguir:

*“Historicamente, desde essa época, grandes cidades cresceram, se desenvolveram, por que teve participação [militar] mesmo num regime considerado por muitos, ditatorial. Eu vejo assim: poderia ser ditadura, mas pra quem queria impedir o progresso, opinião minha”.*<sup>339</sup>

Nisto observa-se a ocorrência de medidas nacionais que refletem diretamente no cotidiano local. Contudo, as marcações cronológicas são apenas um dos questionamentos que fazemos à medida que os militares graduados dão outros marcos temporais, que se somam aos anteriores sem por isso perder relevância em suas vidas. Se na própria apreensão e vivência não perpassou pela tortura, desaparecimentos e forte cerceamento das atividades individuais, as mesmas não podem ser balizas temporais destes indivíduos.

Agnes Heller afirma que

*Não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, andologia, precedentes, juízo, ultrageneralização, mimese e entonação [contextualização; situações diferenciadas]. Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutas, mas têm de deixar ao indivíduo uma margem de movimentos e possibilidades de explicitação (...)*<sup>340</sup>

<sup>339</sup> Sargento Bittencourt. Op. Cit.

<sup>340</sup> HELLER, Agnes. Op. Cit. p. 37.

Uma vez que

*(...) a vida cotidiana não é alienada necessariamente, em consequência de sua estrutura, mas apenas em determinadas circunstâncias sociais. Em todas as épocas, existiram personalidades representativas que viveram numa cotidianidade não-alienada, e, dado que a estruturação científica da sociedade possibilita o final da alienação, essa possibilidade encontra-se aberta a qualquer ser humano.*<sup>341</sup>

Nestas palavras atentamos que a ação coloquial não está presa a uma ordem ou padrão, nem desarticulada, mas como norteadoras que vão influenciar ações ao invés de determiná-las. As ações neste sentido estão sujeitas a se configurarem como alienação ou processo político altamente consciente, variando, portanto, a base de avaliação e o seu avaliador. Consideremos também que as divisões feitas a seguir sobre a organização do cotidiano e suas esferas de atuação são meramente didáticas e pela possibilidade de uma apresentação mais fácil, que não esqueçamos que as mesmas são constitutivas de um todo, mantendo correlações indissociáveis em seu aspecto prático e vivencial.

Outro aspecto significativo no tocante ao estudo do cotidiano e importante elemento de análise neste trabalho se refere às ações ordinárias. Michel de Certeau<sup>342</sup> diz que as ações ordinárias, comuns são os pontos principais das experiências humanas, pois nestas que se estabelecem as relações entre os indivíduos, e nelas e que se expressam e apresentam a complexidade existente no convívio humano.<sup>343</sup> A tal despretençiosidade existente em uma ação diária como dissemos não implica numa falta de intenções. Michel de Certeau diz que as formas de agirmos em nossas vidas diárias, com situações que já estamos acostumados são compreendidas como táticas e estratégias de movimentação dentro da arte de fazer, do agir à medida que temos motivações e objetivos na realização de qualquer ato, por mais singelo que seja.<sup>344</sup>

### **3.3. As Esferas Cotidianas da Vida Militar.**

Agnes Heller considera que a ação cotidiana é gestada por dois pilares: heterogeneidade e hierarquia. Mas elas gestam o quê? A vida cotidiana faz-se por inúmeros meios, no caso ela se manifesta ou é percebida quando tomamos alguns aspectos da vida humana: trabalho, vida privada e pública, lazeres e comunicação. Assim estas podem ser

---

<sup>341</sup> Idem, pp. 39.

<sup>342</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. 10ª Edição. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

<sup>343</sup> Idem, p. 109ss.

<sup>344</sup> Idem, p. 98.

consideradas esferas cotidianas e então se pode dar prosseguimento à pesquisa, buscando a compreensão das atividades humanas nestes quadros.

Essas esferas nortearam a pesquisa com militares, posto que ao buscar as suas experiências de vida dentro do serviço militar da Aeronáutica como graduado, portanto numa posição de execução e/ou assessoramento das designações superiores no período dos Governos Militares. Porém foram ampliadas em alguns casos, como a vida privada que para eles englobava muitos aspectos do ofício propriamente e as relações familiares. Em outros momentos foram especificadas com o ambiente da caserna,<sup>345</sup> posto que o ambiente militar da caserna e o das casas destes indivíduos mostra-nos como forma de entender as instâncias, repercussões e diversas formas do momento militar presente no dia-a-dia destes.

Seguidamente apresentamos nossos entendimentos sobre essa experiência militar em tempos de Regime Militar: momentos marcantes; ambiente da caserna; os relacionamentos com militares e civis; momentos de lazer e horas familiares. Porém cabe fazer duas observações: esses aspectos cotidianos delimitados a pouco são de cunho meramente didático expositivo para facilitar a compreensão destes momentos; tais acontecimentos ocorreram sem esta distinção e delimitação posta, pois não esqueçamos que as mesmas são constitutivas de um todo, mantendo correlações indissociáveis em seu aspecto prático e vivencial.

### **3.4. Momentos Marcantes.**

O que é marcante no Regime Militar? Com os diversos estudos que temos, muitos deles enfatizam as questões políticas e/ou socioeconômicas existentes nesse período. Mas quando lidamos com distintos sujeitos históricos que tiveram uma participação específica e particular podemos também compreender como foram vividas essas demandas sociais ou mesmo atentar pra outros pormenores desse mesmo período.

Nas entrevistas realizadas com militares, quando perguntamos sobre o que mais lhes marcou a vida, principalmente àquele referente ao ser militar, muitos não faziam uma ligação direta ao regime instituído em 1964. Por vezes se remetiam às próprias particularidades de sua profissão, suas emoções, conquistas pessoais, momentos familiares, o seu trabalho sendo realizado, ou de situações inusitadas do próprio ofício, como relata o

---

<sup>345</sup> Caserna: termo dos militares que delimitam o ambiente militar do quartel ou de qualquer outro estabelecimento da instituição.



suboficial Alfredo Oliveira ao narrar o momento em que um homem “para na marra um avião”.

Dadas as condições precárias de algumas pistas de pouso, havia a necessidade de se utilizar constantemente os freios, somando-se a isso a dificuldade de desaceleração com um mínimo de pista, posto que elas também não atendiam o comprimento mínimo para aterrisagem segura. É o que nos relata o suboficial Alfredo Oliveira:

*Bem nessas pistas agente tinha que usar excessivamente o freio, tanto que na última missão que eu fiz a rota do rio Curuis com o C-47, o uso excessivo dos freios nas pistas, elas eram pequenas, e no meio da cidade. Eu sei que nós chegamos em Rio Branco e fomos em Brasília apoiar o exército e depois sobrevoamos até a marcação de limite entre o Brasil e Bolívia e aí, na volta para Rio Branco faltou freio! A pressão hidráulica não daria para agente freiar, não daria para parar. O avião acabou de tocar o chão, o primeiro mecânico jogou para fora do avião o segundo mecânico com uns calços. Esse segundo mecânico era um sujeito novinho que deveria ter os seus 20 anos. Ele conseguiu alcançar o C-47, correu, alcançou o avião por debaixo das asas, colocou os calços debaixo das rodas, o C-47 passou por cima desses calços que eram umas peças metálicas e isso amorteceu a velocidade dele e aí ele parou. Então, eu estou até fazendo um relato desse novinho que parou na marra o C-47.*

*Ele foi muito feliz, porque na hora que ele saltou do avião, ele teve que desviar do estabilizador horizontal que fica abaixo, ele se agachou e depois correu atrás do avião com os dois calços na mão, colocou debaixo da asa do avião, colocou na frente das rodas principais e parou o avião (risos).<sup>346</sup>*

Nota-se que dados os trinta anos de serviço militar, há que considerar-se que inexistência de apenas um momento marcante, no qual o suboficial Davi Santana da Silva argumenta:

*Olha! De serviço da aeronáutica, tivemos muitas coisas marcantes. A primeira delas foi a começar, através da minha profissão, viajar pela Amazônia. (...). Depois eu tive outras coisas que me marcaram, tipo... acidentes, às vezes situações de perigo como pousar de barriga em alguma pista. (...) E fora disso, as amizades que nós formávamos imbuídos dessas aventuras e quando a gente se reencontrava com companheiros que tinham passado por situações iguais ou piores, e nós nos reunimos pra contar essas histórias. Então essas coisas marcaram muito. (...).<sup>347</sup>*

Para escrever minimamente a história da Aeronáutica no capítulo anterior, tivemos que optar por momentos, no qual as ações no âmbito nacional também tivessem uma correspondente local, o que implica no alijamento de diversas outras ocasiões. Se tal seleção foi para a história da instituição, o que se dirá para indivíduos em suas respectivas histórias de vidas?

<sup>346</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit.

<sup>347</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit

Assim, por exemplo, na temporalidade pensada – período do Regime Militar e marcos pessoais – percebemos situações em que não há ligação direta com o Regime Militar. Como nos narra o Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik sobre seu momento marcante na Aeronáutica.

*A minha experiência mais marcante foi quando em fevereiro de 1968 eu caí com o avião... o avião caiu com a gente, lá entre Guajará e Forte Príncipe da Beira. Então foi traumatizante, pois morreram várias pessoas. As pessoas... morreram dois soldados do exército, uma criança, posteriormente morreu mais uma por que saiu muito mal e nós caímos na quinta-feira e só conseguimos sair de lá no sábado quando conseguiram localizar a gente, porque o avião ficou totalmente coberto pela floresta, mas nós conseguimos sinalizar com fumaça e eles viram. Desceram o pessoal por uma corda em uma clareira pro helicóptero pousar e nos resgataram de lá. Mas foi muito traumatizante por que... é... Nós tivemos que dormir na selva, cheia de animais, cheia de coisas, mas só fomos incomodados mesmos pelos mosquitos.*<sup>348</sup>

Em outras entrevistas, a queda do avião foi um fato recorrente, tanto para os aviadores Suboficiais Davi Santana e Alfredo Oliveira, no qual o primeiro explana que não foi um caso isolado, mas que em outros momentos o avião já esteve pra cair. Já o Suboficial Alfredo Oliveira, pela sua inserção na vida militar e compartilhar desse espírito militar de união se posta nessa situação:

*Eu tive outras coisas que me marcaram, tipo... acidentes, às vezes situações de perigo como pousar de barriga em alguma pista. Pousar de barriga significa que nossos trens de pouso do avião não conseguem acionar e nossos trens de pouso se mantinham recolhido ou a gasolina acabava aí você tinha que pousar, porque era melhor pousar assim do que cair e aí pousávamos de barriga, tive uma experiência dessa. Uma outra experiência que eu tive foi vindo do Rio de Janeiro, o avião parou o motor direito e o esquerdo tendeu a parar também e nós começávamos a perder altura e fomos salvos por uma obra milagrosa de Deus que clareou um local em cima da Belém-Brasília. O piloto baixou na intenção de pousar na Belém-Brasília e finalmente ele avistou a pista de Imperatriz ao lado e ali nós pousamos e após o pouso, logo em seguida nosso motor parou, o que significava que se nós tínhamos muito pouco tempo de vida, pois se nós caíssemos a probabilidade de sobrevivência era bem pequena. E muitas outras que marcavam muito: a decolagem de Catalinas dos rios que nós pousávamos, a decolagem de rios perigosos. E na nossa época era uma aventura gostosa porque nós sabíamos que estávamos arriscando as nossas em prol de vidas. Isso marcou muito minha vida.*<sup>349</sup>

Nota-se que os momentos marcantes não dizem respeito somente à situação anormal ou perigosa que os suboficiais relataram a pouco. Afere-se sua importância pelo sentimento e idéias de segurança e serviço à nação brasileira, posto que o suboficial Davi

<sup>348</sup> Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik. Op. Cit.

<sup>349</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

Santana da Silva afirma que as ações empreendidas por ele e por seus colegas de farda arriscavam suas vidas em prol de outras vidas, em favor da sociedade.

No debate sobre as ações dos governos militares prejudicarem inúmeros indivíduos abrangidos pelos Atos Institucionais (AIs) e outras medidas como censura, cassação, exílios, desaparecimentos, Jarbas Passarinho (Coronel do Exército e um dos mais destacados oficiais gerais da estrutura do Regime Militar), por diversas vezes se contrapôs a esse modo de apresentar tais dados, uma vez que em alguns artigos de sua autoria, publicados no jornal “O Liberal” ele compara os militares de baixa patente como herói durante o Regime Militar, especialmente quando eram alvo de ataques de guerrilheiros e morriam nessas ocasiões.

Para Passarinho, essas seriam as “vítimas” não contabilizadas pelo ressentimento dos “subversivos” pós-ditadura. Não são colocadas em questão as inúmeras vidas de inocentes que padeceram nas salas de tortura do regime de exceção. E ele apresenta-nos a seguinte questão a respeito da atuação dos militares:

*(...) Quanto, na verdade teriam coragem para se opor aos poderosos? Quantos teriam suficiente fortaleza moral para dizer que se recusavam a cumprir certas ordens por serem elas manifestadamente ilegais? Quantos arriscaram sua tranquilidade e seu futuro na defesa de princípios assim tão abstratos, como a decência e a probidade?*<sup>350</sup>

Observa-se que embora os militares de baixa patente estivessem alheios a essas questões, isso não implica numa aferição de total desconhecimento desses casos. Tais Trepton ao falar de sua condição de filha de militar, diz-nos sobre algumas considerações que eram dadas a ela e seus irmãos por conta desse debate:

*Em 1971. Mas enfim. Aí a gente tinha todas as informações de sequestro. Enfim, um monte de coisa. Aí eu estudava num colégio que era dez quadras da minha casa e a gente não tinha dinheiro pra ônibus. Nós éramos seis filhos, não dava pra pagar ônibus pra todo que é lugar. Então eu ia a pé pro colégio. Pegava a rua e o pai dizia não vai pela mesma rua sempre. Troca de itinerário. Quando você voltar, volta por outro lugar. Era sempre assim. A gente vivia muito sobressaltado. Por que todo mundo: ‘Ah, por que é filho de milito!’, ‘por que é milito!’. Então era complicado!*<sup>351</sup>

<sup>350</sup> PASSARINHO, Jarbas. Op. Cit., p. 135.

<sup>351</sup> Thais Treptow. *Entrevista*. Belém-PA, quinta-feira, 14 de Outubro de 2010.

De acordo com o relato de Thais Treptow sugere uma consciência, por parte de muitos militares, de um papel repressor ou mesmo uma identidade repressora no período. Outra possibilidade é a o uso de seus familiares para atingir tais militares. Quando perguntado se isso era constante, a mesma foi categórica na afirmação positiva e acrescenta outros momentos difíceis por ser filha de militar.

[E isso era constante?]

*Sempre, sempre. Principalmente por causa da época. Eu fiz faculdade de 71 a 74 (1971-1974). Era bem na época da confusão. Era muito confuso. Agora, por exemplo, uma vez a Polícia Federal bateu lá na universidade. Entrou lá. Foi uma confusão. Chamavam a gente. (...) Aí todo mundo falou horrores: 'Ah! Por que militares é isso!', 'fizeram aquilo'. Bom! No final da confusão eles pegaram um monte de moleques puxando fumo. Só. Não tinha ninguém fazendo nada. Eles reclamavam e inclusive tinha um lance engraçado. É... eu fazia parte de um grupo de teatro. Aí a gente se reunia toda quarta e não se discutia nada. Nem de política nem de teatro. O pessoal ia, se reunia pra puxar fumo. E era engraçado porque sempre dava um jeito da polícia aparecer. Aí era aquele escândalo. Corria, gritava: 'Ah! É repressão militar!'. E alguém do grupo, depois descobriu que avisava: 'Olha: o pessoal vai se reunir em tal lugar, não sei o quê!'. Aí a polícia ia por causa de droga, não por política. Mas coisas muito engraçadas dessa época. Me lembro disso. Me lembro dos cuidados. Tinha muito... Olha: pegaram o filho do fulano. Deram uma surra, porque o pai dele é coronel. Teve muita coisa assim desse tipo. Mas aí era abafado e ninguém falava nada.*

O sargento José Rodrigues Canella afirma que neste momento havia certo receio por parte de seus familiares. Muitos militares viviam nas Vilas Militares cercados pela proteção institucional da mesma. Porém outros moravam na cidade e ele compunha esse grupo. Esse receio, o mesmo ressalta que se mantinha mais numa prevenção do que propriamente na necessidade real de segurança.<sup>352</sup> O Suboficial Davi Santana da Silva considera que o período ditatorial, embora de distintas maneiras, atingiu toda a sociedade brasileira.

*Pra ser sincero eu não consegui entender muito o Regime Militar, porque eu sempre fui muito apolítico e não me envolvia nisso. E nós, militares não podíamos nos envolver em política. O fato é eu vi coisas acontecendo que eu sim entender hoje, só depois adulto, estudando a história. Na verdade o que a gente via muito é que a ditadura militar não atingia pouco, mas o povo de maneira geral que era penalizado por esse regime.*<sup>353</sup>

Se numa forma direta era proibida sua inserção, pelo menos abertamente, nas discussões políticas, os militares entrevistados procuraram sempre se posicionar diante das diversas críticas por que passaram e ainda passam o Governo Militar. Mas ressalta-se que os

<sup>352</sup> Sargento José Rodrigues Canella. Op. Cit.

<sup>353</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit (02).

mesmos não deixam de validar a importância dos militares na crise de 1964 descambando para a Revolução e dos seus empreendimentos no decorrer das décadas de 1960-1980.

Uma dessas apreciações enaltecidas é a incorporação, conhecimento e desenvolvimento da Amazônia à sociedade brasileira.

Notamos assim, como poderiam ser múltiplas inserções desses militares no bojo das discussões existente nesse momento. Neste outro depoimento vemos como uma identificação maior da Força Aérea, que elege outros momentos, como significativos na passagem desses anos:

*Bom, fato marcante, apesar de eu não estar na FAB, em 1967, um avião nosso C-47 numa missão para Cachimbo, para apoiar o destacamento de cachimbo que estaria sendo ameaçado de uma invasão de índios, essa missão 2068 foi atender o destacamento de cachimbo. Esse pessoal saiu de Jacareacanga para Cachimbo, de noite sem o equipamento de rádio, mas como era uma missão de segurança nacional, o avião recebeu ordens de ir para cachimbo assim mesmo com um equipamento de aviação defeituoso. Então o pessoal não achou Cachimbo, retornou para Jacareacanga, também não achou Jacareacanga, e ficou difícil, porque na hora que ele decidiu voltar para Jacareacanga ele já não tinha mais referência, decidiram aportar em Manaus, mas também não acharam Manaus, e voaram até a gasolina acabar e caíram na madrugada de 16 de junho de 1967. Eu não estava na FAB ainda, mas essa tragédia marcou muito a Força Aérea, até porque foi provado que a falta de navegação e equipamentos adequados resultou na queda do avião. Então houve uma mudança muito grande no Ministério da Aeronáutica com relação a guarnição da Amazônia, essa fatalidade fez com que providências fossem tomadas para que a Amazônia fosse guarnecida com o Núcleo de Proteção ao Voo. O avião só foi encontrado por muita persistência de todos que se encarregaram da missão, foi encontrado no dia 26 de junho, dez dias depois. Das pessoas que estavam lá, 20 morreram, aliás, 18 morreram com a queda do avião e dois morreram durante a ansiedade aguardando a chegada do socorro. Eram 32 aviões fazendo a busca, tinha até o avião hidrográfico da Marinha brasileira, tinha um C-130 americano participando das buscas. Eu sei que no dia 26 o avião 6539, encontrou os destroços do 2068, e somente no dia 29 por causa da dificuldade de abater árvores, pois eles desciam num sistema de rapel, amarrados por corda com motosserras, eles tinham que derrubar muitas árvores para que os helicópteros pudessem descer e resgatar os sobreviventes que estavam gravemente feridos: tinha gente sem com as duas pernas quebradas, com grande parte do corpo queimado. Eu sei que só depois de três dias após terem encontrado os destroços do avião, é que puderam resgatar os sobreviventes, que era cinco. Então, eu não estava na FAB, mas esse fato marcou muito a minha vida, como se eu tivesse naquele avião. Depois que eu voei em C-47, voei quase 3 mil horas de voo, já voei de madrugada, então eu me colocava no lugar do radiografista que morreu naquele acidente.* „<sup>354</sup>

As questões que tinham a identificação de “Segurança Nacional” ganharam destaque e maior importância no governo militar, pois segundo Edgar Luiz de Barros, a Doutrina de Segurança Nacional pregava uma guerra contra o “inimigo interno”, os setores

<sup>354</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit.

comunistas, socialistas que seriam capazes de dominar o povo brasileiro.<sup>355</sup> Nisto, as Forças Armadas deveriam ser mais bem equipadas e mais autônomas em relação aos demais poderes constitucionais a fim de defender o Brasil.<sup>356</sup>

Nota-se também que a lei de Segurança Nacional instituía que toda pessoa natural ou jurídica era responsável pela segurança nacional, nos limites da lei.<sup>357</sup> Segundo Skidmore, a lei tentava reconciliar as idéias militares e constitucionalistas do país, da sociedade e do indivíduo, pois acreditavam ser o meio para preservar a democracia.<sup>358</sup>

Como nem todos eram aviadores, seus momentos marcantes também foram outros, mas sempre relacionados ao seu ofício dentro da caserna. O sargento Bittencourt divide os momentos marcantes a partir de uma atuação mais individual, de sujeito na carreira militar e aquela compartilhada pela instituição. O primeiro percebe-se pela correlação às ascensões de cargos/patentes, melhora na remuneração, uma vez que pôde ajudar a família, adquiriu estabilidade na profissão e amizades nos locais em que esteve – não esqueçamos que eles tiveram uma mobilidade, posto que eram transferidos de um local para outro. A segunda forma vislumbrar correlaciona-se com os momentos históricos vivenciados pela Aeronáutica ou pelas Forças Armadas de modo geral:

*(...) o que eu via muito, era assim... eu era um garoto novo. Não tinha tanta experiência, mas eu via a conduta, postura e preocupação do pessoal da área militar em passar tudo com ordem e não se envolver em nada. Deixar a administração, a governabilidade do país na mão do poder civil, como a gente chamava. E naquela transição via a neutralidade das Forças Armadas e a importância de sustentabilidade para manter a ordem pública e os poderes constitucionais que a gente tem porque houve muito boato de que ia voltar a ditadura, mas não voltou. Eu tava lá dentro e vivi esse momento e via as Três Forças [Exército, Marinha e Aeronáutica] firmar mais o poder civil na democracia verdadeira, que a gente tem até hoje.*<sup>359</sup>

Nota-se que com a política de Segurança Nacional, deu aos militares uma suposta “liberdade” tutelada pelos militares também agiam na tentativa de moralização da política brasileira, afastaram o perigo comunista e mantiveram a nação nos trilhos do desenvolvimento capitalista (desenvolvimentismo). Na caserna, onde o sistema social é hierárquico, a noção de democracia é algo distante, não vivenciada como ideologia no cotidiano. Por isso era fácil para os presidentes militares falar em democracia sem, necessariamente, promovê-la.

<sup>355</sup> BARROS, Edgar Luiz de. Op. Cit., p. 21.

<sup>356</sup> Idem, Ibidem.

<sup>357</sup> SKIDMORE, Thomas E. Op. Cit., p. 120.

<sup>358</sup> Idem, p. 121.

<sup>359</sup> Sargento Bittencourt. Op. Cit.

O suboficial Davi Santana da Silva expõe que certas ações não podiam ser conhecidas por seus superiores, pois segundo o mesmo, poderia receber sanções ou até penalidades mais rigorosas.

*Eu me lembro que nessa época eu comprei uma coleção do Jorge Amado e ninguém podia saber que eu tinha essa coleção e eu poderia sofrer sanções disciplinares so poque essa coletânea tinha contos do Jorge Amado que era considerado subversivo pra eles lá [Militares de Alta patente]. Tinham contos que eles proibiam e nós éramos proibidos de ter acesso a essas informações. (...) Eu guardei sob sigilo por muitos anos, até que acabou a Ditadura Militar. Fiquei muito assustado até um tempo com essa minha aquisição. Depois não tive mais. Tinha situações que ainda sofria retaliações, mesmo depois do governo, por saber que tinha essas coleções censuradas pela ditadura, pelo menos para os militares. Por algum tempo não me sentia seguro de dizer que tinha essa coleção.*<sup>360</sup>

Consideram-se também as apreensões sobre os períodos de Regime Militar e o Democrático, no qual o suboficial Ivaldo Pereira apresenta sua aprovação e saudosismo sobre o período anterior e que isso não é uma opinião isolada:

*O governo militar é como dizem: é um governo que deixou momentos bons. E deixou saudades, porque não existia no governo militar o que está acontecendo hoje. Governo Militar hoje, se estivesse no comando, o Brasil teria uma outra posição. O governo civil aqui e em todo o Brasil sofre crítica e que dá o que falar. É uma situação desagradável.*<sup>361</sup>

Com isto, percebemos que os momentos marcantes lembrados pelos interlocutores, ligados aos seus ofícios, parecem uma associação natural. Porém à medida que tais acontecimentos eram rememorados, a sua inserção nas discussões sobre o Regime Militar também apresentava outros aspectos constituintes do dia-a-dia de caserna.

### **3.5. Caserna: Trabalhos e Relacionamentos.**

Este campo de atuação do indivíduo tem várias instâncias na sua realização, que variam de uma pessoa para outra que são as vicissitudes, ligadas à moral, ética, valores individuais. Esta esfera de atuação humana apresenta-se como o litigante entre a Vida Privada e O Lazer e Descanso (próxima seção), pois na execução deste, o mesmo é influenciado pela vivência das duas. Além disso, temos uma relação recíproca, pois quando não estavam trabalhando, encontravam-se num ambiente de Vida Privada (na família) ou Lazer (ações no horário de não-trabalho). Diante disto o trabalho exercerá e terá uma conotação e apreensão

<sup>360</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

<sup>361</sup> Suboficial Ivaldo Pereira. Op. Cit.

que pode estar ligada às questões mais abrangentes ou restritas a uma pequena observação, esta limitada pelo próprio ambiente de convivência do sujeito.

Neste sentido, utilizaremos de depoimentos destes buscando apreender suas impressões quanto a viver em Belém, sendo membro de uma esfera civil e institucional direta do Regime Militar e suas particularidades, na qual o Suboficial Cruz Soares<sup>362</sup> afirma:

*(...) E há uma grande diferença, né?! Assim... entre a convivência do militar no meio civil, porque dentro do quartel as coisas são as mesmas, tanto o que acontece no Rio [Rio de Janeiro], em São Paulo, em Brasília, que eu já servi também em Brasília, as coisas são as mesmas. Não há diferença nenhuma, dentro do quartel, por que é tudo baseado na hierarquia e na disciplina, e funciona assim: o mais antigo comanda e o subordinado, mais moderno obedece, dentro das regras, né? Se não for coisa absurda, o mais moderno obedece. Se for absurda, ele pede para que o mais antigo dê a ordem por escrito. Fora isso é cada um cumprindo sua tarefa e fim de papo.*<sup>363</sup>

Nas palavras ditas pelo Suboficial Cruz Soares, atentamos para as especificidades do serviço militar, cujas relações internas não diferem muito de um local para outro. Princípios como Disciplina e Hierarquia são fortemente reforçados, quando uma “*ordem absurda*” é dada não há um questionamento sobre sua execução, o não cumprimento dela; ocorre a exigência de um documento que respalde àquele que fora incumbido de executá-la.

No decorrer das entrevistas com outros militares, a hierarquia sempre foi destacada como pilar das Forças Armadas. Piero Leirner a considera como chave que permite entender a identidade militar.<sup>364</sup> Celso Castro nos apresenta o termo “espírito militar” que dadas as devidas ressalvas também é identidade ou um elemento constitutivo dessa identificação.<sup>365</sup>

A caserna proporciona todo um modelamento da conduta do militar dentro e fora do ambiente militar, passando a ter as atividades como “normal”, conforme explana o suboficial Cruz Soares:

*Quando você chegava aqui, tinha toda a rotina do quartel. Você vai pra formatura, assiste o hasteamento da bandeira, depois você vai pra seção e cumprir a tua rotina de trabalho, normal né? Aí meio-dia você vai pro rancho, passa uma hora você volta pra seção e continua seu trabalho normal.*<sup>366</sup>

<sup>362</sup> Suboficial Cruz Soares. Belém-PA, quarta-feira, 09 de Setembro de 2009.

<sup>363</sup> Idem.

<sup>364</sup> LEIRNER, Piero. Op. Cit., p. 73.

<sup>365</sup> CASTRO, Celso. Op. Cit., p. 56.

<sup>366</sup> Suboficial Cruz Soares. Op. Cit.



Neste ambiente as formas de interação são diversas, no qual o suboficial Gama expôs a existência várias normas e condutas a serem seguidas que por vezes geravam algumas injustiças.<sup>367</sup> O suboficial Davi Santana da Silva assim se referiu sobre o tratamento que alguns superiores davam aos subalternos e que poderiam causar algumas insatisfações ou mesmo injustiças.

*Tinham situações em que o nosso envolvimento enquanto subordinado com alguns superiores nossos não era muito agradáveis, porque eles, às vezes, nessa época em que nós vivíamos isso, a neutralidade militar era um pouco diferente. Hoje digamos que ela é um pouquinho mais light. Um superior, ele elogia, entende melhor o subordinado. Mas naquela época eles eram muito prepotentes e por força da hierarquia militar, muitas vezes, eles extrapolavam ao nosso modo de ver, porque nós nos julgávamos não merecedores daquele tratamento até pelo esforço que nós também desprendíamos, tanto quanto eles, ou seja, estávamos em igualdades de condições. Então achávamos que naquele momento deveria haver mais uma complacência no tratamento deles para conosco. E isso gerava muitas reclamações, gerava muitas insatisfações de pessoas que muita das vezes se insubordinava e eram punidos.*<sup>368</sup>

Se nas décadas de 1960-1980, os setores de esquerda, direta ou indiretamente, refletiam acerca de sua situação e condição nesse período, os militares também desenvolviam tal processo crítico. Entretanto, dentro da caserna, os pilares “Hierarquia” e “Disciplina” não podiam ser questionados, e os pontos de análise e manifestação dessa reflexão foram diferentes. A questão que tomou centro nas discussões no meio militar com as instauração do Regime Militar foi a invasão “das idéias subversivas dentro da tropa”.<sup>369</sup>

Quando o então soldado Jarnélio L. Gomes Vital falou de sua promoção no ano de 1966, que ocorreu rapidamente, o mesmo esclarece que isso se deveu ao fato de que muitos militares foram dispensados por terem alguma ligação com setores/partidos esquerdistas da sociedade. Nisso os militares de alta patente e que são enquadrados na chamada “Linha Dura”, que agregou os oficiais mais radicais que objetivam ampliar as medidas “saneadoras” à sociedade brasileira e assim recuperá-la de suas crises.<sup>370</sup>

Tal condição perdurou nos anos seguintes e ficou ainda mais forte no decorrer dos anos, principalmente a partir de 1968, com a instauração do AI-05. Isso causou receio entre alguns militares de baixa patente, pela possibilidade se serem compreendidos como

<sup>367</sup> Suboficial Gama. Op. Cit.

<sup>368</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

<sup>369</sup> Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital. Op. Cit.

<sup>370</sup> D’ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso. “Introdução”. In: Op. Cit., p. 19. Essa crise, segundo os autores, perpassava por questões políticas, sociais, patriotismo, conhecimento da realidade brasileira e retidão moral. Cf. p. 09.

subversivos ou a existência de relações com pessoas ou materiais ditos subversivos, como no caso da obra de Jorge Amado adquirida pelo Suboficial Davi Santana da Silva, implicasse em punições.

Além disso, o próprio relacionamento entre os militares com distintos postos, patentes e funções gerava conflitos internos, o que não era entendido presença de “doutrina comunista” no interior da caserna. Em diálogo com o Sargento José Rodrigues Canella, este afirmou ter recebido diversas punições por ir de encontro a essas injustiças e que, assim como o suboficial Gama mantinha-se na instituição, pois era importante manter um trabalho, no caso ser militar. Já o suboficial Pereira argumenta outra situação, a “marcação de um superior” quando este estava no Exército<sup>371</sup> e que por conta disso não foi promovido.

*No Exército eu tive condições de fazer o curso de Cabo. Apenas não cheguei até um posto melhor, que não seria Cabo, devido a uma marcação de um sargento. Aconteceu lá, um sargento. Tiramos um serviço, Destacado. Fazíamos curso de cabo e o pessoal tirava serviço aos finais de semana, sábado e domingo. No final de ano, eu tive que tirar um serviço, aqui no Hospital Geral do Exército, ali chegando à Praça Brasil. Aí, naquele serviço, tirando no horário de 10 horas até meia-noite. Quando chegou a passagem de ano e meu colega tinha que me render, ele demorou muito. Quando ele veio, veio me render, mas depois. (...) e naquilo já não fui dormir e quando foi no outro dia, tinha lá na Companhia, através de um Primeiro Sargento, aulas pra concluir o curso de Cabo e eu cochilei. E nesse curso ele me viu cochilando e me tirou quatro a cinco pontos da minha matéria; e através desses pontos ele me deixou de fora.*<sup>372</sup>

O relacionamento entre militares superiores e subalternos nem sempre é uma relação conflituosa, principalmente quando os pilares de hierarquia e disciplina são respeitados, como pondera o sargento Bittencourt:

*Nós somos regidos por dois pilares nas Forças Armadas: a hierarquia e a disciplina. Na Força Aérea, nós temos dois regulamentos que regem isso aí. Ele te dá toda a orientação de como tu deves te conduzir, como deve se portar.*<sup>373</sup>

Situação também reiterada pelo suboficial Alfredo Oliveira, no qual enaltece tal comportamento como militar, como vemos a seguir:

*O meu relacionamento com os meus colegas, sargentos, oficiais sempre foi muito bom. Eu sou militar, eu sou doutrinado, é hierarquia e disciplina né? Então eu*

<sup>371</sup> O suboficial Ivaldo Pereira serviu um ano no Exército (1963-1964) e na Aeronáutica (1965-1995)

<sup>372</sup> Suboficial Ivaldo Pereira. Op. Cit.

<sup>373</sup> Sargento Bittencourt. Op. Cit.

*sempre levei muito a sério e sempre acatei com 'Sim, senhor!' (...) Eu sempre me dei bem com todo mundo, sempre fui muito doutrinado, muito militar.*<sup>374</sup>

As diretrizes militares, hierarquia e disciplina, como elemento de estruturação da vivência militar devem ser mantidas em todos os momentos, principalmente quando em serviço dentro ou fora do quartel. Segundo o suboficial Davi Santana poucas vezes isso foi alijado, mais pela falta de condições do que pelo desejo ou ordem direta e/ou superior. Uma dessas ocasiões foi quando em viagem pela Amazônia houve a necessidade de passar a noite em uma localidade que não dispunha de alojamentos suficientes e possibilitasse tal distinção, os militares dormiram em mesma instalação.<sup>375</sup>

### 3.6. O Lazer e o Descanso.

Lazer e descanso são aqui entendidos como elo das relações entre os indivíduos, no qual os mesmos conceberam outras formas de relacionar-se e de apreender a realidade que os cercava, posto que eles também a reproduziram de acordo com suas vivências. Os momentos de lazer poderiam ser de um caráter mais particular, restrito a um campo menor, como família, amigos, e outras formas de organização; ou de um âmbito maior, como festas da sociedade, como o Carnaval, períodos de férias. O lazer dos militares tinha certas particularidades, esclarecidas pelo suboficial Davi Santana da Silva diz:

*(...) Às vezes, dentro das unidades tinham comandantes que promoviam algumas festas, aniversários, festas de aniversários das unidades e, às vezes, era extensivo às famílias, e nos davam a oportunidade de levar os familiares, os filhos. Era um lado social muito bom desenvolvido por alguns comandantes. (...) e outros que não fizeram nada. Mas o fato é que nós tínhamos sim confraternizações natalinas, alguns comandantes, às vezes, distribuíam prêmios, sorteavam prêmios, os filhos da gente gostavam muito. Os nossos familiares, às vezes amigos que a gente podia convidar. Uma coisa muito bonita. Uma das coisas que marcou também por conta de algumas reuniões que nós tivemos nesse espírito. (...).*<sup>376</sup>

Mas como alguns dos entrevistados eram de outras localidades, somam-se ao momento de lazer o período de férias dos militares, nos quais ocorriam viagens de férias com suas famílias ou pra visitar seus familiares, como esclarece o próprio suboficial Davi Silva

*(...) Eu sou do Rio de Janeiro, como te falei. Quando eu tava de férias, eu ia visitar meus parentes no Rio de Janeiro. Como fora do serviço na caserna, no meu momento de folga, eu preenchia o meu tempo com o meu lazer. Gosto muito de ir ao*

<sup>374</sup> Suboficial Alfredo Oliveira. Op. Cit.

<sup>375</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

<sup>376</sup> Idem.

*cinema, gosto de passear, gosto muito de viajar pelos interiores. Andei exercitando a prática da pescaria. (...) Se tivesse dinheiro, gostaria muito de viajar. Mas a grana não me permitiu voar muito longe. Mas dentro do meu espaço, eu consegui fazer muita coisa (...) saía do quartel e ia pro cinema e a vida noturna natural de qualquer boêmio, com limitações. Hoje bem menos, pois com os 62 anos que tenho hoje, já não fazer tanta coisa (...).*<sup>377</sup>

Nota-se que embora esteja em um ambiente de não trabalho, o militar deve sempre zelar por sua imagem e pela imagem da Instituição, pois ele é da instituição. Tal princípio indica por que ao tratar de sua vida noturna o Suboficial Davi Santana da Silva expõe que é normal e apresenta a ressalva “com limitações”.

Um dos aspectos mais conhecidos do serviço militar é o trânsito contínuo por diferentes pontos do país. Dos militares entrevistados, parte significativa são oriundos de outros estados, os demais são do Pará, porém nascido em outros municípios. Esse modo itinerante é uma condição dada aos militares de carreira como destaca o sargento Bittencourt: “(...) Quando o militar, Eduardo, segue carreira, ele passa a ser itinerante. Você não sabe pra onde vai, depende de sua especialidade e das vagas que surgem”.<sup>378</sup> Muitos militares de que aqui constituíram residência, mesmo após o fim de seu tempo de serviço permanecem na cidade, como o suboficial Cruz Soares, Davi Santana e familiares como a da senhora Thaís Treptow, originários do Rio Grande do Sul.

Já o suboficial Cruz Soares mostra-nos outro modo de lazer, baseado em suas vicissitudes:

*Eu não sou muito de sair. Então é normal, ia pra casa assistir televisão ou dar uma lida em alguma coisa, dar az vezes, uma passeada. Quando eu cheguei aqui, eu saía muito (...). Às vezes descia do prédio, conversar com os colegas, vizinhos, a rotina normal. Não sou de tá na rua, assim. (...) Eu gosto de passear sim! Ir pra uma praia, entendeu? Viajar, conhecer estes lugares novos (...).*<sup>379</sup>

Por isso, as atividades de lazer estavam presentes no dia-a-dia desses militares, no qual as funções militares tinham seu tempo.

Neste capítulo procuramos mostrar como militares de baixa patente vivenciaram o Regime Militar, a partir das memórias de suas atividades cotidianas que perpassavam por esferas como o ambiente da caserna, as sociabilidades construídas e os momentos que também constituem suas vidas (lazer, descanso, relacionamentos, família) que por vezes são alijadas quando da construção do conhecimento histórico.

<sup>377</sup> Suboficial Davi Santana da Silva. Op. Cit.

<sup>378</sup> Sargento Bittencourt. Op. Cit.

<sup>379</sup> Suboficial Cruz Soares. Op. Cit.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nesta pesquisa procuramos atentar para o Cotidiano de militares através de suas memórias acerca das mudanças sociais vivenciadas durante o Regime Militar e se isso alterou seu modo de vida a partir dos novos parâmetros sociais. Neste período, observamos que os militares de graduação, posições mais baixa dentro da hierarquia militar não assistiu a uma mudança significativa em seu dia-a-dia, embora não digamos que elas não ocorreram. Os relatos evidenciaram uma insatisfação com momentos ocorridos dentro da caserna e que não tinham uma relação com o advento das instaurações dos Atos Institucionais que tornaram o período em questão conhecido como a Ditadura Militar. A relação estabelecida entre o Cotidiano e a História atentou para a vida do indivíduo nas esferas da caserna, local de trabalho, do descanso e lazer; das relações familiares de entre os mesmos.

Primeiramente notamos que nos momentos iniciais do golpe instaurado em abril de 1964 houve certa expectativa sobre o futuro destas ações desenvolvidas neste mês, quanto, por exemplo, se o mesmo conseguiria levar adiante as “propostas libertadoras” propagadas no decorrer do ano corrente devido, por exemplo, ao caráter dado pelos militares exaltando-a como “revolução”. Este estudo centrou-se justamente neste aspecto não-político, e observamos que a repercussão em Belém fora propiciada por setores influentes da sociedade. Tais afirmações sobre a influência dos setores da sociedade estão balizadas nos estudos feitos para apreensão das mesmas; dentre estes setores destacamos a Igreja Católica em Belém; a imprensa paraense que participou e se envolveu no Golpe Militar, estando a favor e/ou contra de acordo com tempo e contextos que cada órgão estivesse contextualizado, assim como seus pormenores e as práticas femininas (que geram cada vez mais estudos, alguns citados nesta dissertação).

Nisto atentamos que após esse período de conturbação e suspensão temporária das atividades rotineiras da sociedade, os que trabalhavam voltaram a trabalhar, os que estudavam voltaram a estudar, enfim retornam às suas atividades cotidianas. Mas ocorreram mudanças, pois o governo que se seguiu, promoveu atos, cuja Força Aérea, a partir da execução de suas funções constitucionais e novos empreendimentos pensados pelo governo se fez presente na região envolvida numa política de integração e defesa nacional.

As esferas de atuação humana na vida cotidiana enfocada neste trabalho atentaram que as formas de comunicação existentes entre os grupos promoviam reflexões a respeito da

situação atual e o seu desdobramento futuro. Tal ação era a proposta de interação e envolvimento na dinâmica social da cidade seja por um ligamento político partidário, ou no caso da pesquisa, pela vivência do sujeito e atuação deste na própria cidade, na figura de morador; de pai de família, etc. O serviço militar, para alguns militares detinham-se às condições existentes, à ação concreta do melhoramento dos desejos individuais. Em relação ao Lazer e ao Descanso notamos uma intermediação entre as ações do Governo com atos cívicos, assim como (predominantemente) os momentos familiares, como a saída ao cinema, a qual a principal queixa é a segurança existente nestes locais, assim como a qualidade do que seria um instante de lazer. A questão do privado visualiza práticas e concepções sociopolíticas que poderiam ser interpretadas como formas de alienação, mas que ao serem observados de perto surgiram como uma particularidade do meio hierárquico e corporativo das forças armadas brasileira.

As entrevistas com os militares residentes em Belém. Seus depoimentos deram uma valorosa contribuição, tratando das atividades existentes neste tempo de ditadura militar como das suas rotinas militares dentro do universo militar que não sofreram mudanças bruscas, possibilitando a compreensão de não mudança. Suas atividades como trabalho, estudo e outras assistiram uma suspensão momentânea nos primeiros dias da implantação do Regime Militar e que posteriormente recuperou sua dinâmica. Estas mudanças seriam sentidas a partir da década de 1970, quando um melhoramento da economia desta década também beneficiou alguns militares que puderam comprar carros, tiveram aumento de salários, por exemplo.

Atividades militares de administração, treinamentos, missões dos militares sediados em Belém mostram que o Regime Militar não foi uma ação singular, mas um conglomerado de fatos e atos que resultaram numa visualização e sentimento vivido de maneira diversificada. Nas entrevistas, poucos se remeteram ao Regime Militar a partir de uma aceção política de forte crítica e desconsideração de outras medidas do governo.

Os militares entrevistados reconhecem certas atitudes “condenáveis”, porém apresenta momentos em que a atuação deles foi determinante para um melhoramento na vida de uma significativa parcela da sociedade a partir da presença militar na região. Mas não podemos esquecer-nos dos atos “condenáveis” que esses militares ressaltam, posto que tribos indígenas foram consideradas invasores, ou o terror militar sobre a população na região onde ocorreu a Guerrilha do Araguaia cujas experiências adquiridas nessas dessas décadas foram

distintas e plurais. Isso resulta num significado especial atribuído à experiência de ser militar no Regime Militar. Para os entrevistados, num primeiro momento não houve mudanças, ou pelo menos, transformações significativas (à exceção do âmbito político, que teve mudanças explícitas desde o seu início). As rupturas são evidenciadas quando passamos a analisar o contexto em uma perspectiva maior e visualizamos certos sentimentos que reiteram tais apreensões. Diversos estudos apontam a transformação sócio-política do estado a partir do Regime Militar, aumento demográfico e de défices nos índices de desenvolvimento humano. Em contrapartida temos um melhoramento da malha rodoviária, ampliação e eficiência dos serviços de transporte e resgate das Forças Armadas e de setores sociais civis.

## **FONTES.**

### 1. Jornais. (Arquivo Pessoal).

*Notaer*. Jornal da Força Aérea Brasileira. Ano XXXIV. Número 01. Janeiro, 2011

*Notaer*. Jornal da Força Aérea Brasileira. Ano XXXIV. Número 02. Fevereiro, 2011.

*Notaer*. Jornal da Força Aérea Brasileira. Ano XXXIV. Número 03. Março, 2011.

*Notaer*. Jornal da Força Aérea Brasileira. Ano XXXIV. Número 04. Abril, 2011.

*Notaer*. Jornal da Força Aérea Brasileira. Ano XXXIV. Número 05. Maio, 2011.

Jornais. (Sala de Jornais/Diários em Obras do Pará – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves).

*“Folha Vespertina”*. (1961-1966).

*“Jornal do Dia”* (1961-1965).

*“Resistência”*. (1979-1985)

*“Voz de Nazaré”*. (1970-1985)

### 2. Revistas. (Arquivo Pessoal).

- *Aerovisão*. Edição Histórica 70 anos do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira. Ano XXXVII. Janeiro 2011. Número 229.

- *VEJA*. São Paulo: Abril, 10 de Setembro de 1969.

### 3. Entrevistas.

- Militares.

- Suboficial Alfredo Oliveira (61 anos).

- Suboficial Davi Santana da Silva (62 anos);

- Suboficial Fernando José da Cruz Soares (58 anos);

- Suboficial Ivaldo Pereira das Chagas (67);

- Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama (71 anos);

- Sargento José Rodrigues Canella (60 anos);

- Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik (74 anos).



- Sargento Luís Alberto Santiago Bittencourt (52);
- Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital (63).
- Capitão da PM Ronaldo Braga Charlet. Comandante da Cavalaria da Polícia Militar do Pará – Área Belém.

- Civis.

- Onofre Oliveira Lima. Aposentado, 67 anos.
- Thaís Treptow. Jornalista e filha de militar.

#### 4. Arquivo.

Sala Histórica do Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR).

- Coletânea História Geral da Aeronáutica Brasileira. Volumes 01, 02, 03 e 04.
- Fotos, Vestimentas, Uniformes, Placas e textos memorialísticos.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

- *Anuário Estatístico do IBGE*. 1960
- *Censo Demográfico*. Resultados (1970). 1976.

## DADOS BIOGRÁFICOS.



Suboficial Alfredo Oliveira: Nasceu em 07 de agosto de 1950. Natural de Rio Branco – Acre. Estudou no Colégio Acreano até 1967. No ano seguinte ingressou na Escola Técnica do Comércio Acreano. Em 1969, após aprovação nos exames admissionais, ingressa na Escola de Especialistas da Aeronáutica, findando o curso ao término de 1970. Posteriormente deslocou-se para Belém em 1971 como Radiotelegrafista. Formado em Direito pela UNAMA Serviu na Base de Belém de 1971-2001. Voou nos aviões modelos PBY-Catalina, Douglas C-47 e Bandeirante. Casou-se em 06 de fevereiro de 1976. Pai de dois filhos. Hoje é Secretário da Associação Brasileira dos Catalineiros – ABRACAT.



Suboficial Davi Santana da Silva: Nasceu no dia 26 de abril de 1949 no Rio de Janeiro. Ingressou na Aeronáutica em julho de 1968 na Escola de Especialista da Aeronáutica no curso de Radiotelegrafista. Transferiu-se para Belém 1970. Serviu na Base Aérea de Belém no Primeiro Esquadrão de Transporte Aéreo até 1985. Posteriormente trabalhou no Departamento de Aviação Civil (DAC), hoje ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil) até 1999, passando em seguida para a reserva no posto de Suboficial. Casou-se em 1979 e separou-se em 1989. Tem cinco filhos. Fundador dos encontros entre membros dos catalineiros que mais tarde tornou-se a ABRACAT.



Suboficial Fernando José da Cruz Soares: Nascido no Rio de Janeiro em 1953. Ingressou na Escola de Especialista da Aeronáutica no dia 01 de março de 1971. Formou-se em Administração em 17 de dezembro de 1972. Em 1973 transferiu-se para Brasília e serviu no Estado Mor da Aeronáutica no setor administrativo. Posteriormente voltou ao Rio de Janeiro para o setor de Tesouraria. Em 1990 desloca-se para Manaus, setor administrativo do Esquadrão Aéreo e em 1999 é transferido para Belém. Em 2003 ingressa no quadro da Reserva como

suboficial. De 2003 até 2010 trabalhou no I COMAR, na Tesouraria prestando serviço à Força Aérea. Graduou-se em Administração pela Universidade Apóstolos São Paulo (FASPA). Casou-se em 1973 e em 1997 separou-se. Tem cinco filhos.



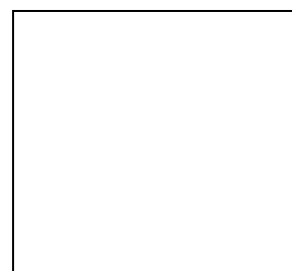
Suboficial Ivaldo Pereira das Chagas: Natural do Piauí. Nascido no dia 27 de fevereiro de 1944, em Teresina. Mudou-se para o Pará em 1957, aos 13 anos de idade. Ingressou nas Forças Armadas em 1962, primeiramente no Exército, servindo de 1963-1964. Em 1965 entrou para a Aeronáutica e permaneceu até 1995 quando foi para a reserva em julho do mesmo ano. Serviu como Taifeiro no Hospital da Aeronáutica em Belém chegando ao posto de Suboficial. Casou em 24 de novembro de 1976. Tem três filhos.



Suboficial Raimundo Emanuel Nascimento Gama: Nascido em 1940 em Belém. Ingressou aos 18 anos na Força Aérea Brasileira (1958). Morou em Vila Militar no Conjunto Santos Dumont por 13 anos. Serviu na Base de Belém de 1958-1988, quando foi para a Reserva. Ao longo de sua carreira militar, participou de várias missões ao longo do Rio Negro. Viagens pelo Peru, Brasil, Venezuela, Colômbia e outras localidades. Casou-se em 1970, pai de dois filhos.



Sargento José Rodrigues Canella: Nascido em Belém em 1951. Serviu na Base Aérea de Belém de 1969 a 1999 quando foi para a Reserva. Casado, pai de dois filhos.

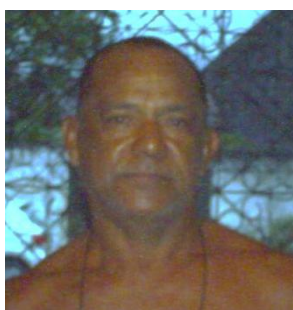


Sargento Ferdinando Duarte Ogorodnik: Nascido no dia 20 de dezembro de 1936 na cidade de Belém. Em 1953 mudou-se para São José dos Campos a fim de ingressar na Força Aérea. Em 1954 ingressou na Aeronáutica aos 18 anos, através de concurso para a Escola de Especialista da

Aeronáutica (Guaratinguetá-São Paulo) no curso de Mecânico de Aviação. De 1956-1960 serviu na Base Aérea de São Paulo. De 1960-1965 serviu na Base Aérea de Santa Cruz, no Primeiro Grupo de Aviação Embarcada (Rio de Janeiro). De 1965-1983 serviu na Base Aérea de Belém. Foi para a reserva em 1983. Em 1968 casou-se, teve dois filhos e 1975 enviuvou. Em 1982 casou-se pela segunda vez com quem vive até e teve outros dois filhos.



Sargento Luís Alberto Santiago Bittencourt: Nascido no dia 15 de julho de 1959 no município de Inhangapi no estado do Pará. Ingressou na Aeronáutica no dia 16 de janeiro de 1978. Serviu inicialmente em Belém. Posteriormente foi transferido para Brasília na Secretaria de Economia e Finanças da Aeronáutica. Atuou ainda em Manaus, na área de aviação civil na Base Aérea de Manaus e Serviço Regional de Aviação Civil. Depois da incorporação ao quadro da reserva em 2008, continua trabalhando como militar prestando serviço na ANAC na gerencia regional de Manaus (2009-2010), agora em Belém (2011). Está no segundo casamento. Tem duas filhas oriundas do primeiro casamento.

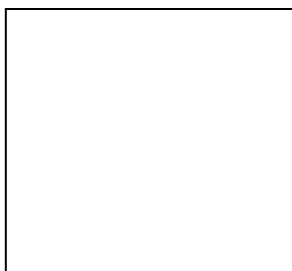


Sargento Jarnélio Leite Gomes Vital: Nascido em Condeixa (Ilha do Marajó). Ingressou em 1966 na Aeronáutica. Em 1973 entrou na Escola de Especialista da Aeronáutica para o curso de Infantaria. Em 1975 retorna a Belém. Serviu na Base Aérea de Belém até 1996, chegando ao posto de Sargento quando incorporado à Reserva. Casado, pai de dois filhos.



Capitão da Polícia Militar do Estado do Pará Ronaldo Braga Charlet: Graduado em História, com Especialização em Patrimônio Histórico e Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Há 16 anos trabalha na PMPA, tendo ingressado no CFSD PM em 1994. Serviu como Soldado PM no Pelotão de Choque e na Companhia de Rádio Patrulha. Após o Curso de Formação de Oficiais foi promovido a 2º Tenente em junho do ano seguinte. A promoção para 1º Tenente PM ocorreu em 2003 e a Capitão em 2007. Como Oficial serviu no 6ºBPM, RPMont, BPCHQ, EME, CFAP. Exerceu as funções de Comandante de Pelotão de

Choque, Oficial Interativo e Comandante do Pelotão de Choque Montado. Desenvolve pesquisas sobre história da Polícia Militar do Pará e gerencia no site da PM a página de História Institucional.



Onofre Oliveira Lima: Nascido em 1940 na cidade de Belém. Trabalhou na Aeronáutica em serviços administrativos, a partir de 1963. Aposentou-se em 1993. Casou-se em 1967 com Olmira Santos com quem teve dois filhos.



Thaís Treptow: Nascida em 1953 na cidade do Rio de Janeiro. Veio para Belém ainda recém-nascida. Filha de militar da Aeronáutica morou em vários momentos na capital paraense. Residente na Vila militar da Força Aérea em Belém. Graduiu-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Trabalhou nas Organizações Rômulo Maiorana, nos Jornal e TV Liberal. Trabalhou também na Prefeitura de Belém. Aposentada, mãe de dois filhos.

## BIBLIOGRAFIA.

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao Regime Militar”. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador Geral); SCHWARCZ, Lília Moritz. (Organizadora do Volume). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes de intimidade contemporânea*. 4ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Organizadoras). *Usos & Abusos da História Oral*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ARAUJO, Rafael Gomes. *1970: A Copa do “Pra Frente Brasil” na Imprensa Paraense*. Belém, 2002. (Monografia de Graduação em História - UFPA).
- ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA USP. *O Controle Ideológico na USP (1964-1978)*. São Paulo: ADUSP, 2004.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BRASIL. *III Encontro Governo-Sociedade*. O Brasil na Virada do Século. Brasília: Presidência da República, 1986.
- BARROS, Edgar Luiz de. *Os Governos Militares*. São Paulo: Contexto, 1991. (Repensando a História).
- BARROS, Keiler do Espírito Santo. *Num Tempo... Página Infeliz da Nossa História e Ditadura Militar em Belém (1964-1968)*. Belém, 2004. (Monografia de Graduação em História - UFPA).
- BRANCO, Carlos Castello. *Os Militares no Poder*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BUARQUE, Sérgio C. & LOPES, Antero Duarte. & ROSA, Teresa Cativo. “Integração Fragmentada e Crescimento da Fronteira Norte”. In: AFFONSO, Rui de Britto Álvares. & SILVA, Pedro Luiz Barros. (Organizadores). *Desigualdades Regionais e Desenvolvimento*. São Paulo: FUNDAP; Editora UNESP, 1995, p. 95-123. (Federalismo no Brasil).
- BURKE, Peter. “Abertura: A Nova História, Seu Passado e Seu Futuro.” In: BURKE, Peter. (Organizador). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANEVACCI, Massimo. *Dialética da Família: Gênese, Estrutura e Dinâmica de uma Instituição Repressiva*. 4ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (Organizadores). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARNEIRO, Luis Assunção Silva. *1º de Maio em Belém durante o Regime Militar (1962-1982): Uma História de Lutas do Trabalhador*. Belém, 2007. (Monografia de Graduação em História - UFPA).
- CASTRO, Celso. *O Espírito Militar: Um Antropólogo na Caserna*. São Paulo: Jorge Zahar, 1990.
- CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (Orgs.), *Antropologia dos Militares: Reflexões sobre pesquisa de campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 14ª Edição. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CHIAVENATO, Júlio José. *O Golpe de 64 e a Ditadura Militar*. 3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Polêmica).
- COIMBRA, Oswaldo. *Dom Alberto Ramos Mandou Prender seus Padres: A Denúncia de Frei Betto contra o Arcebispo do Pará, 1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.
- COSTA, Tony Leão. *Música no Norte: Intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na “MPB” no Pará (anos 1960-1970)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2008.
- DANTAS, Romeu Teixeira. (Organizador). *Coletânea de legislação da PMPA*. Belém: Edições CEJUP, 1997.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas. Cotidiano Operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História, Volume 03).
- DIAS, Paulo Alexandre Lima. *A Repressão Militar do Golpe de 1964: A Ótica da Imprensa de Belém*. Belém, 2004. (Monografia de Graduação em História - UFPA).
- DIEHL, Astor Antônio. “Considerações Finais: Limites e Possibilidades da ‘nova’ cultura historiográfica”. In: *A Cultura Historiográfica Brasileira nos anos de 1980: Experiências e Horizontes*. 2ª Edição. Passo Fundo, UPE, 2004, p. 319-351.
- DONZELOT, Jacques. *Polícia de Família*. 2ª Edição. Rio e Janeiro, 1986.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Tempo da Ditadura: Regime Militar e Movimentos Sociais em Fins do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano).
- GASPARI, Élio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GERMANO, Willington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 1994.
- HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HALL, Michael. “Os Riscos da Inocência”. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH (Departamento do Patrimônio Histórico), 1992, p. 157-160.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOBBSBAWM, Eric. “Revolução Cultural”. In: *Era dos Extremos: O Breve Século XX. 1914-1991*. 2ª Edição. 38ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (BRASIL). *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Da Criação do Ministério da Aeronáutica até o fim da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Villa Rica, 1991. (Coleção Aeronáutica. Série História Geral da Aeronáutica Brasileira, 03).

\_\_\_\_\_. *História Geral da Aeronáutica Brasileira: Janeiro de 1946 a Janeiro de 1956. Após o término da Segunda Guerra mundial até a posse do Dr. Juscelino Kubitschek como Presidente da República*. Rio de Janeiro: INCAER; GR3 Comunicação & Design, 2005. (Coleção Aeronáutica. Série História Geral da Aeronáutica Brasileira, 04).

JANNUZZI, Paulo de Martinho. *Indicadores Sociais no Brasil*. 3ª Edição. 2ª Impressão. Campinas, São Paulo: Alínea, 2006.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. “A História Nova”. In: *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEIRNER, Piero de Camargo. *Meia-volta volver: Um Estudo Antropológico sobre a Hierarquia Militar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

LÖWY, Michael. “Cristianismo da Libertação e Marxismo: de 1960 a nossos dias”. In: RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão (Organizadores). *História do marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil, 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, Augusto César Lobato. *Jovens Estudantes e Ação Cultural no Pará sob a Ditadura Militar*. Belém, 1999. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

MENDONÇA, Sônia Regina de. & FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1992*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1996. (Coleção Princípios).

NAPOLITANO, Marcos. “Pensando a Estranha História Sem Fim”. In: KARNAL, Leandro. (Organizador). *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Respostas*. São Paulo: Contexto, 2004.

NUNES, André Costa. Et Ali. *Relatos Subversivos: os estudantes e o Golpe Militar no Pará*. Belém: Editora dos Autores, 2004.

O'DONNELL, Guillermo. *Contrapontos: Autoritarismo e Democracia*. São Paulo: Vértice, 1985.

PÁGINAS DE HISTÓRIA. Belém: Departamento de História da UFPA, 1998. Volume II. Número 02.

PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PANTOJA, José Amarildo Rodrigues. *Capelão do Golpe: O Envolvimento de Dom Alberto Gaudêncio Ramos no Golpe Militar de 1964*. Belém, 2004. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

PÉREZ, José Manuel Santos. PETIT, Pere. (Edts). *La Amazonia Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca-Espanha: Aquilafuente; Ediciones Universidad Salamanca, 2006.



PETIT, Pere. *A Esperança Equilibrista: A Trajetória do PT no Pará*. São Paulo: Boitempo; Belém: NAEA, 1996.

\_\_\_\_\_. *Chão de Promessas: Elites Políticas e Transformações Econômicas no Estado do Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Organizadora). *Fontes Históricas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRADO, Danda. *O Que É Família*. 12ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. & MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Organizadores). *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta Anos Depois (1964-2004)*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

RIDENTI, Marcelo. “1968: rebeliões e utopias”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *O Século XX: O Tempo das Dúvidas*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, Volume 03, p. 135-158.

ROCHA, Gilberto de Miranda. *Todos Convergem para o Lago! Hidrelétrica Tucuruí. Municípios e Territórios na Amazônia*. Belém: NUMA-UFPA, 2008.

SADER, Éder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Carlos Eduardo. “*Vozes da Rua*”: Cotidiano da População Belenense nas Mudanças para o Regime Militar (1961-1966). Belém, 2007. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhhy C. *Cidade, Habitus e Cotidiano Familiar*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2000.

SILVA, Eduardo. *As Queixas do Povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SILVA, Raimundo Robson Souza. *A Ótica da Cidadania através da Lógica dos Setembros Cívicos na Belém de 1963 a 1969*. Belém, 2002. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

SILVA, Hélio Ribeiro da. *1964: Golpe ou Contra Golpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SILVA, Rogério Ferreira da. *Política Estudantil no Brasil e no Pará (1963-1969)*. Belém, 2006. (Monografia de Graduação em História - UFPA).

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo: 1930-1964*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Brasil: Castelo a Tancredo: 1964-1985*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SOARES, Maria Ediene Pinheiro. *1968: O ano da resistência estudantil à Ditadura Militar*. Belém, 2003 (Monografia de Graduação em História - UFPA).

SOUZA, Edson Belo Clemente de. “O Território e a Região: Análise de Políticas Públicas”. In: SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO, Eliseu Savério. (Organizadores). *Territórios e Territorialidades: Teoria, Processos e Conflitos*. São Paulo: Expressão Popular; UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, p. 341-365. (Geografia em Movimento).

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: O Diálogo é a Violência: Movimento Estudantil e Ditadura Militar No Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 1999.

UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOCIAIS. *Código Familiar: Síntese Doutrinária*. Rio de Janeiro: Vozes, 1954.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *UFPA 50 Anos. Histórias e Memórias*. Belém: EDUFPA, 2007.

## **APÊNDICE.**

### **Roteiro aos militares.**

1. Dados gerais sobre o entrevistado. (Nome, idade, nascimento)
2. Poderia falar de sua experiência na Aeronáutica...
3. Quando foi seu ingresso na Aeronáutica? Como foi?
4. Onde foi o serviço militar e como foi?
5. Quais os momentos mais marcantes de seu serviço?
6. Como era a caserna?
7. Como era seu relacionamento como seus colegas de turma? Oficiais? Superiores?
8. Quanto à escolaridade... Fizestes curso pela Aeronáutica?
9. E quais eram suas funções dentro da Aeronáutica?
10. Quando foi o casamento?
11. Moradia?
12. Filhos?
13. Experiências com festas? Confraternizações?
14. Promoções?

**Roteiros aos familiares.**

1. Dados gerais sobre o entrevistado. (Nome, idade, nascimento).
2. Como era composta sua família? (alguém mais?)
3. Perguntar sobre a vida familiar...
4. Como era sua relação com seu pai?
5. A relação de sua mãe com você?
6. A relação com seus irmãos (caso tenha)?
7. Estudo?
8. Amigos?
9. Trabalho de seu pai e vocês?
10. Atividades da família...
11. Religião...
12. Política...
13. Outros interesses dos pais...
14. Lazer durante a infância, juventude...
15. Grupos (amigos, conhecido, colegas de trabalho...).